

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura

*Ciladas do Amor*



Mora Alves



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Mora Alves

## *Ciladas do Amor*

---

Edição autorizada pela autora.

© 2015 Mora Alves  
moraalves@gmail.com

Capa:  
"Outono", Revista "A Cigarra", abril de 1933.

**Maria Aparecida Araujo Moreira Alves  
(20/08/1963)**

"Projeto Livro Livre"

**Livro 571**



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, da escritora brasileira Mora Alves: “*Ciladas do Amor*”.

É isso!

*Iba Mendes*  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)  
[www.projetolivrolivre.com](http://www.projetolivrolivre.com)

# ÍNDICE

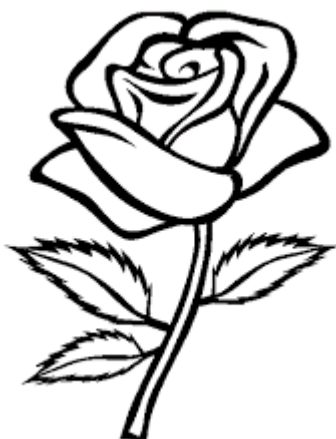
<b>Dedicatória</b> .....	2
<b>Capítulo 1</b> .....	3
<b>Capítulo 2</b> .....	5
<b>Capítulo 3</b> .....	15
<b>Capítulo 4</b> .....	17
<b>Capítulo 5</b> .....	21
<b>Capítulo 5</b> .....	27
<b>Capítulo 6</b> .....	30
<b>Capítulo 7</b> .....	39
<b>Capítulo 8</b> .....	43
<b>Capítulo 9</b> .....	47
<b>Capítulo 10</b> .....	51
<b>Capítulo 11</b> .....	56
<b>Capítulo 12</b> .....	64
<b>Capítulo 13</b> .....	67
<b>Capítulo 14</b> .....	75
<b>Capítulo 15</b> .....	82
<b>Capítulo 16</b> .....	85
<b>Capítulo 17</b> .....	89
<b>Capítulo 18</b> .....	93
<b>Capítulo 19</b> .....	101
<b>Capítulo 20</b> .....	107
<b>Capítulo 21</b> .....	110
<b>Capítulo 22</b> .....	113
<b>Capítulo 23</b> .....	116
<b>Capítulo 24</b> .....	120
<b>Capítulo 25</b> .....	123
<b>Capítulo 26</b> .....	127
<b>Capítulo 27</b> .....	129
<b>Capítulo 28</b> .....	137
<b>Capítulo 29</b> .....	144
<b>Nota</b> .....	148
<b>Bibliografia</b> .....	149



*Libertar-se do passado, será que o amor conseguirá  
apagar as marcas deixadas por ódio e vingança?*

*Uma história surpreendente.*

Mora Alves



### **Dedicatória**

*Para todas as pessoas que acreditam que não há mal que dure para sempre, porque o amor é a força maior que rege o nosso planeta.*

Mora Alves

## CAPÍTULO 1

Mesmo com toda correria e preocupação, ela conseguiu entregar os relatórios e sair meia hora mais cedo do seu local de trabalho. Foi num final de tarde, no início do mês de agosto. Rosie já havia se programado, queria ir para casa e adiantar alguns detalhes que ainda faltavam para aquele reencontro tão esperado.

Trabalhava na maior fábrica de jeans da região, a Starjeans, uma marca muito bem aceita no mercado e distribuída no país inteiro e também exportada para vários países. O escritório ficava bem próximo à Rua José Paulino, e de lá até estação, o que se podia ver eram ruas abarrotadas de pessoas que vinham de diversos lugares do país, todos em busca de melhores ofertas em roupas, vestidos de noivas e até produtos eletrônicos, tudo nas proximidades daquela estação. Justamente naquela tarde, quando um grande temporal se formava, teve que voltar para casa de metrô, pois seu carro enguiçara na noite anterior e só ficaria pronto no outro dia bem cedo. Porém, enquanto caminhava rumo à Estação da Luz, observou o quanto aquela região crescera. Ela tentou se proteger da ventania e tratou de apressar mais o passo, afinal nem tinha pensado em pegar um guarda-chuva. Sua sorte é que estava a poucos metros da estação quando os respingos de chuva a alcançaram. Apressou ainda mais seus passos e rapidamente chegou ao seu destino. A última coisa que queria era ficar encharcada. Ao entrar naquela estação foi surpreendida pelo aglomerado de pessoas que se encontravam ali naquele horário, provavelmente os trens deveriam estar todos atrasados.

- Não valeu de nada sair mais cedo. – pensou ela, enquanto entre um esbarrão e outro encontrou um canto para se acomodar melhor. Ela tinha certeza de que ficaria um bom tempo por ali. Naquele final de tarde estava usando um perfume de fragrância muito agradável. Seu casaco marrom, combinava com suas botas de cano alto. Tirou da bolsa um espelho, queria ver sua maquiagem e como estava sua aparência. Tentou ajeitar os fios loiros e cacheados que estavam totalmente em desalinho, secou seu rosto molhado, e se olhando um pouco mais, notou que apesar da correria e dos respingos, ainda aparentava ser uma mulher muito bonita e atraente dentro dos seus quarenta anos.

Havia em seu semblante, um ar de contentamento. Por diversas vezes se perdera em seus pensamentos, imaginando como seria aquele momento. Quanto tempo já se passara? Quantas coisas ela tivera que enfrentar? Para Rosie foram anos de angústia, agora pensava em recuperar todo tempo perdido, apesar de tudo, era uma nova oportunidade que a vida estava lhe dando.

Ao olhar para o outro lado da estação, viu um rapaz que aparentava no máximo ter uns trinta anos. Ele segurava a mão de uma garotinha, uma menina de traços muito delicados, pareciam pai e filha.



## CAPÍTULO 2

Letícia casou-se ainda muito jovem com Gabriel. Naquela época moravam em Araraquara, a cidade que era conhecida como a “morada do sol”. A maior fonte de renda daquela região, naquela época, era o plantio da cana de açúcar. Os dois jovens cresceram juntos, os pais de Letícia e Gabriel eram muito amigos e todos os finais de semana se reuniam para fazer roda de viola e também jogar conversa fora.

Letícia cresceu ouvindo seu pai tocar violão e ele sempre que podia carregava a menina para esses encontros e o pai de Gabriel também não deixava de ir.

As duas crianças se divertiam, gostavam daquela agitação e das músicas caipiras, para eles não existia felicidade maior do que aquela vida simples que levavam.

E o tempo foi passando, Letícia tornou-se uma linda moça, de cabelos loiros e encaracolados. Ao sorrir duas covinhas se formavam em seu rosto rosado e angelical. Todos os domingos vestia sua melhor roupa e olhava-se no espelho por diversas vezes, ficava imaginado como seria ao encontrar Gabriel. Ela já estava perdidamente apaixonada pelo garoto.

Ele também percebera como Letícia havia se tornado uma moça linda e cobiçada por muitos naquela cidade.

Os pais dela certa tarde tiveram que se ausentar, foram para a cidade visitar um parente que não se encontrava bem e decidiram-se por não levá-la. Pediram que ela ficasse em casa e disseram que não iriam demorar, até ao anoitecer já estariam de volta. Ela ficou chateada em não poder ir, mas aceitou.

Não demorou nem uma hora que eles haviam saído e alguém bateu palmas em seu portão. Ela foi atender, era Gabriel. Naquele momento seu coração disparou, será que deveria ir até lá? Ou deveria somente abrir a janela e pedir que voltasse mais tarde?

Gabriel com apenas vinte anos, era bem alto. Olhos verdes, pele morena, cabelos pretos e lábios carnudos, tinha um olhar envolvente e um jeito sedutor. Sempre que saía para dar as suas voltinhas, levava com ele aquele violão que era seu companheiro inseparável. E foi o que ele fez, pegou seu violão, atravessou a rua e foi para casa dela, queria impressioná-la, iria tocar todas as músicas que ela gostava.

Ele tinha certeza de que ela gostava dele, pois os olhos dela revelavam isso a todo instante.

Ele ficou aguardando, depois de alguns minutos a porta se abriu e Letícia o atendeu com um sorriso de orelha a orelha, um andar faceiro, encostou-se ao portão e perguntou:

- Como vai, tudo bem? - Ela tinha um jeitinho muito carinhoso de tratar Gabriel.

- Tudo ótimo! Está muito ocupada agora? Posso ficar aqui com você um pouco?

- Claro que pode! Você quer entrar? Estou sozinha, meus pais saíram e só voltarão mais tarde.

- Eu? Na sua casa, nós dois a sós?

- Vamos Gabriel, estou te convidando para entrar!

- Letícia... Seus pais podem não gostar.

Mas, enfim, seguiu os passos da amiga e entraram na pequena sala. Tudo muito organizado, algumas almofadas espalhadas pelo sofá, uma mesa no centro da sala e um tapete de crochê, feito pela própria mãe. Havia também uma cadeira de descanso e sobre a estante vários livros, uma televisão e um aparelho de som, aquele que o pai dela não cansava de ouvir seus discos de vinil.

Ela foi buscar uma jarra de suco para os dois e pediu que ele tocasse algo.

Gabriel tocou várias músicas, seus olhares se encontravam diversas vezes não tinham mais como disfarçar, o amor dela era evidente.

Letícia sentou-se ao seu lado, queria ficar admirando a sua beleza, a atração que sentia a cada segundo aumentava mais e sem muitos rodeios Letícia se levantou e colocou suas mãos sobre as cordas do violão, fazendo com que ele parasse de tocar. Inevitavelmente o beijo tão sonhado acabou acontecendo, depois ele a levantou pela cintura e a encostou na parede da sala, deixando que ela ficasse sem movimento, presa em seus braços, entre seus beijos e carícias, não havia mais como parar aquele desejo incontrolável, foram para o quarto dela e se entregaram de corpo e alma.

Depois ficaram ali abraçados, não disseram nenhuma palavra. Letícia dormiu em seus braços, sentindo o calor daquele corpo quente.

Já estava anoitecendo quando Gabriel olhou no relógio, acordou Letícia, beijando-a demoradamente, acariciou seus cabelos loiros e cacheados, que mesmo desarrumados a deixavam mais linda, seu rosto agora parecia mais rosado, a sua boca estava de um vermelho intenso.

Ficaram ali se olhando e mais uma vez o desejo falou mais alto e novamente se entregaram ao amor, esqueceram-se das horas e de repente ouviram um

barulho na porta da sala, os pais dela acabavam de chegar, os dois levaram o maior susto, não tinha mais como fugir daquela situação.

Ela levantou-se num pulo e correu para trancar a porta do quarto, se vestiram mais do que depressa só então Gabriel se lembrou de que a blusa tinha ficado na sala, estava perdido, pensou.

E não demorou muito ouviram:

- Filha, chegamos! Está tudo bem?

- Oi mãe já estou indo. - Disse Letícia com medo que a mãe fosse até o quarto.

Magali olhou ao redor da sala e percebeu algo estranho, era o violão de Gabriel que estava lá, o que estaria acontecendo? E aquela blusa?

Geraldo também percebeu algo diferente, o silêncio, a demora da menina em aparecer, então foi até a porta do quarto, bateu uma, duas vezes e nada.

- Letícia abra a porta, quero saber quem está aí com você.

Na verdade ele já imaginava, pois conhecia aquele violão e aquela blusa jogada no sofá.

- Já estou indo, espere mais um pouco.

Aqueles minutos pareceram horas, não sabia o que faria quando aquela porta se abrisse.

E quando a porta se abriu eis que surge Letícia logo mais atrás Gabriel, os dois pareciam muito assustados e Gabriel foi logo dizendo...

- Eu posso me explicar, eu amo a sua filha.

- Vamos rapaz, vamos para sala, precisamos conversar seriamente.

- Papai, eu amo Gabriel! Disse Letícia quase chorando.

- Não diga mais uma só palavra, senão acabo perdendo a paciência.

Os dois foram caminhando para sala, cabisbaixos, de mãos dadas, não se atreveram a dizer mais nada.

Naquele momento a mãe dela só chorava, pois tinha medo da reação do marido.

Geraldo jogou a blusa para Gabriel:

- Vista-se! Disse rispivamente. - agora não tem mais como correr. Ele estava furioso, nunca havia passado por sua cabeça que a filha fosse capaz de fazer uma coisa daquelas, era uma vergonha para sua família, não, aquilo não estava certo, agora queria uma reparação.

O rapaz pediu para falar:

- Bom, antes que haja algum mal-entendido, quero me explicar. O que aconteceu foi algo inesperado, não tínhamos intenção de fazer nada, o senhor tem que acreditar em mim.

- Agora não adianta se desculpar meu rapaz, sempre confiei em você e nunca imaginei que fosse capaz de me apunhalar pelas costas.

- Papai não diga uma coisa dessas! Eu errei, fui eu que o convidei para entrar e quem insistiu para que ele ficasse aqui, também fui eu. Você não pode acusá-lo de nada.

- Não me diga mais nenhuma palavra. Quanto a você, Gabriel, a partir de hoje não quero te ver mais nem no portão da minha casa. Para mim você não passa de um moleque.

- Mas o senhor precisa me escutar. - Geraldo o segurou pelo braço e por pouco não lhe deu um soco no meio da cara, porém se conteve. Gabriel relutou em sair daquela casa sem dar uma explicação, queria retrucar aquelas ofensas. Ele não pensou duas vezes e puxou seu braço das mãos de Geraldo, num movimento brusco e então disse rispivamente:

- Amo sua filha, mas não fiz nada que ela não permitisse.

Letícia ouviu aquelas palavras, achou até que era um insulto, mas deixaria para conversar depois com ele. Ela olhou para o pai e viu como ele ainda estava furioso com aquela situação, preferiu ficar quieta.

Ao sair ainda no portão, disse a Letícia que depois conversariam, foi quando o pai dela mais uma vez falou furiosamente:

- Não haverá conversa nenhuma meu rapaz, pois hoje mesmo ela vai para casa dos avós. - continuou – o que vocês fizeram não tem desculpas, abusaram demais da minha confiança. Até admirava demais você, agora o que posso dizer é que você caiu demais no meu conceito, e quanto a Letícia, me decepcionou profundamente.

Quem não gostou da decisão de Geraldo foi Magali, - não, ele não poderia fazer uma coisa daquelas.

- Geraldo, você não pode estar falando sério, Letícia é tudo que temos.

- Mas o que ela fez, não dá para esquecer.

A menina ouvia aquela conversa e chorava desesperada, jamais poderia imaginar que sua vida mudaria assim de uma hora para outra.

- Trate de arrumar suas malas agora! - O pai dizia aquelas palavras, mas no fundo só ele sabia como estava sendo difícil tomar aquela decisão, porém não tinha saída, se não fizesse as coisas daquele modo, perderia o respeito. Ela obedeceu a seu pai, sabia que não adiantava implorar, isto não mudaria a decisão dele.

Quanto a Magali, acatava as ordens, pois apesar do marido ser muito bom e não deixar faltar nada, ser um pai atencioso e carinhoso, não poderia contrariá-lo, se ele havia tomado aquela decisão, teria que concordar. Naquela casa a última palavra era a dele.

Enquanto isso na casa de Gabriel, o clima também não estava nada bom, ele teve que contar aos pais o que aconteceu. Seu Juvenal ouviu a tudo abismado, também custou acreditar no que o filho dizia.

Ele considerava Geraldo com um irmão e não concordou com a atitude do filho, também disse a Gabriel que ele havia agido como um moleque, não respeitando a casa dos outros.

Decidiu naquele momento ir conversar com o amigo, queria dizer que também não achava correta a atitude do filho.

Ao chegar ao portão da casa de Geraldo, viu que ele estava encostado no muro da casa, com olhar de poucos amigos, fumando um cigarro. Juvenal sabia que ele era um homem até muito paciente, porém a situação naquele momento era muito difícil.

- Boa noite Geraldo. – disse estendendo a mão para o amigo – estou aqui para conversarmos, entendo seu lado de pai.

Geraldo permaneceu parado, estendeu a mão para o amigo e foi categórico em suas palavras:

- A partir de hoje nossa amizade acabou. Nada do que você ou Gabriel me disserem vai trazer de volta a confiança que tinha nele. Foi uma grande decepção a forma que esses dois agiram, na minha própria casa. Olha, pode ser que com o tempo eu mude de ideia, mas hoje o melhor é não falarmos mais sobre isso.

- Mas meu amigo, não podemos jogar fora tantos anos de amizade, por causa de dois irresponsáveis.

- Tudo bem, você tem razão, me desculpe Juvenal, estou muito nervoso com esta situação, vamos deixar pra lá esse assunto, melhor não falarmos nada agora. Mas quanto ao seu filho, ainda não sei o que dizer. A minha decisão está tomada, Letícia está arrumando as malas, hoje mesmo irei levá-la para casa dos avós, já conversei com minha mãe e ela já está esperando.

Juvenal ficou meio sem jeito com as palavras do amigo, mas se calou. Não tirava a razão dele, um acontecimento daquele para uma família, era uma tragédia, uma desonra muito grande, então foi embora, melhor seria conversar depois.

Enquanto isso Magali estava aos prantos na sala, pensava na filha, o que seria da vida daquela menina dali pra frente, que rapaz de família se interessaria por uma moça que não era mais pura?

Já Letícia estava arrasada com a decisão do pai. Sabia que ia pagar um preço bem caro por tudo, mas não estava arrependida de nada que tinha feito, mesmo sabendo do desgosto que havia causado aos pais.

Ela sabia que tudo só aconteceu foi porque amava Gabriel.

Mas o que é o amor? – pensou Letícia – Será um sentimento que toma conta de tudo, arrasta tudo que estiver pela frente, que muitas vezes corrói a alma? Sim, era desta maneira que ela amava Gabriel, uma mistura de desejos e sentimentos.

Enquanto isso na casa dele, o pai decidiu ter uma conversa séria com ele, pois ainda tinha algumas coisas que não haviam ficado claras.

- Gabriel, o que você fez é de uma tremenda irresponsabilidade, como pôde fazer isso, meu filho? Desrespeitou a casa onde era recebido por todos com tanto carinho. Tem algo que está martelando na minha cabeça e quero que você me responda, mas tem que me prometer que vai ser sincero, quero que me diga o realmente sente por Letícia?

- Pai, eu a amo mais que tudo, sinceramente não esperava que as coisas acontecessem desta forma, mas aconteceu, agora não tem mais jeito, já aconteceu.

- Então vamos esperar a poeira baixar e depois conversaremos com Geraldo, ele ainda está muito nervoso.

A viagem para casa da avó foi muito triste, os dois permaneciam calados, pai e filha. A mãe preferiu nem ir, estava sofrendo demais. Quando chegaram à casa de dona Soraia, ela fez a maior festa, abraçou a neta com carinho e disse:

- Seja bem vinda minha filha!

Foi um abraço tão aconchegante que Letícia desabou a chorar, era isso que ela estava precisando naquele momento.

Geraldo conversou à sós com a mãe, pediu que ela tivesse um pouco de paciência com a menina. Soraia tentou dar alguns conselhos ao filho, mas não tinha conversa, nada o faria mudar de ideia. Para Geraldo também era um momento muito difícil, mas não tinha outra saída, agora era deixar o tempo correr.

E assim os dias foram se passando. Ele sofreu muito com a saudade que sentia da menina, não podia negar, a filha era uma companhia muito agradável naquela casa, sempre feliz e sorridente, amável e carinhosa com ele e com a mãe. Percebia o quanto seu orgulho o fazia sofrer, queria tanto castigá-la, mas acabou sofrendo em dobro. Já não dormia mais direito, não se alimentava, levantava várias vezes à noite e fumava um cigarro atrás do outro, no canavial o serviço já não rendia, sempre com o pensamento em Letícia. E quando voltava para casa, sentia um vazio ainda maior e percebia também como a esposa estava sofrendo, só que ela não ousava reclamar.

Até que uma noite Magali não se conteve e decidiu falar com o marido, aquilo não estava certo, ele precisava ouvir algumas verdades. Foi até o quintal onde ele se encontrava cabisbaixo, cigarro na boca com um olhar perdido e Magali foi direto ao assunto:

- Geraldo, tenho notado você um tanto triste pelos cantos, será que está certo isto? Você está deixando o orgulho falar mais alto em seu coração, está maltratando não só a sua filha, mas a você também. Deixe esse orgulho de lado, vamos buscar nossa filha, ela deve estar sofrendo também longe de nós, a sua decisão foi muito dura, pois mais do que nunca ela precisa do nosso amor e compreensão, senão para que servem os pais? Só para repreender?

Ele até se assustou com as palavras da mulher, já que ela era sempre tão concordata, nunca o contrariava.

- Não vamos falar sobre isso agora, vou pensar direitinho no assunto, te prometo!

Ele a abraçou e os dois foram se deitar, ele tentou dormir, se revirou na cama a noite inteira, apesar de não querer demonstrar fraqueza, tinha decidido. No outro dia iria buscar Letícia.

No outro dia bem cedo quem apareceu no portão foi Juvenal, queria saber como andavam as coisas e ver se o amigo estava mais calmo.

Depois dos cumprimentos, ele tentou iniciar uma conversa de reaproximação.

- Como tem passado? Percebo que está um pouco abatido.

Realmente em poucos dias Geraldo parecia ter envelhecido uns dez anos, barba por fazer, com muitas olheiras, uma pele cansada e um semblante de tristeza que dava até dó.

- Juvenal, realmente ficar longe da minha filha está sendo muito difícil, hoje mesmo vou buscá-la!

- Puxa! Que notícia boa meu amigo, depois que ela voltar, quero conversar com vocês, vamos deixar as mágoas de lado e continuarmos com a nossa amizade, afinal vejo em vocês a família que nunca tive de verdade, pois sempre morei muito distante de todos meus familiares, assim como você meu amigo.

- Tudo bem, está combinado, você sabe que também os considero demais.

- Nunca duvidei da nossa amizade e tinha certeza que o tempo faria com que nos reaproximássemos.

Os dois se abraçaram e Juvenal desejou boa sorte na viagem que o amigo faria.

Enquanto isso em outra cidade Letícia também vivia seus dias de tristeza e solidão, mesmo com a atenção dos avós, mesmo com todos mimos, nada a tirava daquela tristeza profunda. Dona Soraia já estava até ficando preocupada, pois a menina não se alimentava direito, não dormia durante a noite, ficava só perambulando pela casa. Ela sempre se perguntava, por que o pai não perdoava logo a menina e parava com aquele orgulho bobo? Quando ele aparecesse por lá, iria conversar seriamente, faria com ele voltasse atrás naquela decisão.

E foi logo depois do almoço que ele apareceu por lá, um tanto sem graça. Magali estava com olhos vermelhos, parecia que havia chorado. Soraia perguntou ao filho:

- Aconteceu alguma coisa? Que caras são essas? - continuou a mãe – Não venha me dizer que veio aqui para brigar ainda mais com a menina, desta vez eu não vou permitir, você já deu o castigo que queria, agora chega!

- A Magali está chorando de saudade de Letícia e eu vim aqui hoje, porque quero levá-la embora comigo.

- Você não sabe como fico feliz em ouvir essas palavras meu filho, Letícia já sofreu demais e pelo que vejo, você também sofreu, olha como está mais magro, abatido. Você acha que valeu a pena todo esse seu orgulho, hein meu filho?

Naquele momento Letícia entrou na cozinha, seus olhos estavam vermelhos do tanto que chorara naqueles dias, ela não se conformava com a decisão do pai,



apesar de seus avós serem tão carinhos e atenciosos com ela, sentia falta da sua casa e também dos seus pais, sem contar da saudade que sentia de Gabriel.

Magali correu para abraçar a filha, as duas choraram juntas.

Geraldo era um homem muito bom, mas se fazia de durão, não queria demonstrar para filha o quanto sofrera, limitou-se a falar:

- Letícia, arrume suas malas. Vamos embora para casa, está na hora de voltar.

- Jura? – Ela correu e deu um beijo no rosto de seu pai. Na mesma hora se esqueceu de todo sofrimento daqueles dias. Correu para arrumar suas coisas e sua avó foi ajudá-la. Enquanto faziam as malas Letícia disse:

- Obrigada por tudo! Sou muito grata a senhora e ao vovô, e me desculpem por ser uma garota tão rebelde.

- Filha você não é rebelde, você é uma menina maravilhosa e tenho certeza que Gabriel será o grande amor da sua vida!

- Jura vovó? – ela estava radiante de felicidade, voltar e reencontrá-lo era tudo o que ela mais desejava.

- Tenho certeza!

Ficaram para jantar, Magali ajudou a sogra. Logo depois do jantar decidiram partir, pois a viagem seria longa.

A viagem de volta foi tranquila falaram sobre coisas sem muita importância, só para o tempo passar mais depressa. Chegaram tarde da noite, e qual não foi a surpresa quem estava lá do lado de fora da casa, era Gabriel. Letícia levou um susto, seu coração disparou, suas mãos ficaram geladas, a vontade que sentia naquele momento era correr para seus braços, mas se conteve.

Ele ainda a olhou demoradamente, Geraldo percebeu mas não fez nenhum comentário, naquele momento queria ficar em paz, estava cansado de brigas.

E os dias foram se passando, Gabriel tentava ver Letícia, mas a garota não saía de casa, parecia que ainda estava com medo do pai.

Então quem apareceu por lá foi Juvenal. Queria conversar com o amigo mais do que depressa. Geraldo foi atendê-lo, convidou-o para entrar.

Então Juvenal já foi logo dizendo:

- Quero lhe fazer um convite. Neste final de semana, vamos preparar um almoço e depois vamos fazer uma roda de viola, faço questão da presença de vocês!

Letícia limitou-se a olhar para o pai, ainda ficava com vergonha de encará-lo, se sentia um pouco constrangida, só o tempo mesmo para que as coisas voltassem ao normal.

Depois de muito tempo conversando, Juvenal decidiu ir embora, pois tinha combinado com sua mulher de irem ao mercado.

E assim se passaram dois dias, e Gabriel decidiu que não iria esperar até o domingo para o almoço, ficou vigiando a casa de Letícia, quem sabe ela não aparecia no portão. E finalmente ela apareceu, estava saindo para ir até o mercado para sua mãe. Quando ela o avistou, seu coração disparou, suas pernas começaram a tremer, sentiu um aperto no coração, um nó na garganta, coisas que nem ela saberia explicar. Sentiu como se não fosse conseguisse dar mais nenhum passo. Foi então que ele se aproximou:

-Letícia! Que bom te ver! – as palavras de Gabriel demoraram a sair, sua vontade naquela hora era de abraçá-la demoradamente. – Estou com muitas saudades.

Ela abaixou a cabeça, ficou sem saber o que falar, seus olhos se encheram de lágrimas. Gabriel segurou suas mãos, percebeu como estavam geladas. Ele a abraçou, e sussurrou baixinho em seu ouvido:

- Nunca mais quero ficar longe de você. Eu te amo!

- Eu também te amo! E posso dizer isso com toda certeza do mundo.

- Te prometo, que assim que as coisas se resolverem iremos nos casar.

Ele segurou suas mãos e continuou:

- Vou conversar com o seu pai depois, vamos resolver essa situação.

- Fico muito feliz ouvindo isso de você! Agora preciso ir, senão minha mãe pode não gostar de me ver aqui conversando com você.

- Tudo bem Letícia, neste domingo terá o almoço lá em casa, ai sim poderemos conversar melhor e acertar as coisas com seu pai.

Ele soltou suas mãos e deixou que ela fosse embora.

Os três dias que faltavam para chegar o domingo pareceram uma eternidade. Letícia contava as horas, os minutos, estava ansiosa demais.

### CAPÍTULO 3

Enfim chegou o domingo, foram todos para casa de Juvenal, a mãe de Letícia fez questão de levar um bolo de milho delicioso, receita que ela não contava pra ninguém.

Josefa, a mãe de Gabriel estava na cozinha, terminando de preparar o almoço. O cheiro que vinha da cozinha deixava todos com água na boca, até porque ela era uma cozinheira de mão cheia, assim diziam os amigos. Especialmente naquele dia ela havia preparado uma carne assada, com um tempero que só ela sabia fazer, também preparou um arroz e uma salada de legumes. De sobremesa preparou um bolo de milho verde, afinal esta era a sobremesa que Gabriel mais gostava.

A conversa na sala corria animada, Geraldo e seus amigos ensaiavam algumas músicas, fizeram uma roda de viola e Gabriel tentava acompanhá-los. Na cozinha as mulheres trocavam receitas. Da sala dava para ouvir as gargalhadas de Josefa, afinal ela era uma mulher muito animada e divertida, era impossível ficar perto dela e ficar triste. Para Josefa não havia tempo feio, ela não deixava a tristeza entrar.

Naquela casa tudo era muito simples, mas o que não faltava ali era amor, carinho e respeito, não só entre eles, mas entre todos que ali frequentassem.

E foi nesse clima descontraído que o almoço foi servido. Prepararam uma grande mesa no quintal dos fundos da casa e as mulheres capricharam na sua decoração, colocaram os pratos e talheres de um lado e no meio as travessas de porcelana que a mãe só usava em ocasiões especiais. No outro canto montaram uma mesa só com as sobremesas e o vinho que Geraldo levou.

Gabriel fez questão de se sentar perto de Letícia, e por debaixo da mesa, segurava sua mão, seus olhos de vez em quando se encontravam.

Foi quando Josefa pediu um minuto de atenção, queria falar alguma coisa, todos silenciaram.

- Tenho algo muito importante para falar! Quero que prestem atenção!
- Mas o que será que essa mulher tem de especial para falar? – pensou Juvenal.
- É em nome de Gabriel que vou começar a falar.
- Então fala logo mulher! - Disse o marido um tanto ansioso.

Gabriel segurou a mão de Letícia com mais força.

- Bem... Quem vai falar é o próprio Gabriel... Vamos meu filho, o que você tem a dizer?

Houve um momento de descontração, todos riram pela forma que Josefa deu início a conversa.

Ele se levantou, puxou Letícia, ficaram os dois de pé, o silêncio naquele momento se fez maior.

- É verdade! Quero aproveitar esta ocasião hoje, e dizer que quero me casar com Letícia, com certeza ela é e sempre será o grande amor da minha vida. Seu Geraldo me perdoe a forma que encontrei para dizer estas palavras, mas quero que saiba que a farei a mulher mais feliz deste mundo.

Letícia ficou muito emocionada, estava tão feliz que, não conseguiu dizer uma única palavra, simplesmente sorriu.

Geraldo levantou-se e foi até Gabriel, então o silêncio naquele momento se fez maior ainda. Letícia estremeceu, pensou se realmente o pai havia perdoado Gabriel, se realmente ele havia deixado de lado a mágoa e o ressentimento.

- Eu o conheço desde muito pequeno, o seu pai é para mim mais do que um amigo, o considero como um irmão, e é em nome dessa amizade, em nome do amor que sinto pela minha filha, que digo que estou de acordo. A partir de hoje você já pode se considerar uma pessoa da nossa família.

Então Gabriel tirou do bolso uma caixinha, com um par de alianças, Juvenal, ficou surpreso, Letícia até chorou de emoção.

Todos os convidados se levantaram e aplaudiram, foi realmente um dia muito feliz naquela casa.

## CAPÍTULO 4

Depois daquele almoço os dias pareceram voar. Gabriel passou a trabalhar muito mais no canavial, tudo o que ganhava era para mobiliar a casa que eles iriam morar. Juvenal fazia questão que eles ficassem morando na casa dos fundos, era uma casa pequena, mas dava muito bem para os dois começarem a vida deles ali. E eles concordaram.

Era muita felicidade, e o tempo foi passando. Já fazia quase um ano que Gabriel havia pedido Letícia em casamento, já tinham até uma data marcada. E realmente o dia tão sonhado e esperado chegou. Gabriel passou o dia todo ansioso, a insegurança se apoderou dele, sabia da responsabilidade que estava assumindo e o passo importante que estava dando em sua vida.

Poucas horas antes do casamento foi até a casa dela, queria conversar um pouco, tirar aqueles pensamentos negativos de sua cabeça.

Ao olhar para ela não teve coragem de dizer uma única palavra, pois Letícia estava radiante de alegria, ao vê-lo chegar, correu para o abraço e lhe disse em poucas palavras:

- Hoje será o dia mais feliz da minha vida!

Então Gabriel achou melhor deixar pra lá, depois conversaria com ela. Voltou para sua casa. E a hora tão esperada chegou, foi um casamento inesquecível, a igreja estava toda enfeitada com flores, a noiva estava radiante. Geraldo se esforçou ao máximo para não chorar, Magali não se conteve, foi muita emoção, deixou que as lágrimas caíssem livremente de seus olhos.

Depois da cerimônia, seguiram para casa dos pais de Letícia e foi festa a noite inteira, os noivos dançaram e se divertiram muito e como não podia deixar de ser, teve moda de viola e cantoria até o raiar do dia.

Não foram viajar, ficaram por ali mesmo, queriam aproveitar cada segundo juntos. Depois de uma semana, Gabriel voltou a trabalhar, e tudo voltou ao normal.

Não demorou muito tempo e Letícia deu à luz a pequena Rosie, uma menina que encantava à todos naquele lugar.

Nos finais de semana as famílias ainda se reuniam com os amigos e faziam roda de viola, na varanda da casa. Foi assim que a pequena Rosie cresceu, ouvindo músicas de Cartola, Paulinho da Viola entre tantas outras. Porém havia uma música que a menina sempre pedia para que os avós tocassem no violão: “Chão de estrelas” de Silvio Caldas, aquela música invadia sua alma e ela sentia uma

saudade enorme que não sabia explicar de onde vinha, apesar de sua pouca idade.

Não possuíam muito poder aquisitivo, porém na medida do possível conseguiam se manter com o dinheiro ganho no plantio da cana de açúcar. A maior diversão daquela época eram os passeios de trem que as pessoas costumavam fazer, e seus pais não fugiam à regra. Gabriel era muito amoroso e carinhoso com a família. Até os nove anos, Rosie foi uma criança muito alegre, sem imaginar que poderia haver qualquer tipo de problema capaz de abalar seus sonhos de menina.

Foi no mês de janeiro, num domingo ensolarado, que seus pais acordaram mais cedo do que o habitual. Gabriel fez questão de preparar o café da manhã e depois foi até o quarto de Rosie para acordá-la com um beijo carinhoso.

- Bom dia! Vamos garota! Chegou o dia de fazermos nosso passeio favorito! - disse ele feliz e radiante.

Ela ainda meio sonolenta foi abrindo os olhos lentamente, se espreguiçou, cobriu o rosto com o lençol. O pai não esperou nem um minuto e já foi puxando as cortinas e abrindo a janela, escancarando tudo e deixando que a claridade da manhã invadisse o quarto, mostrando o dia lindo que estava lá fora. Ela se revirou tentou dormir, mas ele puxou o lençol.

- Papai, posso dormir só mais um pouquinho? – disse tentando puxar o lençol de volta.

- Não, minha querida. Vamos aproveitar cada segundo deste dia, sua mãe já se trocou e está preparando algumas coisas para levarmos, vamos. – Mais uma vez ele a beijou e Rosie correspondeu com um sorriso nos lábios. Quando o pai saiu, ela mais do que depressa, tomou coragem e se levantou, correu para janela e olhou o dia lindo que estava lá fora, foi se trocar. Logo após o café, saíram para o grande passeio. Ao chegarem à estação ferroviária, já havia uma fila enorme. Gabriel correu para comprar as passagens, enquanto as duas aguardavam na fila. Era comum nos passeios de domingo as pessoas usarem a melhor roupa, todos faziam questão de ficarem impecáveis. Não demorou muito e o trem se aproximou e todos se acomodaram. O barulho do apito do trem, fez com que o coração de Rosie disparasse de alegria. Ela sentiu o abraço aconchegante da mãe, enquanto seu pai segurava sua mão com tanta firmeza que ela naquele momento se sentiu a menina mais feliz do mundo.

Porém as coisas com o passar do tempo foram se modificando. Gabriel começou a se envolver em jogos de baralho.

Foi logo após seu reencontro com alguns camaradas do tempo de escola.

Tudo começou quando certa tarde ao voltar do canavial, encontrou Pedro, um rapaz que morou durante muito tempo perto de sua casa.

- Olha só quem eu encontro por aqui! – disse Pedro admirado com a presença de Gabriel.

- Como está meu amigo? Vejo que a mudança de cidade te deixou com uma aparência muito melhor! E seus pais, ainda moram aqui em Araraquara? – disse ele também um tanto impressionado com a presença do amigo de outros tempos.

- Eles continuam morando no mesmo lugar. Fui embora desta cidade, mas agora estou voltando.

- Minha nossa! Depois que eu me casei, perdi contato com todos meus amigos.

- Ah, mas você precisa sair, só trabalhar e cuidar da família não dá! Apareça em minha casa, todas as noites juntamos uma turma e ficamos jogando baralho até tarde. Se você for, não vai se arrepender, dá até para ganhar alguns trocados.

- Pode deixar, qualquer hora apareço por lá! – Gabriel falou, mas não foi muito convicto em suas palavras, sabia que Letícia não ia gostar nem um pouquinho daquela história.

Os dois conversaram um pouco mais e depois se despediram. Gabriel ficou um tanto pensativo com o convite do amigo.

Porém, o que ele não sabia era que o sumiço de Pedro estava ligado a problemas com a justiça. Ele saíra foragido, com muita dívida por causa de jogos e pelo jeito ainda não tinha aprendido.

Não passou nem um mês e lá estava Gabriel na porta do amigo.

Pedro morava numa casa muito grande, rodeada por muros altos e brancos, a casa era vista pela vizinhança como a mais bonita daquele bairro. Ele bateu palmas e Pedro apareceu sorridente para atendê-lo:

- Gabriel, mas que surpresa boa!

- Estava sozinho em casa e decidi fazer-lhe uma visita. – Mentiu.

- Vamos entrar, vamos até a cozinha tomar um bom vinho e colocar a conversa em dia. Você chegou na hora certa! Hoje é o dia em que nos reunimos para fazer nossas apostas e jogar um pouquinho, você sabe, a vida nesta cidade é muito pacata, com certeza você sairá com uma grana a mais no bolso hoje. - Pedro transmitia uma segurança na sua forma de falar, com tanta convicção que Gabriel até se empolgou com a ideia.

- Pensando bem, que mal há em ficar um pouco com os amigos?

Os dois gargalharam descontraidamente.



## CAPÍTULO 5

Enquanto isso Letícia estava preocupada demais, Gabriel disse que iria dar uma saída, mas que voltaria logo, porém já passava das oito e nada dele aparecer. Então ela decidiu ir com Rosie na casa de sua mãe, quando lá chegou o portão estava só encostado.

- Boa noite, mamãe. – Disse Letícia beijando-a carinhosamente.

- Boa noite filha! Já jantaram? Fiz aquele feijão tropeiro que vocês tanto gostam. Rosie abraçou a avó pela cintura e as duas foram se sentar no sofá da sala.

- Hum... Não posso recusar, vou preparar um prato para nós! Sabe mãe, preparei o jantar, mas não gosto de servir antes de Gabriel chegar, estou até um pouco preocupada. – dizia ela enquanto colocava a comida em seu prato, realmente estava com cheiro delicioso, encostou um pouco mais o rosto em seu prato queria sentir o aroma delicioso que aguçava ainda mais seu apetite.

Já passava das dez quando ela decidiu ir embora, com certeza ele ainda não havia chegado, senão teria ido até lá. – pensava ela enquanto retornava para casa.

Já passava das duas da madrugada quando ele chegou. As duas estavam dormindo, Letícia tinha cansado de esperar pelo marido.

Porém aos poucos ele foi se interessando cada vez mais pelas partidas de truco. Sempre que chegava em casa, Pedro perdia totalmente a noção da hora. Os jogos eram regados a muitas bebedeiras e algumas companhias desagradáveis.

- Tudo bem, vou jogar só mais uma partida e depois eu paro! – Era o que sempre dizia, porém quando se dava conta, já estava amanhecendo. Cada vez mais jogava valores mais altos, só pensava em se divertir. Queria ter mais liberdade, e com tudo isto a família começou a ficar em segundo plano. Tudo que ganhava passou a ser somente para pagar suas apostas. Já não havia mais passeios e nem dinheiro para as despesas do mês e as dívidas foram se acumulando e os credores passaram a ser visitas constantes naquele lar.

Todas as noites quando chegava em sua casa, eram brigas e discussões. Letícia o ameaçava, dizendo que deixaria tudo para trás e que voltaria para casa dos pais. Ela dizia aquelas coisas somente para amedrontá-lo, na verdade o amava mais do que tudo. Porém os meses iam se passando e a situação naquela casa se tornava cada vez mais difícil.

Certa noite Letícia decidiu que esperaria por Gabriel, queria ter uma conversa séria com ele. Pediu para Rosie se deitar mais cedo. Ela obedeceu, mas seu

coração de menina lhe dizia que as coisas não andavam nada bem. Do seu quarto, conseguia ouvir os passos que vinham da sala, dava para ter uma noção do quanto sua mãe estava nervosa. Foi quando o pai chegou, ela ouviu o barulho da porta se abrindo e ouviu quando a mãe disse:

- Gabriel, você não respeita mais as pessoas desta casa? Não acho certo tudo o que está fazendo conosco, você já passou dos limites. – dizia ela enquanto acendia a luz da sala, já um tanto transtornada. Naquele momento sua vontade era de esmurrá-lo, parecia até que todo amor, carinho e respeito, em pouco tempo se transformara em mágoa e rancor.

Ele não estava para conversa, queria paz, estava esgotado e já não tinha mais esperanças de resolver aquela situação. Letícia continuou:

- Precisamos ter uma conversa séria, não podemos mais continuar assim, quero que decida o que vai fazer da sua vida. O modo que escolheu viver, já não condiz mais com os meus planos, precisamos resolver esta história de uma vez por todas.

- Letícia, estou muito cansado e preciso dormir, amanhã falaremos sobre o que você quiser, mas hoje não! – foi categórico, nem deixou que ela terminasse a frase, simplesmente virou as costas e saiu.

Ela correu em sua direção.

- Basta! Você já passou dos limites. – Letícia segurando o braço dele com força, suas mãos estavam trêmulas, seria muito difícil, mas queria que ele decidisse logo aquela situação.

- Sinto muito, não vou ficar aqui ouvindo seu interrogatório. – Ele falava evitando olhar em seus olhos e ela num ato de descontrole segurou-o com mais força e o empurrou para o sofá, ele ficou imóvel, cruzou os braços e deixou que ela falasse:

- Definitivamente! Nosso casamento acabou, vou voltar para casa dos meus pais.

- Se é assim que você quer, não posso fazer mais nada. – ele evitava olhar em seus olhos.

Rosie do seu quarto ouvia tudo, sentiu seu coração bater mais forte, não queria acreditar. Não poderia ser verdade, o pai deveria estar só de pirraça com a mãe.

Letícia ficou possessa com o pouco caso, não esperava tanta frieza da parte dele e num momento de fúria, pegou um jarro de flores que se encontrava sobre a mesa e o arremessou contra a parede. O barulho fez com que Rosie se

levantasse e corresse para sala, ela estava com muito medo, os dois estavam tão descontrolados que não perceberam a presença dela ali.

- O que você fez, não tem perdão, não tem desculpas. O nosso casamento chegou ao fim, você não tinha o direito de passar por cima de todo amor que sentíamos um pelo outro!

Foi quando Rosie assustada começou a chorar, correu para os braços do pai e disse aos prantos:

- Eu não quero ir para lugar nenhum, quero ficar aqui com vocês!

Gabriel apertou a filha em seus braços e caiu também num pranto sentido. Infelizmente seu mundo estava desmoronando, ele tinha consciência do mal que já havia causado às pessoas que ele mais amava. Quando disse que não se importava, foi somente para ver se Letícia mudava de ideia.

- Filha me perdoe! Eu sei quanto sofrimento causei à vocês. – Lágrimas escorriam por sua face já marcada por tantas noites em claro e a vida desregrada que escolhera viver. – continuou - Letícia não tome nenhuma atitude precipitada. Você é a minha última esperança, sei que acabei me tornando um ser desprezível. – ele já sabia que seu mundo desabara. – Não sei o que fazer. Quando comecei a jogar, não pensei que as coisas chegariam a este ponto. – continuou falando. – Eu prometo, vou resolver esta situação, pois do jeito que está não pode mais ficar. Posso ter cometido muitos erros, posso ter me tornado um ser egoísta e mesquinho ao pensar só em mim. Realmente fui um fraco, mas nunca duvide do amor que sinto por você e por nossa filha.

- Como Gabriel? Não acredito mais em nenhuma palavra sua, já chega, acabou.

- Não sei, vou me virar, encontrarei uma saída. Pode ter certeza que não vou ser o marido e nem o filho ingrato e causar tanto desgosto para nossa família.

- Agora é um pouco tarde para querer consertar seus erros, já estou decidida. – dizia ela fingindo que não acreditava, porém tinha muita esperança de que ele estivesse falando a verdade.

Rosie não parava mais de chorar, viu quando sua mãe foi para o quarto e não demorou nem cinco minutos e já estava de volta com umas roupas de cama, jogou sobre Gabriel.

- Não quero mais você dormindo no mesmo quarto que eu, cansei de você e de suas atrapalhadas. – naquele momento se aproximou e puxou Rosie, levando-a para seu quarto.

Ele ficou ali sozinho, se remoendo, não conseguia parar de pensar num jeito de resolver aquela situação, pois da maneira que as coisas se encaminhavam, ele acabaria por perder também sua família.

Enquanto isso em seu quarto, Letícia chorava desconsolada. Na verdade ainda o amava demais e só havia dito todas aquelas palavras, porque queria dar um susto nele. Ela abraçou Rosie e tentou consolá-la, pois a menina também não parava de chorar e de pedir para mãe não ir embora. Com muito custo as duas adormeceram.

Gabriel ficou mais um tempo ali, não conseguia dormir, ficou se revirando naquele sofá. Então decidiu se levantar e foi examinar a maleta que havia trazido com ele, examinou alguns papéis e ainda fez algumas anotações, depois guardou tudo de volta e colocou a maleta atrás da estante. Já estava quase amanhecendo quando se dirigiu para casa dos pais. Quando abriu a porta, sentiu um aperto no coração. Como num filme, vieram as lembranças de sua infância e de todos os momentos bons vividos naquele lar. Ele realmente estava arrependido, chorou feito uma criança então decidiu colocar um fim naquele sofrimento, já não havia mais saída, ele não tinha mais como voltar atrás. Pegou a arma do pai que ficava guardada na estante da sala, correu para o quintal e se matou. As duas acordaram com o barulho que se fez naquele momento, correram para o quintal. Rosie viu quando a sua mãe correu e se debruçou sobre o corpo do seu pai, já sem vida, ela chorava e gritava descontroladamente, aos prantos pedia para que tudo aquilo fosse um pesadelo. Ao ver aquela cena Rosie ficou imóvel, suas pernas tremiam descontroladamente. Seu avô mais do que depressa a levou para o lado de fora da casa, ainda era madrugada, ela queria saber por que tudo aquilo estava acontecendo e ao mesmo tempo queria muito que tudo fosse um pesadelo e que logo mais iria acordar.

Mas não, era a dura realidade que teria de aceitar, seu pai foi enterrado no outro dia, foi um choque tremendo, perder aquele que ela tanto amava. Era uma menina ainda e já estava sofrendo um duro golpe em sua vida.

Logo após o sepultamento, todos retornaram para seus lares. Letícia quando entrou em casa, sentiu um vazio em sua alma, seria muito difícil viver longe daquele que ela tanto amava, pois apesar de tudo nunca tinha deixado de amá-lo. Estava com seu olhar perdido em algum ponto daquela sala. Foi quando viu uma maleta bem atrás da estante. Correu para pegá-la, nunca tinha visto aquela maleta por ali. Provavelmente Gabriel a trouxera junto com ele naquela noite fatídica. Ao examinar tudo que estava ali dentro, encontrou vários documentos da casa e uma procuração onde ele deixava a casa como pagamento para suas dívidas em jogos. Num outro bolso havia um bilhete, ela mais do que depressa começou a ler, queria saber o que de fato tinha acontecido com Gabriel, talvez ali encontrasse uma resposta para uma atitude tão radical. Naquele bilhete ele

se despedia de todos e pedia desculpas aos seus pais, por ter se tornado uma pessoa tão fraca e por ter colocado o imóvel como pagamento para suas dívidas. Ela sentiu uma tristeza profunda e ao mesmo tempo ficou muito decepcionada, o remorso também a corroía por dentro, aquela mistura de sentimentos só fazia com que ela sofresse ainda mais. Talvez se ela tivesse sido mais compreensiva, se tivesse tentado ajudá-lo de alguma outra maneira, talvez ele não tivesse feito o que fez, pensou. Depois ela se dirigiu para casa dos sogros e entregou a maleta e o bilhete, os dois leram abismados, pois até então eles não sabiam da negociação da casa, ficaram chocados com aquela revelação.

- Nunca pensei que Gabriel pudesse fazer uma coisa dessas conosco. – disse Juvenal.

- É muito doloroso saber que o nosso Gabriel já não está mais aqui. – lágrimas escorriam pelo rosto de sua mãe.

- Porém se ele tivesse nos contado, teríamos dado um jeito! – falava Juvenal tentando arrumar a toalha da mesa, evitou olhar nos olhos de Letícia, se segurou para não chorar.

- Eu também ainda não estou acreditando que tudo isso seja verdade, parece até que a qualquer momento, ele vai entrar por aquela porta e correr para abraçar Rosie. – continuou Letícia – Meu Deus! O vício de Gabriel acabou com ele e com nossas vidas.

- Eu não entendo por que você Letícia, nunca comentou conosco, tudo o que estava acontecendo com ele. - Falou Josefa, cerrando suas sobrancelhas.

- Eu não queria preocupá-los, sempre achei que ele iria mudar. Naquela noite, tivemos uma discussão tremenda, ameacei deixá-lo, mas tudo que disse foi somente para assustá-lo, nunca pensei que tudo acabaria acontecendo desta forma.

- Minha filha, preciso ser franca! Você deveria ter nos contado, você errou, hoje tudo poderia ser muito diferente.

- A senhora não pode falar assim, tentei ajudá-lo todos esses meses, na esperança de que ele entendesse o quanto era importante para nós, porém ele foi se afundando cada vez mais naquele vício maldito.

Juvenal percebeu que se não interferisse, aquela conversa acabaria tomando outro rumo e não era isso que ele queria.

- Vamos parar com esta discussão agora! Isto não vai trazê-lo de volta. Infelizmente ele foi muito precipitado e muito egoísta, fugindo de suas responsabilidades desta maneira. Todos nós estamos sofrendo demais.

As duas ouviram e ficaram quietas, realmente, não adiantava mais discutir.

- Agora preciso ir. – Letícia abaixou a cabeça e saiu. Não esperou por mais nenhuma palavra. Estava sofrendo demais, e as palavras de sua sogra só serviram para que ela se sentisse mais culpada ainda. Apesar de todo sofrimento, ela precisava encontrar forças e cuidar de Rosie.

Realmente uma semana depois do sepultamento apareceu por lá um sujeito com cara de poucos amigos, disse para Juvenal que todos teriam que sair dali, pois Gabriel já havia negociado o imóvel como forma de pagamento da dívida. Eles ficaram profundamente magoados e revoltados, porém acabaram aceitando aquela situação.

## CAPÍTULO 6

Letícia resolveu voltar para casa dos pais. Juvenal e Josefa decidiram que iriam morar no interior de Minas Gerais, perto da família de Josefa, pois lá com certeza ela encontraria o apoio e consolo que tanto precisava. E não havia se passado nem quinze dias ainda quando decidiram partir, contudo antes de partir Josefa fez questão de procurar pela nora.

- Hoje estamos indo embora, vim aqui me despedir de você e de Rosie. Sei que nada fará com que meu filho volte, também sei o quanto estão sofrendo com a ausência dele, porém vamos deixar o tempo correr, quem sabe um dia conseguiremos superar tudo isto. Me perdoe pelas bobagens que falei outro dia.

- Eu entendo! Não precisa se desculpar! Fiz o que achei que deveria fazer. Não sei se agi certo.

A conversa foi interrompida, Rosie apareceu na sala, estava ainda um tanto abatida... Para Josefa seria muito difícil ficar longe da menina, sempre que olhava para ela, via a figura de Gabriel ainda pequeno, sempre grudado na barra da sua saia. Sentia uma dor em todo seu ser, parecia até que aquela dor nunca mais teria fim. Mas o tempo, somente tempo faria com ela se recuperasse de toda aquela tristeza. Ela beijou e abraçou várias vezes a menina.

- Prometo que voltarei para visitá-las! – disse aquelas palavras secando duas lágrimas que teimavam em cair de seu rosto.

- Por favor, dona Josefa não chore! A senhora sempre será muito bem vinda aqui, pode ter certeza.

Elas se despediram e Josefa partiu com seu marido, ele a todo custo evitou uma despedida, não queria se mostrar um fraco.

Havia noites em que Rosie não conseguia dormir, acreditava que aquela cena nunca mais se apagaria de sua memória. Teve que aprender a superar a grande falta que o pai fazia, passou a ver em seu Geraldo a figura paterna, o carinho que sentia por aquele velhinho tão bondoso que muitas vezes confortava seu coraçãozinho tão castigado pela saudade. Todas as tardes ele ia buscá-la na escola e os dois vinham conversando, falando das novas amizades e descobertas. Cada dia era uma novidade para pequena Rosie, e ela era feliz apesar de ter vivido aquela grande perda. Já a sua mãe se culpou durante muito tempo pelo ato impensado de Gabriel. Sempre se lembrava da última conversa que tiveram, nunca poderia imaginar que aquele dia seria o fim, somente o tempo poderia apagar de sua memória as tristes recordações, ela sempre dizia isso.

E o tempo foi passando... Quando Rosie completou quatorze anos, sua avó ficou gravemente enferma. Não conseguiam descobrir a sua doença, e havia dias em que ela pedia para partir, já não suportava tamanho sofrimento. E Deus ouviu suas súplicas e numa madrugada de muito calor naquela região, Magali faleceu. Para Rosie foi mais um duro golpe, Letícia sempre que podia tentava confortá-la.

- Rosie, sua avó estava sofrendo demais e Deus foi misericordioso com ela, livrando-a de suas dores.

- É! Não podemos ser tão egoístas, vovó até que suportou tudo com muita coragem, entendo o que o que senhora está me dizendo, sabe mãe, ela vai fazer muita falta em nossas vidas.

- Foi sua avó que me confortou nos momentos mais angustiantes de minha vida. Ela foi meu porto seguro, a mão amiga, porém neste momento devemos ser mais fortes, pois ainda temos o nosso querido vovô, que também vai precisar demais do nosso carinho e atenção. – Letícia dizia aquelas palavras se perguntando, porque a vida tinha que ser assim, era muito difícil aceitar o que a vida lhe impunha, porém naquele momento, precisava mais uma vez confortar Rosie.

- Concordo!

As duas se abraçaram e foram para varanda, estava uma manhã agradável, prometia ser um dia de muito calor.

Por algum tempo a solidão e o vazio permaneceram naquela casa. Todos procuravam de alguma forma, superar a ausência de Magali e foi assim durante dois anos, o avô era muito querido pela menina, todas as tardes ele saía para dar uma volta na praça, algumas vezes Rosie ia junto, naquelas horas ele até se esquecia um pouco de sua tristeza e amargura... Porém a ausência da companheira fazia dele um homem muito triste, por mais que tentassem, não conseguiam fazer com que ele superasse a falta que sentia da mulher, foram dois anos de angústia.

E como era o costume de todas as tardes, ele saiu para fazer seu passeio solitário naquela praça. Seu coração estava apertado pela saudade da companheira de tantos anos, parecia até que podia sentir a presença dela. Quando lá chegou, sentou-se no mesmo lugar onde tantas vezes trocaram confidências. Estava um lindo fim de tarde, Geraldo pegou no sono ali mesmo naquele banco, para nunca mais acordar. Estava com um ar muito sereno, parecia até que sorria.

Mais um duro golpe para Rosie, que não entendia por que as pessoas que ela mais amava, sempre acabavam indo embora. Foi um período muito difícil em



sua vida, ir para escola se tornou um tormento, chegou até pensar em desistir, para ela era somente mais um dia. Encontrou muitas dificuldades para fazer novas amizades, pois sempre achava que as meninas sabiam da história do seu pai. Muitas pessoas faziam comentários maldosos, chegavam até a dizer, que ele era um desequilibrado e que provavelmente a filha deveria ser igual.

## CAPÍTULO 7

E foi no meio desse vendaval de sentimentos e incertezas que Rosie conheceu o grande amor de sua vida, Erick. O rapaz que daria um novo sentido em tudo o que ela já tinha vivido. Na época em que se conheceram, estudavam na mesma sala de aula, ele era um garoto muito reservado e introspectivo, tinha poucos amigos, nunca convidava ninguém para ir a sua casa. Estava sempre na biblioteca da escola, seu passatempo predileto era estudar. Naquela época, Rosie e ele se tornaram grandes amigos, eram muito parecidos na forma de se relacionar com as outras pessoas, gostavam de se isolarem na biblioteca, o lugar onde se sentiam mais a vontade. Quando Erick estava na sala de aula limitava-se a responder somente o que os professores lhe perguntavam.

Ela procurava compreendê-lo, sabia da situação difícil daquele garoto, sabia que ele vinha de uma família complicada. O pai dele, o senhor Osvaldo era um homem maquiavélico, tinha sempre uma expressão de ira, revoltado com o mundo. Já sua mãe, dona Elisa era uma mulher que quase não saía de casa, não cumprimentava os vizinhos, andava sempre cabisbaixa, se pudesse se esconderia do mundo. A vizinhança sempre comentava que ali naquela casa era tudo muito estranho, todos diziam que aquela família deveria esconder algum segredo.

Erick também tinha uma irmã, que se chamava Paola. Dois anos mais velha do que ele e Rosie, ela tinha 18 anos e já havia concluído o segundo grau, era uma moça baixa, muito magra, olhos azuis e cabelos de um loiro acinzentado. Carregava sempre em seu olhar uma expressão de tristeza, uma moça muito insegura, tinha um medo terrível do pai. Nunca ousou desacatá-lo, pois sabia muito bem o que ele era capaz de fazer. No lado esquerdo do seu rosto tinha uma cicatriz, deixada com o fio de ferro por seu pai durante uma das surras violentas que ele costumava lhe dar. Parecia que ele fazia com prazer, descontava todo seu ódio em Paola, ela já havia se tornado seu saco de pancadas. Namorava escondido o garoto que trabalhava no balcão da padaria do seu Agenor. O nome dele era Marcos, era um rapaz um tanto desconfiado, desconfiava da própria sombra. Morava com sua mãe, dona Ivone, uma mulher de pele morena, alta e magra. Ela era uma pessoa muito bem humorada e pronta para ajudar a qualquer um que precisasse. Moravam a poucos quilômetros da casa de Paola. Ele era um rapaz moreno, cabelos e olhos pretos, naquele bairro era conhecido como “manquinho”, apelido que lhe deram na época de escola, ele odiava que o chamassem assim.

Tudo aconteceu numa tarde quando voltava da escola com mais alguns amigos. Foram pegar o trem na estação, todos aguardavam na plataforma a chegada da locomotiva, ele se distraiu, estava de costas. Sem perceber se desequilibrou e caiu na linha do trem. Tinha apenas dez anos quando sua vida mudou

radicalmente, foi preciso que amputassem parte de sua perna direita. Passou a usar muletas, isso fez dele um garoto inconformado com a própria sorte. Quando completou 17 anos ganhou uma prótese, mas mesmo assim ainda se revoltava. Porém a mãe dava graças a Deus, pois Marcos saíra com vida daquele acidente terrível. Demorou muito tempo para que ele se aproximasse de alguma garota, tinha medo de ser rejeitado, porém com Paola, foi diferente. Ela gostou dele desde o primeiro encontro, foi um esbarrão na porta da padaria, ela vinha tão pensativa e preocupada com as coisas que andavam acontecendo em sua casa que não percebeu que ele vinha em sentido contrário. Os dois trombaram e ele se desequilibrou e caiu, ela mais do que depressa o ajudou a se levantar e se desculpou, quando a encarou gostou do que viu, era a moça mais bonita que já tinha visto em sua vida, mas não disse nada. Os dois se despediram, porém com o tempo o namoro acabou acontecendo e Paola gostava muito dele e não via problema nenhum em namorar uma pessoa com uma deficiência física, pois via em seu pai defeitos piores e não eram físicos e sim morais. Senhor Osvaldo não podia nem imaginar que ela estava namorando e sua mãe como sempre, fazia de conta que não sabia de nada.

Sempre que Erick e Rosie conversavam, ele lhe falava da difícil convivência com seu pai e da vontade que tinha de morar longe dele. Sonhava morar em São Paulo, um lugar cheio de oportunidades, era esse tipo de comentários que sempre ouvia das pessoas mais velhas.

Todas as tardes, logo após as aulas dele, os dois passavam de bicicleta na frente da casa de Rosie, e iam trabalhar no canavial. Sr. Osvaldo nem “boa tarde” falava, ela ficava só observando o jeito dele, com sua fisionomia de mau, um homem muito carrancudo. Erick, na sua presença parecia que ficava mais tenso, evitava olhar para os lados, seguia seu caminho sempre cabisbaixo, com sua mochila nas costas.

Por mais que ele tentasse disfarçar, seu olhar encontrava-se com o dela, e ela sentia uma vontade louca de abraçá-lo e dizer que sempre estaria ao seu lado.

E foi numa sexta-feira, todos já haviam saído da escola e eles nem tinham percebido. Estavam na biblioteca e mais alguns funcionários que ainda circulavam por lá, fechando todas as salas. Os dois estavam tão concentrados, ela lendo “O Morro dos Ventos Uivantes” de Emily Brontë, o único livro escrito pela autora, um clássico, uma história envolvente, marcada por um amor não correspondido, cheio de ciúmes, orgulho ferido e vingança.

Quanto mais lia o livro, mais Rosie se identificava, achava que era a própria Cath, devorava cada página, enquanto isso Erick escrevia algo em seu caderno estava muito centrado. Foi quando ela parou de ler e ficou observando os traços de Erick, um belo rapaz com 1,78 m de altura, olhos claros esverdeados, pele alva. Ela o amava profundamente e sentia seu coração bater mais forte todas as

vezes que ficavam juntos. E foi naquele exato momento enquanto ela se perdia em seus pensamentos que bateram no vidro da porta da biblioteca, os dois olharam assustados. Era a inspetora que estava com uma expressão de poucos amigos. Apontou para o relógio, foi só então que perceberam que já passava da hora de irem embora, eles nem ouviram o sinal tocar.

Erick se levantou e fechou seu caderno, saiu apressado dizendo que estava atrasado, seu pai já o aguardava, nem se despediu dela. Ao passar pela porta da biblioteca deixou cair uma folha, Rosie se abaixou para pegar e ao se levantar, ainda tentou chamá-lo, mas foi em vão, ele já desaparecera naquele corredor imenso e vazio, onde as paredes de cor bege claro faziam um enorme contraste com as várias portas em tons marrons avermelhados, a única coisa que se podia ouvir naquele momento era o barulho dos saltos da inspetora que se aproximava para avisá-la mais uma vez para que sumisse dali.

Ela guardou o papel entre as folhas do seu fichário e saiu o mais rápido possível. A mulher já estava ficando irritada com aquela demora. No trajeto de volta para casa não se conteve e pegou aquela folha para ver o que estava escrito.

Ao começar a ler, suas pernas bambearam, seu coração disparou, pensou até que fosse desmaiar, parou naquela praça, a mesma que frequentou durante muito tempo com seu avô naquelas tardes de calor. Ela já não tinha mais pressa em chegar, não queria de forma alguma perder nenhuma palavra do que estava escrito, pois ali se encontrava um poema, no qual o nome Rosie era citado, tudo em forma de rimas, ele dizia que a amava e que para ele não existia garota mais linda e especial, também dizia que seu mundo se tornava mais completo quando estavam juntos, pois com ela podia compartilhar os melhores e piores momentos de sua vida.

Já na última linha ele falava do seu amor não declarado, pois não queria estragar aquela amizade e que também não se achava merecedor.

As palavras dele fizeram com que ela perdesse totalmente o prumo, sentiu como se fosse flutuar, as palavras penetraram fundo em seu coração, pela primeira vez sentiu o que o amor era capaz de fazer. Era um sentimento tão maravilhoso, que ficou sem ar, ser correspondida era tudo o que ela sempre sonhou. Foi para casa sem prestar atenção em mais nada, por pouco um carro não a atropelou, ela nem ligou, o motorista começou a lhe dizer alguns desaforos e ela simplesmente abriu os braços e sorriu para ele. Entrou em casa, jogou suas coisas no sofá e subiu as escadas correndo, foi para seu quarto, leu e releu o que estava escrito várias vezes.

Foi quando sua mãe bateu na porta e entrou. Letícia continuava sendo uma mulher incrível. Podia até se dizer que um pouco a frente do seu tempo. Ela

sabia do amor de Rosie por aquele garoto, as duas conversavam muito sobre todas as coisas então ela já foi logo perguntando:

- O que foi? Aconteceu alguma coisa?

- Aconteceu sim mãe, aconteceu! – correu para seus braços e a beijou várias vezes no rosto, ela começou a rir.

- Deve ter sido algo muito bom! – disse Letícia com aquele sorriso lindo que só ela tinha.

-O Erick também me ama!

- Por acaso, ele se declarou? Sua mãe olhou-a meio de lado, arqueando um pouco as sobrancelhas.

- Não, ele não se declarou diretamente.

- Então como pode ter esta certeza?

- Ele deixou cair um papel do seu caderno. – ela esticou o braço e entregou para mãe o tal papel.

Letícia leu tudo com muita atenção, na verdade tinha medo de que a filha sofresse alguma desilusão. Ao terminar de ler fitou a filha com ternura.

Mais uma vez Rosie se lançou nos braços da mãe e a beijou diversas vezes, sua mãe começou a rir e depois pediu que Rosie se sentasse, pois precisava conversar, pediu para que ela se acalmasse, então foi o que a menina fez e prestou muita atenção no que a mãe tinha a lhe dizer:

- Minha querida é maravilhoso saber que você é correspondida, mas eu só te peço uma coisa, não tome nenhuma atitude precipitada, deixe que o tempo mostre o que é melhor para você, Se falo isso hoje é porque também um dia já fui jovem e por causa de uma paixão tive algumas desilusões.

- Nós nos amamos! Isto basta.

- Gostaria mesmo que tudo fosse tão simples assim, mas infelizmente, somente amar, não nos dá nenhuma garantia de que as coisas possam durar para sempre, e nem de que este sentimento será capaz de superar todos os obstáculos que poderão surgir.

- Mãe, a única coisa que importa agora, é saber que amo e que sou correspondida.

- Tudo bem minha filha, você tem toda razão. É que tenho um pouco de receio, tenho medo que sofra.

- Mãe, eu sei que todos esses anos, você nunca se esqueceu do papai e que também nunca se esqueceu da forma que ele decidiu nos deixar.

- Não vamos falar sobre isso Rosie, por favor. – continuou – filha, como eu gostaria de ficar mais tempo aqui conversando com você! Agora preciso sair para o trabalho, pense com carinho no que estou lhe dizendo e depois falaremos mais sobre isso. – então ela deu-lhe um beijo e saiu, evitando que a conversa tomasse outro rumo. A menina ficou ali pensativa, a mãe sempre arrumava uma desculpa para não falar mais do seu passado, muitas vezes ela viu a mãe chorando escondido, por diversas vezes tentou fazer com que ela se abrisse. Porém depois da morte trágica do marido, ela nunca mais quis se casar, sempre dizia que cuidar da filha era a coisa mais importante de sua vida.

Então Rosie ficou a tarde inteira em casa tentando se concentrar nas coisas que tinha para fazer e também aproveitou para colocar seus trabalhos de escola em dia, sua mãe só iria chegar de madrugada, pois o horário que saía da empresa era muito tarde, sendo obrigada a pegar o último ônibus.

Já estava anoitecendo quando foi tomar seu banho e colocar uma camisola, se deitou e começou a ler o seu livro predileto, logo depois o telefone tocou, ao ouvir a voz de Erick, ela quase derrubou o telefone de suas mãos. Ele disse que estava sem sono e queria saber se ela havia feito o trabalho de inglês, como ele não sabia disfarçar muito bem, conversou, conversou e acabou dizendo:

- Me desculpe te ligar este horário, mas a única pessoa que confio é você.

- Não diga isto Erick, não se desculpe por nada, eu gosto muito de conversar com você.

- Certo dia ao conversarmos te falei sobre o meu pai, agora está ficando cada vez mais difícil, o clima de discórdia em minha casa a cada dia está aumentando mais, ultimamente ele chega sempre muito bravo e ainda desconta toda sua raiva, na minha mãe e na minha irmã. Outro dia tive que me intrometer, ele estava agredindo minha mãe, então ele me empurrou e me deu um soco e disse para eu ficar quieto no meu canto, naquele momento prometi a mim mesmo que ainda iria tirar minha mãe daquela vida.

De repente a conversa foi interrompida, Erick parou de falar e ela pode ouvir do outro lado da linha que alguém estava gritando, era o pai dele, dizendo para ele desligar logo aquele telefone e foi o que ele fez e nem se despediu dela.

No outro dia bem cedo, ao se levantar, ela já pensou em Erick, o que teria acontecido para ele desligar daquele modo o telefone, mas só saberia quando chegasse à escola.

Quando desceu as escadas foi direto para cozinha, sua mãe já tinha preparado o café, então encheu sua xícara e tomou tudo num gole só, mais do que depressa colocou a xícara sobre a mesa se despediu com um beijo bem apertado na bochecha dela e saiu em disparada.

No trajeto, ia cada vez mais pensando em Erick, o que teria acontecido com ele, às coisas por lá pareciam cada vez piores.

Ao chegar na escola, já deu de cara com ele no portão. Erick simplesmente a abraçou, e ficaram ali parados, ela não conseguiu dizer uma só palavra, e numa fração de segundos sentiu o perfume do seu corpo e o aconchego do seu abraço, parecia um sonho.

Aos poucos foram se afastando e ele disse:

- Rosie, ontem à noite mesmo, minha mãe arrumou as malas e foi embora, ela não nos disse para onde ia, acredito que não estava mais suportando tantas humilhações.

-Mas de uma hora para outra?

- Depois que desliguei o telefone, fui me deitar, eles ainda discutiram durante algum tempo, depois achei até que tivessem ido dormir, acabei cochilando, foi quando acordei com mais uma discussão e minha mãe estava agredindo Paola, meu pai tentava separar. Só sei que depois disto ela simplesmente arrumou as malas e foi embora.

Mais uma vez ele a abraçou e Rosie não se conteve e o beijou no rosto de forma tão carinhosa, que não teve como Erick escapar, foi o jeito que ela encontrou de lhe dizer o quanto estava do seu lado, e que ele poderia contar sempre com ela.

- Porque me beijou? - Disse Erick, um pouco sem graça.

- Você deixou cair um papel do seu caderno e eu acabei lendo o que estava escrito. - Disse ela pausadamente, olhando bem em seus olhos. - Vamos deixar de lado nossos medos e assumir que gostamos um do outro.

- Rosie...

Foi quando a inspetora os chamou e disse que se não entrassem naquele instante os dois iriam parar na diretoria, então eles trataram de entrar o mais rápido possível. Rosie evitou olhar em seus olhos novamente e ele fez o mesmo,

mas seu coração estava radiante, sua vontade naquele momento era de gritar de felicidade, só Deus sabia o quanto ela o amava.

No final da aula, eles foram embora juntos, Erick um pouco sem jeito ainda, procurando a melhor maneira de convidá-la para um passeio, quem sabe até tomar um sorvete, pensava ele criando coragem.

- Por que não paramos um pouco ali, naquela praça? Poderemos conversar mais à vontade e ainda tomarmos um sorvete – disse Erick timidamente.

-Sim! Podemos ir. – seu rosto ficou corado naquele momento.

Erick lentamente foi se aproximando de Rosie e segurou sua mão com força, ela não disse nada, simplesmente se deixou levar. Estava uma tarde de muito calor e ele já havia decidido que não iria trabalhar com o pai, pois iria terminar seus trabalhos de escola, sem contar que não sentia vontade nenhuma de voltar para casa. O caminho até a praça nunca fora tão significativo para Rosie como estava sendo naquele momento, era um mundo novo se descortinando em sua frente, parecia que não existia mais ninguém na rua, somente os dois. Não havia buzinas, carros passando, já não sabia se era dia ou noite, numa fração de segundo não viu mais nada, nem ninguém, somente eles.

- Erick, vamos sentar naquele banco? - apontou a menina para um banco que ficava bem debaixo de uma figueira.

- Tem alguma razão em especial?

- Tenho sim, ali era o lugar predileto dos meus avós, todas as tardes eles gostavam de vir para esta praça, foi assim durante um bom tempo, até a minha avó vir a falecer. Porém vovô mesmo depois continuou vindo aqui sozinho, até que numa tarde veio, e nunca mais voltou para casa. Você sabia desta história?

- Ouvi alguns comentários há algum tempo atrás, mas não sabia que era o seu avô, até porque naquela época ainda não nos conhecíamos.

- É verdade! Mas vamos deixar este momento tão triste para lá, me perdoe, não deveria dizer estas coisas.

- Não se preocupe com isto.

Ele estava tão ansioso em falar tudo o que estava sentindo, que acabou não prestando muita atenção nas últimas palavras dela.

- Rosie... Ele respirou fundo, prendeu as mãos dela entre as suas mãos e continuou a falar - Este momento para mim é muito importante! Sei o quanto somos amigos, sempre te admirei, e foi esse seu jeito de encarar a vida, com tão pouca idade e com tanta determinação, que me fez ficar totalmente apaixonado



por você. – Ao dizer aquelas palavras, nem ele mesmo estava acreditando que fora capaz de dizer tudo aquilo. - Temos muitas coisas para aprender ainda, mas sinto que perto de você, tudo será muito mais fácil. O tempo será nosso amigo e companheiro, teremos muitos obstáculos a enfrentar, mas eu te amo! E tenho certeza que nada poderá ser mais forte do que sentimos um pelo o outro.

As mãos de Erick lentamente foram envolvendo os cabelos de Rosie, em pouco tempo estavam se beijando. Mal sabiam eles quantos obstáculos surgiriam, quantas vezes teriam que provar que o amor era maior do que tudo e do que todos.

- Sabe Erick, tenho medo que seu pai não aprove nosso namoro.

- Mas ele não pode me proibir, não sou mais um garotinho que ainda tenha que seguir suas ordens.

- Enquanto estiver morando com ele, você deve satisfação e respeito a ele. Apesar de ele ser uma pessoa tão amarga e encrenqueira.

- Sabia, que é justamente isso que mais me revolta; Ainda estou muito intrigado com a partida de minha mãe, desconfio que exista algo mais sério, que ainda não descobri.

- Então procure conversar com Paola, talvez ela possa lhe esclarecer, já que sua mãe também brigou com ela antes da partida.

- Sabe, meu pai chegou a ameaçar minha mãe caso ela ousasse sair de casa.

- Erick, procure não pensar nisto por enquanto, tenho certeza que encontrará as respostas.

Nem viram a hora passar, já passava das duas da tarde quando decidiram ir embora. Quando chegaram ao portão de Rosie, mais uma vez se despediram com um beijo demorado, quem olhava tudo da vidraça, era a mãe dela, na verdade ela já espera por aquela situação.

Erick voltou para sua casa, lembrando-se dos últimos instantes ao lado da garota mais encantadora.

Quando Rosie entrou em casa, sua mãe foi direto ao assunto:

-Por que não o convidou para entrar?

-Fiquei com receio, tive um pouco de medo da sua reação.

- Você não precisa se preocupar com isso minha querida. – disse Letícia abraçando a menina carinhosamente. – se você está feliz, pode ter certeza que

também estou. Fico preocupada, mas também não posso te proibir de ser feliz. Poderão vir as decepções, afinal ninguém está livre disso, mas se este amor que está aí dentro do seu peito é um sentimento gritante, viva-o intensamente, por que o melhor do amor é poder amar, não o sufocar.

- Você amava demais papai, não é? – Letícia foi pega de surpresa, não esperava por aquela pergunta. As duas conversavam sobre tudo, a única coisa que a mãe não permitia era que falasse do marido. Porém já estava na hora de falarem de sentimentos que ficaram tanto tempo represados.

- É verdade, ele foi o único homem que me apaixonei perdidamente, foi um sentimento avassalador.

Havia na voz de Letícia uma emoção e um brilho em seu olhar, estava mais do que evidente que ela nunca o esquecerá.

- Tenho certeza mãe, de que ele também te amou com a mesma intensidade.

- Acredito que sim. Sofri muito depois daquele acontecimento terrível, apesar dos problemas que andávamos enfrentando eu tinha muitas esperanças de que as coisas mudariam, e que voltaríamos a ser felizes. – duas lágrimas rolavam em seu rosto. Rosie a abraçou e secou com a ponta dos dedos o rosto da mãe. Ela nunca se abria daquela forma, parecia que queria falar de todo seu sofrimento. Letícia continuou – porém as coisas não aconteceram assim. Quando o pressionei ele simplesmente desistiu, foi um fracasso. Desculpe falar assim, mas na verdade ele desistiu muito fácil de tudo. Então eu tive que ser forte, muito forte, para criar você e te amparar, pois sabia o quanto sofria também.

As duas se abraçaram, Rosie percebeu que as mãos da mãe estavam geladas, sabia o quanto ela evitava falar do passado, contudo aquele momento estava sendo muito bom para elas. Para mãe era um desabafo e para a menina era uma maneira de trazer por alguns segundos a presença do pai que ela tanto amou.

Quando perceberam, já estava escurecendo, só então Rosie se deu conta de que a mãe não iria trabalhar, então ficaram fazendo planos para o futuro.

## CAPÍTULO 8

Enquanto isso na casa de Erick as coisas só pioravam. Quando entrou em casa foi como se jogassem um balde de água fria em sua cabeça. Como acontecia todos os dias, Osvaldo discutia com Paola. Ela estava lavando a louça na pia e ele sentado limpava sua arma, parecia que fazia aquilo de um jeito ameaçador, mostrando do que seria capaz se alguma coisa fugisse do seu controle.

- Até que enfim chegou o queridinho da mamãe! – falava com certa ironia e um sorriso sarcástico. O que queria na verdade, era provocá-lo, gostava de testar a paciência do garoto. –Porém Erick não deu ouvido, há algum tempo ignorava o pai. Foi para seu quarto, fechou a porta e se deitou em sua cama, queria pensar em Rosie, o quanto a amava e o quanto estava feliz. Pensava também como faria para encontrar a mãe. Ainda não tinha ideia de por onde começar. As emoções se misturavam, sabia como estava sendo difícil ficar longe dela.

Mas a verdade é que se passou um ano e a mãe dele nunca deu notícias. Desapareceu e havia dias em que Erick se desesperava, queria saber por onde ela andava. Enquanto isso, seu pai não queria nem que tocassem no nome dela naquela casa.

E foi logo após a formatura que ele decidiu que assim que pudesse iria para São Paulo, quem sabe por lá encontraria um emprego melhor e quem sabe até poderia pensar em se casar, ou talvez lá conseguisse alguma pista da mãe. Era uma questão de tempo.

Depois de um dia de muito trabalho no canavial Erick voltou para sua casa. Já há algum tempo que ele já não esperava mais seu pai para voltarem juntos, ele deixava para sair um pouco mais tarde, pois estava cada vez mais difícil um diálogo amigável, Osvaldo ultrapassara todos os limites. Muitas vezes Erick se questionava o porquê de tantos desencontros, a falta de amor, por que o pai nunca foi capaz de lhe dirigir uma palavra de amor e carinho? Talvez um dia ele pudesse compreender, acreditava que a mãe tivesse todas as respostas. Quando chegou à sua casa, Paola estava ajeitando os pratos sobre mesa.

- Você demorou a chegar! Como está, tudo bem? - Dizia ela preocupada.

- Tenho evitado voltar do canavial com o nosso pai.

- Até quando vamos conseguir viver assim, meu irmão? Gostaria muito que as coisas fossem diferentes, porém não podemos mudar a forma de ser e agir dele.

- Por falar nisto, onde ele está? Ainda não chegou?

- Ainda bem que não.

Houve um silêncio maior, a situação estava fugindo do controle de todos, Paola já não suportava mais viver daquela forma. Erick foi tomar seu banho. Quando estavam jantando, Osvaldo chegou, estava furioso e foi direto falar com Erick.

- Escuta aqui moleque, se você pensa que vai me enfrentar e continuar se encontrando com aquela menina insuportável, você está totalmente enganado, eu vou fazer de tudo para ela sumir da sua vida.

- Eu e Rosie nos amamos e senhor não pode falar assim dela.

- Falo sim, não gosto do jeito que ela me olha: parece até que ela quer me culpar pelo desaparecimento de sua mãe.

- Isso são coisas da sua cabeça.

- Não é mesmo... ela que me aguarde!

- Não pode fazer nada contra ela, afinal ela nunca te fez nada.

- Não fez, mas pode fazer.

- O senhor está completamente enganado.

- Mais uma vez vou te falar, afaste-se dela. Ela é uma menina muito intrometida.

- Isso tudo é um absurdo!

- Ela ainda vai te dar muito trabalho, ouça o que estou lhe dizendo. Aliás, as mulheres não prestam para nada, só servem para atrapalhar, veja o exemplo da sua mãe.

- Nunca mais fale da minha mãe, o senhor não tem este direito. Sempre a espancou e a humilhou, depois de tudo que fez, queria o que? Queria que ela o amasse desesperadamente? Bom, por hoje chega, estou indo para casa de Rosie. – ele estava com muita raiva do pai, se segurou para não falar mais alguns desaforos. Quanto a Paola, se trancou no seu quarto, com medo do que o pai poderia fazer depois que Erick saísse.

Erick seguiu para casa de Rosie. Queria conversar um pouco, falar dos seus problemas. E ao chegar lá, ela correu para seus braços e se beijaram demoradamente, ela o convidou para entrar, foi preparar um suco enquanto ele começou a falar:

- Hoje eu e meu pai discutimos violentamente, por pouco não fiz uma besteira. Sabe Rosie, não me conformo com a forma que ele fala da minha mãe, ele diz coisas insuportáveis, chego a sentir nojo dele, parece até que minha mãe foi a

grande culpada pela discussão que tiveram. Até hoje não sei sobre o que falaram e Paola também prefere não dizer nada, afinal acabou sobrando para ela.

- E você ainda sente muita saudade dela?

- Rosie, o que está me perguntando é muito óbvio, é claro que sim, ainda sonho com ela, com seu jeito.

Erick ainda se emocionava ao falar da mãe, seus olhos brilhavam, parecia que a qualquer momento iria cair num choro.

- Eu sinto muito. Já faz um ano e nenhuma notícia.

- É, às vezes temo que o pior tenha acontecido.

- Não pense assim Erick, notícia ruim chega logo, se tivesse acontecido alguma coisa mais séria, já teriam comunicado.

- Tem razão, mas às vezes percebo tanta ironia nas palavras do meu pai, outras vezes o vejo fugir do assunto.

- Por que diz isto agora?

- Não sei, mas meu pai seria capaz de qualquer coisa para se vingar do abandono.

- Nossa! Erick, se isso realmente for verdade, se seu pai estiver envolvido com o desaparecimento da sua mãe o caso é bem mais grave.

- É verdade.

- Sim, porque então, não será um caso de abandono de lar.

- É isso que eu tanto temo, penso até que a qualquer momento vou acusá-lo sem ter provas.

- Calma... Erick, você não pode agir por impulso, sem ter provas de nada.

- Vou pensar com calma, ver se encontro alguma pista para onde minha mãe possa ter ido.

- Pense com calma, converse com Paola, talvez ela saiba de alguma coisa e aí vocês poderão investigar o paradeiro dela.

- Rosie, você não sabe o medo que Paola sente dele?

-Eu sei, algumas vezes tento conversar, mas ela está amedrontada, parece que seu pai está mais violento ainda com ela.

- Não me diga uma coisa dessas! A vontade que tenho é de ir embora e levá-la comigo para bem longe, mas ainda não posso.

- Certa tarde fui até lá e ouvi os gritos do seu pai com ela. - continuou – Parecia que ele a ameaçava, dizia palavras horríveis.

- O que ele dizia? – perguntou Erick preocupado.

- Ele esbravejava, dizia que mulher era tudo igual, nenhuma prestava. E que se ela não tomasse cuidado teria o mesmo fim que o da mãe.

- Você está vendo? Minha desconfiança tem fundamento! – continuou Erick. - Quero que me ajude! Vamos tirar Paola de lá enquanto há tempo.

- Tudo bem! Vou começar a visitá-la mais vezes e vamos achar uma saída.

Ficaram horas conversando. Já era noite quando resolveram dar uma volta na praça da cidade, pois nos finais de semana todos se encontravam por ali. Uns iam bater papo, outros iam para namorar, havia também casais que levavam as crianças para brincarem no parque que ficava do lado da praça.

A noite estava agradável. Resolveram se sentar num banco e ficar ali contemplando as coisas simples que a vida podia oferecer. Para Rosie era um momento muito especial, a presença de Erick, seus carinhos, seus beijos, os planos para o futuro, nada era capaz de fazer diminuir o que sentiam um pelo outro, eram muito apaixonados, tinham a necessidade de estarem juntos, mesmo que a distância se fizesse presente, o amor superava qualquer crise, nada nem ninguém poderia fazer com que se separassem. Mais uma vez ele pediu para falar um pouco da mãe, queria contar tudo que sabia desde o namoro dos pais.

## CAPÍTULO 9

### A Família de Erick

Quando Elisa era pequena morava no interior de Santa Catarina. Ao completar quatro anos seu pai, que se chamava Vicente, ficou viúvo. Ele era um homem de poucas palavras, estava acostumado com o sofrimento, convivera anos com a esposa doente, sabia que o caso dela era muito grave e sem solução. Dia após dia a doença a consumia, e Vicente trazia em seus olhos uma melancolia sem fim. Depois da morte da esposa, se viu sozinho para criar a pequena Elisa, sentia um medo terrível de não conseguir criá-la. Foi então que decidiu se casar novamente, e isso aconteceu em menos de seis meses depois que enviudara. Casou-se com Cecília, uma moça pelo menos dez anos mais jovem do que ele. Porém ela sentia tanto ciúmes da menina que chegava a ser doentio, mas mesmo assim aceitou se casar com ele. Então a pequena Elisa foi ficando esquecida, a madrasta não gostava dela, cuidava porque tinha que cuidar, mas com a chegada dos três filhos, foi deixando Elisa cada vez mais de lado, e seu pai nem percebia o quanto ela sofria. Sendo ela a mais velha, sempre teve que ajudar desde muito pequena a madrasta a cuidar dos irmãos, que eram dois meninos e uma menina.

Para sua madrasta, ela não passava de uma menina feia e desajeitada, que só servia mesmo para fazer faxina e cuidar dos irmãos. E assim o tempo foi passando, Elisa pedia a Deus todos os dias que a ajudasse sair daquela casa, que lhe desse um lar de verdade, onde ela pudesse ser amada.

Quando Elisa completou quinze anos conheceu Osvaldo, um rapaz muito bonito e gentil. Eles se conheceram numa festa junina, era começo do mês de junho, todos do bairro se reuniram e fizeram uma fogueira, e cada morador levou um prato com guloseimas para festa. Dançaram a noite inteira, Elisa e Osvaldo se apaixonaram à primeira vista, Osvaldo lhe disse que não queria mais ficar longe dela e que iria falar no outro dia com seus pais.

Ela ficou com medo, disse que o melhor era esperar um pouco, mas ele foi categórico;

- Não Elisa, se quiser namorar comigo tem que ser assim, vamos falar logo com seus pais.

Então ela concordou e ficou combinado que no outro final de semana ele iria falar com eles.

Naquela semana não pensou em mais nada, ficava suspirando pelos cantos. Cecília percebeu que alguma coisa estava diferente na menina, mas não disse nada. No sábado à tarde bateram palmas no portão e mais do que depressa

Elisa foi atender. Era Osvaldo, trazia na mão uma rosa branca, foi quando ele disse:

- Não vai me convidar para entrar? Vai ficar parada feito estátua?

- Espere um pouco. – disse ela cabisbaixa.

Entrou e fechou a porta e correu para cozinha, chamou pelo pai, disse que tinha um rapaz lá fora que queria falar com ele, mas não ousou contar que já o conhecia. Vicente ficou meio cismado, pois Elisa ficou gaguejando na hora de falar. Por isso ele nem esperou e já foi ver quem era. Ao chegar ao portão, olhou bem para aquele rapaz e percebeu que ela sabia de alguma coisa, então já foi dizendo:

- Elisa, desembucha logo, quem é esse rapaz?

Osvaldo nem esperou pela resposta dela, e disse:

- Eu sou o namorado dela e vim aqui pedir a permissão para o namoro e quero me casar com ela o mais rápido possível. – disse Osvaldo com as mãos na cintura.

O pai dela não acreditou na petulância daquele rapaz, mas pediu que ele entrasse, pois ali não era lugar para se falar de um assunto tão sério. Todos entraram, Elisa começou a tremer, ficou com medo da reação da madrasta.

Osvaldo naquele dia estava vestindo uma calça social branca, por sinal muito bem engomada e uma camisa azul claro e seus sapatos reluziam de longe, era sua melhor roupa, queria impressionar os pais dela. Ela também estava muito bem vestida, tinha colocado sua roupa preferida. Cecília tinha até comentado com o marido da roupa da menina, mas ele não deu muita importância. Outro detalhe que chamara a atenção da madrasta era que ela estava maquiada, usava um batom cor de carmim, e uma sombra azul, para combinar com a cor dos seus olhos.

Ao entrarem o pai de Elisa pediu para que o rapaz se sentasse e falasse logo o que tinha para falar. Elisa, mais que depressa se sentou ao seu lado, seu pai naquele momento olhou sério em sua direção, mas não comentou nada.

Osvaldo sentou-se, arrumou seus cabelos e já foi falando:

- Bom o que tenho a dizer é que Elisa e eu estamos apaixonados. Nos conhecemos na festa junina do bairro, sou um rapaz trabalhador e tenho a melhor das intenções com a sua filha, por isso estou aqui, quero que o senhor aprove nosso namoro, pois em breve quero me casar com ela. - Osvaldo dizia aquelas palavras ajeitando o colarinho da camisa e estufando o peito.



Os irmãos dela naquele momento estavam escondidos atrás da cortina e riam dos modos daquele rapaz.

- Olha aqui rapaz, eu vou ser muito breve nas minhas palavras, minha filha é muito jovem ainda para namorar e no que depender de mim, ela não vai casar tão cedo.

Foi quando a madrasta se intrometeu na conversa:

- Calma! Também não é assim, Elisa já está uma moça, precisa se casar.

A enteada ficou até espantada com a reação da madrasta, era primeira vez que ela dizia alguma coisa a seu favor.

- Eu sou o pai dela e eu decido! E se o senhor já disse o que tinha para dizer, já pode se levantar. A porta está aberta.

Oswaldo não se conformou:

- Se o senhor não autorizar o namoro, eu farei as coisas de outro jeito. - Oswaldo se levantou e foi saindo, não se despediu de ninguém e ainda por cima jogou a rosa num canto qualquer. Elisa começou a chorar, seu pai a mandou para o quarto, não queria mais ouvir aquela choradeira.

Ela foi para o quarto, se jogou na cama e chorou compulsivamente, foi quando a madrasta entrou e pediu para conversar. Encostou a porta bem devagar e falou bem baixinho para o marido não ouvir:

- Elisa, estou do seu lado e o que você precisar vou te ajudar, pode contar comigo.

- Vai mesmo?

- Vou!

Então ela parou de chorar, a madrasta saiu rapidamente do quarto, estava radiante, era a oportunidade que faltava para Elisa sair de vez da vida deles. Esperou que o marido se acalmasse e voltou no quarto dela, queria fazer-lhe uma proposta: prometeu que a ajudaria, desde que ela fosse embora da cidade com seu namorado.

Elisa ficou meio chocada quando soube da real intenção da madrasta, mas por outro lado, não tinha outro jeito, se não fizesse assim o pai não a deixaria namorar, muito menos se casar.

Passaram-se alguns dias e seu pai já não tocava mais no assunto, para ele era caso encerrado. Já Cecília, todas as tardes ia ao comércio comprar alguma coisa

e aproveitava para se encontrar com Osvaldo na oficina. Os dois estavam combinando como ele e Elisa iriam fugir.

E foi numa madrugada de muito frio... Elisa se levantou, olhou para os irmãos que dormiam, pensou na saudade que iria sentir daquelas crianças, beijou uma por uma, com todo cuidado para que eles não acordassem, depois abriu a janela do quarto viu que Osvaldo já estava do outro lado da calçada com uma sacola na mão. Levava também no bolso da camisa o dinheiro que recebera da oficina ao pedir as contas. Ela, por sua vez, levava uma mala com as poucas roupas que tinha e mais alguns trocados que Cecília havia lhe dado no dia anterior. Antes de pular a janela voltou, olhou para seu quarto e por fim decidiu que deixaria um bilhete para pai. Escreveu ao pai pedindo que a perdoasse e que tudo o que estava fazendo era por amor e pediu também que ele a abençoasse.

Colocou o bilhete em cima da cômoda e foi embora com Osvaldo. No outro dia bem cedo quando o pai acordou, estranhou Elisa não ter se levantado ainda. Resolveu ir até o quarto dela, queria saber o que estava acontecendo. Qual não foi sua surpresa ao ver que ela não se encontrava ali. Viu um bilhete sobre o móvel, pegou o papel e leu rapidamente. Custou a acreditar, depois saiu atrás da mulher, estava muito nervoso, queria uma explicação, a mulher simplesmente falou:

- Se ela quis assim não podemos fazer mais nada.

- Menina ingrata! – disse o pai.

Ele não queria deixar transparecer a dor que estava sentindo, então resolveu calar-se e deixar o tempo correr, pois quem sabe um dia ela se arrependeria e voltaria para pedir desculpas.

## CAPÍTULO 10

Oswaldo e Elisa chegavam no interior de São Paulo, na cidade de Araraquara. Logo ele arrumou um emprego numa oficina mecânica, mas com o passar do tempo, Oswaldo foi a trabalhar no plantio da cana de açúcar, já que esta era a maior fonte de renda da cidade.

Oswaldo era um rapaz trabalhador e logo conseguiu comprar uma pequena casa. Não deixava faltar nada naquele lar. Elisa cuidava de tudo, estava feliz ao lado dele. Sempre sonhou em ter uma casa somente dela e fazia tudo com muito amor. Depois de quase um ano naquele lugar, Elisa engravidou. Para Oswaldo foi uma alegria, sempre que olhava a barriga da mulher crescendo falava:

- Eu quero que seja menino! Tenho certeza, vai ser um garotão!
- Não podemos dizer isso e se não for um menino? – dizia Elisa.
- Não, eu não aceito, eu quero um menino!

Elisa naquelas horas ficava com medo, e se fosse uma menina? Toda vez que Oswaldo era contrariado ficava nervoso, não queria nem pensar naquela possibilidade.

Elisa completou os nove meses de gestação, e numa madrugada de um calor insuportável naquela cidade, começou a sentir as dores do parto. Pediu para que Oswaldo corresse e chamasse a parteira, dona Cleide. A mulher que estava acostumada a fazer os partos por ali. Ao chegar naquele humilde lar, já foi arrumando tudo para o parto. Pediu que Oswaldo saísse, fosse lá para fora, pois ali só iria atrapalhar.

E foi o que ele fez, ficou andando no quintal de um lado para outro, estava impaciente. Enquanto isso Elisa se contorcia de dores naquele quarto. Cleide pedia para que ela ficasse calma e cooperasse que logo mais a criança nasceria. Depois de muita luta, o dia já raiando, Oswaldo do lado de fora ouviu o choro da criança vindo do quarto, soltou um grito de felicidade:

- Meu filho nasceu!

Correu para dentro de casa, a parteira abriu a porta do quarto com o bebê no colo, mostrou para Oswaldo e disse:

- É uma linda menina! Parabéns!

Naquele momento ele parou de sorrir, olhou para aquela criança um tanto decepcionado, não quis nem pegá-la no colo, saiu, transtornado, pois tinha certeza que seria um menino.

Elisa tentou chamá-lo, gritou para que ele voltasse, mas Osvaldo parecia não ouvir mais nada. Então Cleide pediu que ela se acalmasse, logo mais ele voltaria e iria aceitar a filha. Ela não parou mais de chorar, Cleide cuidou de tudo naquele dia.

Osvaldo voltou só bem mais tarde, mas parecia que era outra pessoa, já não era mais atencioso e carinhoso com Elisa, deixou até que ela escolhesse o nome da filha e ela escolheu. A menina foi chamada de Paola. Era uma menina linda, se parecia demais com Elisa. Osvaldo passou a ficar mais tempo no trabalho, e quando estava em casa, não queria ouvir o choro daquela criança. E foi depois de quase dois anos que Elisa engravidou novamente. Osvaldo ao saber da notícia, não fez nenhum comentário, simplesmente esperou o tempo da criança nascer.

E foi assim durante toda a gravidez, até que chegou o dia do parto. Osvaldo ficou com Paola do lado de fora da casa, até que Cleide o chamou e disse a ele:

- Olhe Osvaldo, é um menino!

Ele agradeceu a Deus pela benção alcançada, e fez questão de escolher o nome do filho, Erick, esse seria o nome do seu filho. E o tempo foi passando e ele ficava uma grande parte do seu tempo ao lado do menino, porém o filho só queria saber da mãe, e isso fez com que Osvaldo sentisse com muito ciúme de Elisa. Ele não entendia aquilo, sempre sonhou com aquele filho, e agora tinha que tolerar a desfeita do menino.

O tempo foi passando, o ciúmes de Osvaldo aumentava cada dia mais. Ele era um carrasco, chegava à ser cruel, para se vingar do amor de Erick pela mãe, passou a agredi-la e a maltratá-la, mudou completamente seu comportamento naquela casa. Passou a duvidar do amor de todos, achava que ninguém gostava dele e assim a convivência naquele lar passou a ser um tormento. A presença do menino já o tirava do sério, então Erick foi crescendo sem entender o porquê de tanto desprezo do pai, tudo que precisava recorria à mãe. Ficava a maior parte do tempo preso em seu quarto ou na escola, evitava sempre um conflito maior entre eles.

Certa tarde ao voltar da escola, decidiu que questionaria sua mãe, pois não conseguia entender o motivo de tanto desprezo do seu pai. Ele já estava com quatorze anos e a sua mãe nunca tinha demonstrado qualquer tipo de revolta ou de sofrimento, simplesmente ela se calou durante todos aqueles anos.

-Mãe quero que me responda com toda sinceridade, por que meu pai nunca me aceitou? Por que nunca teve por mim qualquer demonstração de amor e de carinho? – continuou – Muitas vezes me pergunto, como pode a senhora sofrer tantas humilhações e mesmo assim permanecer ao lado dele sem reclamar.

Elisa naquela hora gelou, ficou paralisada, nunca pensou que o filho a questionaria num assunto tão delicado. Ela não sabia nem o que responder, pois o menino tocara fundo em seus sentimentos, mexera em feridas nunca cicatrizadas. Afinal acabara aceitando daquele homem, todo desafeto e desamor.

Porém ela não conseguia imaginar outro tipo de vida, desde o tempo que se conhecia por gente, entendia que a vida tinha que ser assim mesmo, quando criança, muito cedo perdeu o carinho da mãe. Seu pai até que tentou criá-la de uma maneira que ela não sofresse tanto e ele achou que se casando novamente ela não sentiria tanto a falta da mãe e que assim estaria segura.

Triste engano, para ela foram os piores anos de sua vida. Então surgiu Osvaldo, o rapaz apaixonado e disposto a tudo para ficar ao seu lado. Até que durante algum tempo, ele foi muito bom com ela, depois as coisas foram mudando, o nascimento dos filhos fez dele uma pessoa insatisfeita e ele se tornou uma pessoa muito má. Então vieram as humilhações e as agressões e mesmo assim ela o perdoava, pois com ele pôde ter sua própria família e pessoas que a amavam... Sim era isso, ela tinha o amor dos filhos, suportava o marido porque sentia por ele uma espécie de gratidão. Então ela depois de pensar em tudo que se passara até aquele momento, respondeu:

- Filho, essas coisas são muito difíceis de explicar, porém a única coisa que posso dizer é que sinto por ele uma profunda gratidão.

- Mas ele tem feito muito mal a todos nós. Queria muito que ele me amasse como seu filho, mas vejo que isto nunca vai acontecer, ele nunca amará a mim e nem a mais ninguém.

- Preciso te confessar uma coisa Erick, por favor, não tente entender, simplesmente aceite. - Disse, puxando todo ar de seus pulmões. - Eu amo seu pai, sempre o amei, não posso definir que amor é esse, mas eu o amo. Abandonei tudo, perdi contato com todos meus familiares em nome deste amor, talvez meu pai nunca tenha me perdoado.

Ela começou a chorar, sabia como era difícil admitir, mas era a sua verdade, então ele se aproximou um pouco mais e segurou as suas mãos e beijou-as, depois simplesmente se calou e foi para seu quarto. Resolveu que não questionaria mais a mãe pela forma que ela escolhera viver.

Rosie ouviu toda aquela história e ficou penalizada. Realmente Erick sofrera muito todos esses anos.

- Meu amor procure não pensar mais nestas coisas, isto só vai te fazer sofrer, com certeza você encontrará um caminho.

- É o que espero, Rosie...

Os dois se abraçaram, ficaram mais algum tempo ali, e depois foram embora. Erick estava mais tranquilo depois daquele desabafo.

Porém as coisas na casa de Erick não estavam se encaminhando nada bem. Começou a correr uns boatos sobre os maus tratos do pai com sua filha Paola.

## CAPÍTULO 11

Oswaldo numa certa manhã, ao olhar pela janela, decidiu que não iria trabalhar, pois parecia que a qualquer momento iria desabar um temporal. Não se sabia mais se era noite ou se era dia, o vento que batia na janela da cozinha, fazia com que as cortinas ficassem esvoaçando pelo ar.

Ainda era muito cedo, Paola preparava o café. Enquanto isso seu pai ficou circulando pelo ambiente, ela não perdia um só movimento dele, estava amedrontada, sua respiração ia ficando cada vez mais ofegante. Estavam somente os dois naquela manhã. Erick saíra mais cedo que seu pai, antes que se formasse o temporal. Ela estava com muito medo, era assim que ficava todas as vezes que se via sozinha com o pai, se é que poderia chamá-lo de pai, aquele monstro, pensou Paola.

Na verdade o que sentia por ele, era uma grande repulsa. Ela sabia o quanto já havia sofrido calada e amedrontada nas mãos dele. Enfim, o café ficou pronto e um forte temporal começou a cair lá fora. O silêncio se fez ainda maior. Ela fez menção de sair dali o mais rápido possível, queria se trancar em seu quarto, mas ao passar pela porta, foi agarrada pela cintura e empurrada para o canto da parede. Paola ainda tentou se desvencilhar das mãos dele, mas ele era mais forte e sabia como prendê-la ali, e em poucas palavras ameaçou-a:

- Você já sabe, trate de se comportar como uma menina boazinha, eu ainda sou seu pai e você tem que me obedecer.

Naquele momento sentiu um medo muito maior ainda, ela sabia que quando ele falava daquela maneira, já era um sinal de que iria perder a paciência, afinal foram anos de abuso daquele que exigia respeito e obediência. Naquelas circunstâncias, ela parecia ficar em estado de choque, ele a puxou pelo braço com mais violência, a empurrou para o quarto dele e a despiu, a possuindo sem nenhum remorso. Depois mandou que ela se vestisse e sumisse da sua frente, e foi o que ela fez, correu para o banheiro tirou aquelas roupas com muita raiva e nojo, jogou tudo no lixo e foi para o banho. Lágrimas se misturavam com a água quente do chuveiro.

Até quando ela suportaria aquela vida de humilhação e indignação? – pensou enquanto esfregava seu corpo, se sentindo uma pessoa suja e indigna do amor de Marcos.

Os minutos pareciam horas, o temporal cessou, Oswaldo saiu, foi caminhar pelo calçadão até chegar naquela praça. Sentou-se no coreto. Devido o horário e pelo temporal que há pouco se dera não havia uma única alma viva, a praça

estava deserta, somente ele, preso em seus pensamentos. Mas em seu ser nenhum tipo de remorso ou arrependimento. O tal acontecimento se tornara normal, nem mesmo Elisa conseguira fazê-lo parar. A única coisa que ainda o intrigava muito era o sumiço dela, porque Elisa fizera aquilo? Pois apesar das brigas e do clima de discórdia, ele sabia o quanto ela o amava. Foi quando um novo temporal se iniciou, as folhas das árvores e galhos caídos começaram a formar um rodadoiro em volta do coreto. Então Osvaldo preferiu se proteger melhor ali mesmo, até que o vendaval cessasse.

Enquanto isso, quem acabava de chegar na casa dele, era Rosie. Tocou a campainha e ficou esperando que alguém viesse atender. Como não apareceu ninguém e a porta da cozinha estava entreaberta, resolveu entrar. Estava tudo muito silencioso, somente o barulho do chuveiro. Ela ainda chamou por Paola, porém não obteve resposta. Decidiu aguardar um pouco mais, foi quando a porta do banheiro se abriu e ela viu que Paola havia chorado, correu até ela e perguntou:

- O que houve? Por que está chorando?

Então a menina, que ainda estava de roupão, desabou, começou a chorar e não parava mais. Sentou-se no sofá ao lado de Rosie e ali mesmo decidiu que contaria tudo para a cunhada e amiga.

- Rosie, preciso que me ajude, estou desesperada, não suporto mais esta situação, preciso muito de você e peço que não me julgue.

- Você está muito nervosa, vou buscar um copo d'água, acalme-se, tudo vai ficar bem.

Ela foi até a cozinha, pegou o copo d'água e voltou para sala. Paola ainda não havia parado de chorar, mas depois de alguns instantes, ela começou a contar para cunhada o que tanto lhe afligia.

- Para dizer a verdade não sei nem como começar, quero que me prometa que não contará nada do que ouvir aqui hoje para o Erick ou para quem quer que seja. Você me promete? - Suas mãos ainda estavam trêmulas, de vez em quando olhava na direção da porta com medo de que o pai aparecesse; sabia que precisava ser breve em suas palavras.

- Sabe Rosie, meu pai desde meus doze anos abusa de mim, vivo neste tormento. Ele me ameaça, eu tenho tanto medo dele, não sei mais o que fazer da minha vida. Também não tenho coragem de contar para o Marcos, acho até que não sou digna do amor que ele sente por mim.

Novamente lágrimas escorriam pelo seu rosto, estava se sentindo já sem esperanças, havia até pensado em tomar uma atitude radical em sua vida.



- Rosie já pensei seriamente em colocar um ponto final nesta história.

- O que você pensa em fazer?

- Penso que se eu acabasse com a minha vida, não haveria mais sofrimento, ficaria livre de uma vez por todas dele.

Elas não perceberam que Osvaldo ouvia tudo do outro lado da janela, chegara de mansinho, estava todo ensopado.

- O que está pensando, é muito sério, você não pode fazer isso. Nunca mais diga uma coisa dessas. Prometo que vou te ajudar, podemos ir a polícia e denunciá-lo! – Rosie segurava as mãos dela. – ele vai pagar muito caro por tudo que tem feito a você. -

Paola se levantou rapidamente, passou as mãos sobre a nuca suada.

- Policia! Ainda não, eu tenho muito medo dele. – disse com os olhos arregalados de pavor.

- A partir de hoje você não está mais sozinha. Você tem a mim e ao Erick. Tudo bem, não chore. Vá se trocar.

- Não, por favor, não conte nada ao Erick.

Naquele momento Paola começou a entrar em pânico, chorava descontroladamente, foi quando Rosie pediu para que ela fosse trocar de roupa. Iria ficar ali aguardando enquanto ela se arrumava.

-Rosie, você precisa me prometer que não contará nada para o Erick!

- Depois falaremos sobre isso, fique calma, vamos para minha casa, lá você se sentirá mais segura.

Paola foi para seu quarto, ficando somente Rosie ali. De repente a porta se abriu e ela até levou um susto pela forma brusca com que foi aberta. Era Osvaldo. Pela expressão dele dava para perceber que não estava para brincadeira.

- O que você está fazendo aqui esta hora, menina?

Ela estremeceu. Depois da revelação de Paola, sentiu um medo terrível daquele homem, sentiu um frio que lhe percorria a espinha, já não sabia o que poderia acontecer dali para frente.

- Eu... – foi só o que conseguiu dizer.

Começou a gaguejar, sua vontade era de correr, mas ao mesmo tempo lembrou-se da promessa que acabara de fazer a cunhada.

- Estou esperando por sua filha, estamos de saída. -Falou com uma voz mais firme, pois não iria deixar que o medo a dominasse.

- Vocês não vão a lugar nenhum, e se continuar se intrometendo onde não é chamada, vai pagar muito caro por isso.

- Como pode dizer isto? O senhor está agindo muito errado e Erick será o primeiro a saber de tudo isto.

- Você não dirá nada a ele. Se fizer isso, acabo com a vida dele, e com a sua também. Se você realmente ama aquele imbecil, pense muito bem antes de tomar alguma decisão.

- O senhor não pode me proibir. – ela estava transtornada. Foi quando Osvaldo levantou a mão para lhe bater. Porém ela foi mais rápida e correu para o quintal. Ele correu para lá também. Quando a alcançou, agarrou em seus cabelos com toda força e a derrubou no chão, e mais uma vez ameaçou-a:

- Sua ordinária, não se intrometa onde não é chamada. – ele a soltou e a deixou estendida. Ela levantou-se e limpou sua roupa. Sentiu uma vontade enorme de chorar, mas não iria se rebaixar na frente daquele canalha.

- Isso não vai ficar assim, Sr. Osvaldo, pode ter certeza.

- Cale a boca sua ordinária! E nunca mais coloque os pés na minha casa. - Paola correu para ajudá-la a se recompor, e pediu a amiga que fosse embora para seu próprio bem. Então Rosie a puxou pelo braço e falou bem baixinho:

- Tenha um pouco mais de paciência, tenho certeza que encontraremos uma solução. – então se despediu da amiga, ela estava furiosa, arrumaria um jeito, sabia que conseguiria. – pensou enquanto caminhava de volta para sua casa.

Depois que a ela foi embora, Osvaldo puxou Paola pelo braço e a arrastou para dentro de casa.

- Trate de se comportar e não conte nada para seu irmão. Quanto àquela, ordinariazinha, ela não perde por esperar.

Ela ficou muito assustada, não disse uma única palavra e o pai saiu furioso e voltou para praça. No caminho ia pensando nos últimos acontecimentos e decidiu que daria um tempo em suas investidas, iria se controlar, apesar de saber o quanto seria difícil. Porém estava com medo. E se Rosie contasse tudo para Erick?

Quando chegou a praça, lembrou-se de que logo mais o filho chegaria em casa, tomaria banho e iria ao encontro de Rosie. Temia o que poderia acontecer, tinha que pensar numa forma de calar a boca daquela intrusa, pensou.

Enquanto isso, Rosie abriu a porta e entrou na sua casa um tanto confusa. Não sabia que decisão tomar, sua cabeça ainda estava doendo muito. Se jogou no sofá e ficou se lembrando da expressão de fúria no semblante de Osvaldo, ficou com medo do que pudesse acontecer à Erick. Depois se levantou foi até a porta e girou a maçaneta, queria ter certeza de que a porta estava realmente trancada. E antes de ir para seu quarto, olhou pela janela, queria ter a certeza de que não havia ninguém lá fora, estava muito assustada. Depois se dirigiu para cozinha, foi até a geladeira e pegou uma garrafa de água gelada, encheu seu copo e tomou tudo num gole só. Mas antes que colocasse a garrafa no mesmo lugar, a porta foi fortemente esmurrada, ela mais uma vez se assustou.

- Quem é? – gritou

- Abra a porta.

Ela reconheceu aquela voz, era Osvaldo. Suas pernas começaram a tremer.

- O que o senhor quer agora? Já não foi suficiente tudo o que aconteceu há pouco?

- Abra a porta, preciso muito que ouça, prometo que não vou lhe fazer nenhum mal.

- Quem me garante que o senhor não vai me fazer nada?

- Acho melhor você ouvir o que tenho a lhe dizer. – continuou – você sabe, acidentes acontecem... Já pensou no perigo que Erick corre todos os dias ao sair tão cedo para o trabalho? Seria muito triste, que algo de muito mal acontecesse ao seu namorado, você não acha?

Ela entendeu muito bem o tom ameaçador dele, foi então que resolveu abrir a porta. Ele entrou e observou o ambiente, sabia que a mãe dela não estava em casa naquele horário.

Lentamente se aproximou dela e quase como um sussurro, lhe falou:

- Você realmente ama aquele imbecil? Se o ama trate de se comportar e não diga nada a ele e nem a qualquer pessoa que seja. Foi quando levantou a camisa e então Rosie pode ver uma arma prateada no cós de sua calça. Mais uma vez ela teve a certeza do quanto aquele homem era cruel e perigoso.

## CAPÍTULO 12

Enquanto isso no trabalho de Letícia, ela se via perdida em suas preocupações, e o que mais tirava sua paz era imaginar o que seria do futuro de Rosie. Já fazia muito tempo que não recebia notícias dos pais de Gabriel, tinham perdido completamente o contato. Foi quando o telefone tocou, e ela num sobressalto foi atender: era a voz de sua filha e pelo tom, parecia que ela não estava nada bem.

- Mãe, será que pode vir mais cedo para casa hoje? Preciso muito da senhora aqui.

- Mas o que aconteceu minha filha? Parece que está chorando... Tudo bem minha filha, fique tranquila sairei daqui o mais rápido que puder.

As duas se despediram. Ao desligar o telefone, ela pensou como intuição de mãe não falha, pois justamente naquela hora estava preocupada com a filha. Olhou para o porta retrato que estava sobre a mesa viu a foto de Rosie ainda muito pequena. Só então ela se deu conta do quanto sua filha havia crescido. Pois devido a correria e as preocupações, quase não acompanhou o seu crescimento. Lembrou-se também, como sua vida era solitária, desde que Gabriel se fora. Quantas vezes se viu pensando em como seria sua vida se ele ainda estivesse vivo.

Não demorou muito e foi para casa, estava um calor insuportável, no trajeto de volta para casa, percebeu que ainda havia muitas crianças brincando na rua, notou também que as portas das casas estavam abertas e que algumas senhoras conversavam descontraidamente. Tudo isso por um momento a fez esquecer o que de tão grave Rosie teria para lhe falar. Porém quando se deu conta, já estava na porta de casa. Girou a maçaneta da porta, a mesma se encontrava trancada, então abriu a porta com sua chave, entrou e chamou por Rosie. Ela não respondeu, isso a deixou muito preocupada. Se dirigiu para o quintal dos fundos, e quando lá chegou a filha estava sentada em uma cadeira, olhando para a cadeia de montanhas. Só então percebeu a presença da mãe.

- Que bom que a senhora chegou! – ela correu e a abraçou demoradamente.

- Filha você estava chorando? O que está acontecendo?

- A senhora não sabe como é bom tê-la aqui neste momento.

- Estou muito preocupada com você. Sinceramente, nunca te vi assim, olha como está pálida!

- Preciso que a senhora me prometa que não contará nada a ninguém, nada mãe.

- Então me diga logo! Estou angustiada, sinto que algo de muito grave está por vir.

- Hoje quando fui à casa de Erick, achei tudo muito estranho. Paola não apareceu para me atender. Então vi que a porta estava aberta e resolvi entrar, não demorou muito e ela apareceu, estava chorando muito. – Rosie suspirou e continuou. – ela me falou coisas horríveis do Sr. Osvaldo e o pior é que enquanto ela me falava tudo o que estava acontecendo, ele ouvia tudo do lado de fora, então ele entrou e me ameaçou.

- Mas o que de tão grave o pai de Erick fez?

- O Sr. Osvaldo é uma pessoa muito má, precisamos fazer alguma coisa. Ele abusa de Paola, e disse que se ela ou eu contarmos para alguém, vamos pagar muito caro.

Letícia naquele instante ficou perplexa com aquela revelação. Nunca imaginou que aquele homem, que fazia questão de passar sempre uma imagem de pessoa tão correta e justa, fosse capaz de agir daquela maneira.

- Isso que você está me dizendo é muito grave, mas não podemos esquecer que Paola já tem mais de dezoito anos e a denúncia tem que partir dela.

- Mãe, ele a ameaça! E agora que descobriu que eu também sei, ele me ameaçou. Hoje veio até aqui com uma arma e disse eu deveria tomar muito cuidado com as minhas palavras, pois Erick poderá sofrer graves consequências.

- Mas ele não pode fazer isso! Vir a nossa casa e te ameaçar. Sinto muito minha filha, mas não podemos deixar isso por menos; vou tomar minhas providencias.

- Mãe, por favor, não faça nada por enquanto, eu estou com muito medo.

- O que está me pedindo é quase impossível minha filha! Ele tem que pagar por tudo que está fazendo. – Letícia ficou transtornada, teria que encontrar uma solução. Pensou enquanto envolvia a filha em seus braços. – temos que pensar muito bem como vamos agir, acho que o Erick precisa saber, não podemos omitir um fato tão assombroso como este.

- Então acha que devemos procurar a polícia?

- Claro que sim! Não devemos temer as ameaças dele.

- A senhora falando assim me sinto mais segura.

- Porém, temos que convencer Paola, ela pelo jeito tem muito medo dele.
- Então vamos fazer o seguinte, por enquanto não contaremos nada ao Erick, não sem antes conversar com Paola.
- Isso! Ela precisa se sentir segura para denunciá-lo, ela precisa saber que estamos do lado dela.

Elas nem perceberam que já estava escurecendo e que logo mais Erick chegaria.

Não demorou nem meia hora e ele chegou. Cumprimentou as duas, notando que a namorada estava mais quieta do que o habitual. Também estranhou um pouco a presença da mãe dela em casa, naquele horário.

- A senhora em casa a esta hora! Aconteceu alguma coisa?
- Rosie não estava bem, por isso voltei mais cedo.
- Por que não disse? - Falou, segurando as mãos suadas da namorada.
- Erick! Não precisa se preocupar, só estou um pouquinho indisposta, somente isto.

Letícia resolveu deixar os dois conversando e foi para varanda, precisava acalmar seu espírito, tentar colocar as ideias no lugar antes de tomar qualquer decisão.

Porém num momento de indignação ela voltou para sala e pegou sua bolsa, saindo rapidamente. Ela havia decidido que não ficaria quieta, iria resolver aquela situação naquele instante.

Foi direto para casa do senhor Osvaldo. Enquanto caminhava deixou que o vento suave da noite fosse de encontro ao seu rosto. Precisava respirar, precisava decidir qual argumento usaria para acabar de uma vez por todas com aquela história sórdida. Não achava correto, sabia o quanto Paola precisava de um apoio naquele momento crucial, e também havia o envolvimento de sua filha naquela história. Precisava agir rápido, sabia que aquele canalha era bem capaz de cumprir a promessa. Já sofrera demais e não deixaria que uma nova tragédia acontecesse em sua família. – pensava enquanto se dirigia para lá.

Seus passos eram cada vez mais rápidos, sentia o sangue subir pelo seu rosto, era assim que ficava toda vez que estava nervosa demais.

Quando lá chegou viu que a luz da cozinha ainda se encontrava acesa, viu que ainda estavam acordados e o portão estava só encostado. Então puxou o trinco e empurrou. Foi então que Osvaldo percebeu que alguém se aproximava. Ele ainda olhou atentamente pela pequena janela, viu a figura de Letícia se

aproximando da porta, na mesma hora sua fisionomia mudou, ficou transtornado com tamanha petulância, porém não se amedrontou e se dirigiu para o quintal e a fitou secamente, ela, no entanto não o temeu.

- Boa noite, preciso muito falar com o senhor.

- É muito atrevimento da senhora vir até a minha casa a esta hora, não temos nada para conversar.

- Temos muitas coisas para conversar, muito mais do que o senhor imagina!

- Cuide de sua vida, se é que me entende.

- Rosie me contou tudo! Lamento informar, mas está em maus lençóis.

- Isso não é um problema seu, e se pensa que vai me intimidar, está muito enganada, o que acontece em minha casa, só diz respeito a mim.

- As coisas não são bem assim! O que eu puder fazer para colocá-lo atrás das grades eu farei, e tem mais uma coisa, nunca mais dirija nenhuma palavra para minha filha.

Paola ouvia tudo da cozinha, e ficou com muito medo da reação do pai. Tinha receio de que ele agredisse Letícia. Resolveu entrar no meio daquela discussão, já bastava tudo o que tinha que aguentar daquele monstro. – pensou enquanto se dirigia para o lado de fora da casa.

Foi até lá e gritou com toda força de seus pulmões:

- Por favor, parem de brigar, basta! - disse Paola. Era a primeira vez que ousava desafiar o pai. Naquele momento estava se sentindo segura, sabia que agora não estava mais sozinha e que alguém a defendia com garras e dentes.

Os dois olharam assustados, nunca havia passado pela cabeça do pai que um dia ela iria ter a coragem de enfrentá-lo daquela maneira.

- Peço a senhora que vá para casa, pois eu já tomei uma decisão, em breve sairei desta casa e não voltarei nunca mais. Quanto ao senhor, meu pai, os seus dias estão contados.

- Você é uma menina tola, sabe muito bem que não conseguirá fazer nada sem a minha presença.

- Acho que não deveria me subestimar senhor Osvaldo. – disse Paola quase num tom de deboche.

Letícia deixou que ela desabafasse, sabia que há muito tempo ela estava com aquelas palavras engasgadas na garganta. Percebeu então o quanto Paola era forte. Ela só precisava na verdade, era saber que alguém estava do seu lado e que acreditasse em tudo o que ela dizia. As duas se afastaram de Osvaldo e começaram a conversar.

- Saiba que as portas da minha casa estarão sempre abertas para você, se quiser, podemos ir agora mesmo.

- Obrigada! Muito obrigada mesmo, mas no momento preciso colocar algumas coisas em ordem e depois vou decidir para onde vou.

Letícia a abraçou com muita força e depois segurou fortemente suas mãos, e lhe sorriu de forma amigável.

- Pode contar comigo!

- Preciso que a senhora me faça um favor.

- Diga, o que estiver ao meu alcance eu farei.

- Peço que não conte nada ao Erick, pelo menos por enquanto. Quero resolver as coisas do meu jeito, e eu sei o quanto ele está sofrendo ainda com a ausência de nossa mãe.

- Tudo bem! Respeito sua decisão, mas eu te peço, não demore para resolver esta situação.

Osvaldo ficou meio desconfiado, mas deixou que as duas ficassem ali conversando, pois o dia já havia sido muito agitado, não queria mais discutir. Mas não deixaria aquela história por menos, elas que se cuidassem.

Quando Letícia foi embora, ele ainda tentou ameaçá-la:

- Não pense que as coisas vão mudar só porque agora encontrou uma amiguinha para lhe defender.

Paola estava transtornada, ouvir a voz dele já fazia com que ela perdesse a paciência. Foi então que caminhou até o lado armário e puxou o facão que era usado para o corte da cana e num ato de descontrole partiu para cima dele, que no mesmo instante tentou se desvencilhar do golpe certo, mas mesmo assim ainda foi atingido de raspão no braço esquerdo. No mesmo instante, o sangue começou a escorrer pela manga da camisa, e ele mais do que depressa pegou uma toalha e colocou sobre o ferimento para estancar o sangramento. Naquele momento sentiu uma dor insuportável, quase que lhe penetrando na alma. Ela estava descontrolada, não parecia mais nem um pouco com aquela menina medrosa.



- Nunca mais encoste um dedo em mim e também nunca mais me dirija qualquer palavra, senão o senhor já sabe, e isso foi para o senhor ter noção do que sou capaz de fazer.

- Sua vadia! Você também não perde por esperar.

Ela saiu da cozinha levando consigo o facão e ele ficou ali sozinho. Ela não sentiu nenhum arrependimento pelo que fizera. Naquele instante, já havia decidido, aquele objeto seria seu companheiro inseparável.

Enquanto isso Letícia voltava para casa, ia cada vez mais pensando nas últimas palavras de Paola, parecia mesmo que a menina estava decidida a se defender, então agora só restava esperar para ver como as coisas iriam ficar.

E assim se passou algumas semanas, Rosie e Paola ainda se falaram durante período. Paola jurava para amiga que a situação estava sob controle e que seu pai estava se mantendo distante.

Porém algo ainda a incomodava, ela queria muito contar para Marcos tudo que lhe afligia, porém sentia um medo terrível. Qual seria a reação dele, será que entenderia?

E quando se via sozinha seu mundo desabava, até pensou em ligar naquela noite e revelar de uma vez por todas, aquela história, mas deixaria para o outro dia. Tentou dormir, mas para ela foi uma noite muito longa, ficou imaginado como seria sua vida dali para frente, e se ele não entendesse? Sabia o quanto ele era ciumento e possessivo, talvez fosse capaz de querer resolver as coisas do seu jeito, ou talvez não acreditasse em suas palavras, passando até a acusá-la de culpada daquela situação.

Quando o dia raiou, ficou ainda deitada em sua cama pensando na melhor forma de contar tudo a ele. Ao se levantar percebeu que já não havia mais ninguém em casa, somente ela, então se arrumou e foi direto para a padaria do seu Agenor, local onde Marcos trabalhava há muito tempo, como balconista.

Marcos estava tão distraído que não nem percebeu quando ela chegou.

- Bom dia! – disse ela um tanto retraída.

- Olá! Mas, o que te trouxe aqui tão cedo? Está tudo bem? – ele foi se chegando de mansinho e lhe deu um beijo bem ligeiro, quase que roubado.

Por um momento Paola chegou a corar de vergonha, porém precisava ir adiante à sua decisão.

- Precisamos conversar e tem que ser agora. – falou quase cochichando em seu ouvido.

- Agora? Impossível meu amor, olha só como está cheio de gente aqui! Acho que a nossa conversa vai ter que ficar para mais tarde.

- Então... a que horas?

No mesmo instante ele a puxou pelo braço e a levou até o outro lado do salão.

- Você não deveria ter vindo aqui, ainda mais neste horário. O que de tão grave pode ter acontecido? – dizia ele um pouco intrigado com aquela situação. - Espero que seja uma coisa muito importante.

- Para mim é muito importante, acho que para você também.

- Tudo bem! Mas vamos deixar para mais tarde. Vá para casa, depois do meu expediente nos encontraremos na praça, em frente ao coreto. – disse ele soltando o braço dela. Voltou para trás do balcão e a deixou ali sozinha sem saber o que fazer.

Ela saiu meio desnorreada, resolveu ir até a casa de Rosie. Sabia que naquele horário conseguiria conversar com as duas, precisava desabafar, estava angustiada demais naquele dia.

Quando lá chegou, foi recebida de braços abertos. Ambas ficaram surpresas com a visita dela, perceberam sua aflição, deixaram que ela comesse a falar o que estava sentindo.

- Hoje decidi que contarei tudo para o Marcos. - Via-se em seus olhos uma expressão de insegurança. – Estou um pouco receosa, vocês sabem como ele é ciumento e possessivo.

- Mas se esse rapaz realmente te amar, vai te entender e tentar te ajudar. Com certeza vai querer que você saia imediatamente daquela casa. – dizia Letícia, olhando firmemente nos olhos de Paola.

- Entendo, porém algo que diz que a reação dele não será das melhores.

- Você está fazendo o correto, se por acaso ele não entender minha amiga, isto é um péssimo sinal, tome cuidado. – disse Rosie se benzendo.

- Por que diz isso? – Paola na hora sentiu seu coração disparar, porém antes que Rosie respondesse, Letícia continuou:

- Bom! Ele é ciumento e possessivo. Ele é muito egoísta e não consegue enxergar mais nada, se acha o dono da razão, infelizmente as pessoas ciumentas são assim mesmo.

- Esse é o meu maior medo, não sei como ele vai reagir. – disse Paola cruzando os braços.

- Minha filha, não tema, enfrente-o. Chega de se calar, nunca se esqueça de que o bem sempre haverá de prevalecer. – continuou Letícia.

## CAPÍTULO 13

Num outro canto da cidade, alguns homens trabalhavam arduamente, pois tinham um prazo para terminar logo com o corte da cana, pelo menos na região Sul, afinal eram ordens do patrão.

Todos estavam exaustos, aquelas luvas e aquelas perneiras de couro faziam com que eles suassem muito mais do que o normal, também usavam chapéus de palha e lenços para se protegerem da poeira e da fuligem da cana que fora queimada antes de efetuarem o corte, sem contar que as vestimentas, duas camisas de manga longa e também as botas de couro com pontas de ferro, os deixavam sufocados de tanto calor, porém era necessário, pois evitava o risco de acidentes e possíveis ataques de bichos peçonhentos.

Oswaldo trabalhava em silêncio, em nenhum momento dirigiu alguma palavra ao filho; evitou o diálogo e também qualquer tipo de aproximação, pois sabia que as coisas não andavam nada bem e a qualquer momento ele teria que desaparecer dali. Era só uma questão de tempo e isso ele já havia decidido, sabia que na verdade, nunca tivera um sentimento de amor por aqueles filhos. A mulher o abandonara, e apesar de tudo ele ainda se achava injustiçado com tudo. – pensava ele enquanto limpava o suor que escorria pelo seu rosto, se sentia uma vítima daquela situação, não entendia que todo mal que existia era justamente por ele ser da maneira que era.

Foi quando bem ao longe tocou uma sirene, era hora do almoço. Quase todos os bóias-frias pararam o que estavam fazendo e aos poucos foram se desfazendo de toda aquela vestimenta, correram para pegar suas marmitas, estavam famintos. Naquele momento já não se preocupavam se as mãos ásperas e cheias de calos estavam limpas, estavam famintos demais para se preocuparem com aqueles detalhes.

Erick estava exausto, seu chapéu de palha de abas enormes cobria quase todo seu rosto, já seu pai, não se importou com o barulho da sirene, continuou cortando a cana. Ele mesmo já havia decidido que iria embora, senão ia acabar fazendo uma besteira maior ainda. Se ficasse teria que acabar com a vida daquela menina intrometida, pois se não fosse ela as coisas não teriam chegado naquele ponto. – pensava ele limpando o suor que escorria na sua testa, apesar de tudo ele ainda se sentia injustiçado naquela história toda.

Erick abriu sua marmita, havia somente arroz, feijão e uma coxa de frango com um pouco de farinha. Estava tão faminto que não demorou nem cinco minutos para esvaziar o vasilhame.

Naquele período a safra tinha sido muito boa e há algum tempo ele vinha economizando cada centavo, pois fazia planos de arrumar um canto para ele e Paola. Do jeito que andava as coisas na casa dele, não ia demorar muito para acontecer uma desgraça.

Depois da visita na casa de Rosie, Paola voltou para sua casa. Foi tentar se acalmar, pois logo mais se encontraria com Marcos, e sabia que a conversa seria longa. Só de pensar já sentia uma vertigem. Já na casa de Rosie as duas continuaram conversando.

- Sabe Rosie, meu sonho de ir morar em São Paulo ainda é muito grande, penso que lá poderíamos dar um novo rumo em nossas vidas.

- Eu adoraria! Mas ao mesmo tempo fico dividida, e o Erick? O que será de nós dois?

- Com certeza ele também vai querer sair deste lugar, afinal sua vida aqui não é nada fácil.

- Eu o amo tanto. Quando penso que de uma hora para outra poderemos nos separar, sinto como se me faltasse o ar.

- Sofrer por antecipação é um erro muito grande.

- Como eu gostaria de ser assim como a senhora mamãe, sempre tão firme, tão decidida! - continuou Rosie – Sabe que mais me preocupa? É saber que ele ainda nem imagina o que está por vir. – respondeu ela mesma à sua pergunta.

- É filha, vai ser um duro golpe na vida dele, porém não devemos esquecer de que agora Paola só pode contar com ele e conosco.

- Tudo bem mãe, vamos esperar que ela fale tudo para o Marcos e depois vamos abrir o jogo com Erick.

- Sabe filha, mudando um pouco de assunto, ontem recebi uma correspondência dos nossos parentes de São Paulo. – falou Letícia limpando a mesa do café da manhã.

- E de quem era? Pelo que eu saiba as únicas pessoas que moravam lá, mas que também não deram mais notícias, são os parentes de papai.

- Sim, justamente! A tia de Gabriel escreveu, dizendo que seu avô está muito doente e que tem muita vontade de nos ver novamente.

- Até hoje não entendo por que eles nunca mais quiseram voltar para Araraquara, das poucas vezes que os vimos, foi justamente quando fomos até

Minas Gerais, porém, pelo que me lembro isso já faz muito tempo! Depois eles foram morar em São Paulo, na casa da irmã do vovô.

- É verdade filha. Faz exatamente dez anos que não nos encontramos! Sua avó nunca superou a morte trágica de Gabriel. Ela sempre me dizia nas cartas que enviava que voltar aqui seria sofrer tudo novamente. – continuou – ela revelou sentir muitas saudades de todos, porém não se sentia fortalecida o suficiente para retornar, para dizer a verdade ela nunca conseguiu se curar da depressão, logo ela que era tão alegre e otimista.

- Temos que respeitar a forma que cada um encontra para cuidar de suas feridas, suas cicatrizes.

- Filha, vamos ter que nos ausentar, precisamos ir para lá, afinal, é um desejo do seu avô. Ainda tenho alguns serviços pendentes na empresa, mas assim que resolver tudo, iremos.

Rose ficou um pouco receosa, pois viajar significava ficar longe de Erick, porém ela tinha que obedecer às ordens de sua mãe. Sua mãe continuou falando, queria aproveitar aquele momento com a filha, já que o tempo era sempre tão curto para duas.

- Estive pensando, acho que já está na hora de Erick dar um novo rumo em sua vida, ele é um rapaz muito esforçado e inteligente, não pode ficar a vida toda trabalhando no canavial. Sem contar que o senhor Osvaldo nunca vai incentivá-lo a mudar de vida. O que você acha? Vocês já conversaram a respeito disto?

- Já conversamos sim, mãe! – continuou – ele deseja ir embora para São Paulo e eu tenho certeza de que lá ele se sairá muito bem.

- Poderíamos até convidá-lo para viajar conosco, porém você sabe minha filha, não fica bem, podem surgir comentários maldosos.

- As pessoas deveriam cuidar mais de suas vidas ao invés de se preocuparem com a vida dos outros. - Rosie ficou furiosa, mas a mãe tinha razão.

Rosie deixou a mãe na cozinha pois queria sair, dar uma volta na cidade, queria espairar um pouco, ela sabia que também precisava dar um jeito na sua vida também, talvez morando em São Paulo sua vida tomaria outro rumo e quem sabe seu sonho de se tornar uma grande estilista se tornaria realidade. O que ela não podia fazer era ficar parada. Também pensava em Erick, já estava na hora dele dar uma virada em sua vida.

## CAPÍTULO 14

Na casa de Paola estava apenas ela, que naquele instante se trocava, afinal já estava quase na hora de se encontrar com Marcos. Foi quando ouviu passos no quintal, quem poderia ser? O pai ainda demoraria a chegar. Sua respiração começou a ficar ofegante, pois os passos estavam cada vez mais evidentes. Olhou pela fresta da janela, mas só viu quando uma pessoa de agasalho de moletom com capuz que cobria quase todo o rosto e que também usava luvas pretas, se abaixou e jogou um papel por debaixo da porta. Ela não saberia dizer se era um homem ou uma mulher, pois a pessoa segurava firmemente o capuz com uma das mãos.

Paola viu quando a pessoa saiu apressadamente e bateu o portão. O susto foi tão grande que ela teve que se sentar e respirar fundo, depois correu para cozinha e pegou o bilhete. Não conseguia nem raciocinar direito, quem poderia ser e o que queria ali naquele horário?

Ao ler o bilhete mais um susto. Em letras garrafais estava escrito: “Morra Paola”. Suas mãos gelaram, quem poderia fazer uma coisa dessas? E por quê? Correu, então, para o lado de fora e tentou avistar aquela pessoa estranha, mas não encontrou mais ninguém, a rua estava deserta.

Voltou para dentro de casa e apanhou sua bolsa. Lembrou-se que ainda estava cedo, porém não aguentaria ficar mais nem um minuto naquela casa. Enquanto se dirigia para lá, seus pensamentos ficavam cada vez mais confusos. Talvez fosse uma brincadeira de mau gosto, quem sabe até do próprio pai, só para amedrontá-la.

Quando chegou a praça, Marcos já a aguardava, debaixo daquele sol escaldante, e parecia um tanto cismado. O que teria Paola de tão importante para lhe falar?

- Olá! – disse, apesar da sua constante irritação, embora na presença de Paola ele ainda conseguia ficar um pouco mais calmo. Então a abraçou e a beijou, ela se deixou ficar presa em seus braços, estava um tanto aflita, não sabia mais nem o que lhe dizer primeiro.

- Pensei que ainda fosse demorar a chegar, faz tempo que está aqui?

- E como você acha que estou? Esqueceu que me procurou logo cedo? Desesperada, por acaso não se lembra?

- Não me esqueci, mas pensei que fosse chegar depois do seu horário de trabalho.

- Pedi para sair um pouco mais cedo, estava muito aflito, não conseguia pensar em mais nada. – Na verdade Marcos estava preocupado, algo lhe dizia que não deveria ser coisa muito boa. – Então me diga, o que há de tão importante para me dizer?

- Quero que se case comigo o mais rápido possível! - Olhou bem em seus olhos – não me pergunte mais nada, se realmente me ama, simplesmente diga que sim.

- Você sabe o quanto te amo, mas... tudo é tão estranho, não entendo! Preciso de um motivo muito sério para que as coisas tenham que ser deste jeito. Sinceramente, fui pego de surpresa! - Ele se sentou num banco próximo à ele. Sabia que não tinha condições ainda de arcar com as despesas de um casamento.

- Marcos, eu e meu pai, não podemos mais viver sobre o mesmo teto. Se duvida de mim pergunte ao Erick, ele também não suporta mais aquela casa.

- Não entendo, como podem desprezar tanto o pai de vocês?

- Temos nossos motivos. Na verdade nunca foi possível qualquer tipo de diálogo, ele sempre nos desprezou e sempre nos humilhou e ainda por cima...

Ela se calou, pensou se teria coragem mesmo de falar de um assunto tão delicado; não sabia se conseguiria dizer tudo o que estava sentindo e tudo que se passava naquele lar. Ela só sabia o que se passava em sua alma, era uma dor que não tinha tamanho.

Marcos viu em seu olhar uma expressão de medo e pavor. Nunca tinha notado aquele olhar de pânico, naquele momento estava evidente todo seu medo.

Ele a abraçou, apesar de ser um cara que não demonstrava sentimentos, nem um gesto de carinho e ternura, naquele momento sentiu o quanto Paola estava precisando dele.

- Eu amo você! Não tenha medo, pode contar comigo. - Então a beijou, depois olhou bem em seus olhos, pôde ver em seu olhar, uma expressão de tristeza e abandono, misturado ao medo que se fazia notar.

- Sabe Marcos, hoje enquanto estava me arrumando para vir até aqui, vi quando alguém entrou no meu quintal e deixou um bilhete embaixo da porta. Veja com seus próprios olhos...

Quando Marcos leu, ficou indignado, quem poderia ter tanta raiva de Paola? – pensava ele enquanto lia e relia o papel. - Isso é muito grave! Devemos ir à polícia agora mesmo.



- Por favor, melhor não. Tenho certeza de que foi alguma brincadeira de mau gosto, você sabe, poucas pessoas gostam da minha família, não somos bem vindos por aqui. Somos vistos como um bando de loucos, ainda mais depois que minha mãe foi embora.

- Tudo bem, entendo. Mas deixaram este bilhete depois que você foi me visitar de manhã?

- Sim, foi depois.

- Isso é muito grave! Mas, então qual é a outra coisa que tem para me falar? Paola, preciso que fale tudo o que está acontecendo, precisamos resolver esta situação, senão as coisas vão se complicar ainda mais para o teu lado.

Ele ainda tinha esperanças de que fosse apenas alguma bobagem de Paola. Talvez até por que ela queria sair daquela casa. Então estava inventando aquela história.

- Tudo bem Marcos, acho que chegou a hora de falarmos sério de uma vez por todas. Você me convenceu. Precisa saber toda verdade, afinal não podemos construir nosso futuro em cima de mentiras. - Ela puxou todo o ar de seus pulmões e continuou – Meu pai é um canalha! Ele sempre abusou de mim, sempre me tratou como se eu fosse sua mulher.

Marcos ficou perplexo.

- O que está me dizendo? Você uma mulher capaz de se defender de qualquer coisa deste tipo, está me dizendo que deixou isto acontecer? - Marcos estava transtornado – Quer dizer que me enganou todo esse tempo? Se fazendo passar por uma moça pura e ingênua?

Paola começou a chorar, não esperava que ele a acusasse daquela maneira, as palavras dele fizeram com que ela se sentisse mais culpada ainda por tudo que estava acontecendo em sua vida.

- Você não pode me acusar desta maneira, você não sabe o quanto estou sofrendo. – Paola chorava descontroladamente. Por um momento pensou em colocar um ponto final em sua vida, pois já não via motivo algum para viver.

Marcos continuou com suas agressões verbais:

- Nunca mais me procure! Se você pensou que eu aceitaria essa sua história e que me casaria com você, infelizmente está completamente enganada.

Ele virou as costas e foi embora, deixando-a totalmente desesperada. Ela ficou ali não se sabe quanto tempo. Já estava escurecendo, e as pessoas que

passavam por ali e observavam de uma forma estranha, pois Paola parecia hipnotizada olhando para o nada, não tinha vontade de voltar para casa, afinal lá seria o último lugar onde gostaria de ficar.

Enquanto isso, quem acabava de chegar em casa era o pai dela, que de imediato ficou surpreso. A casa parecia abandonada. Ele já havia notado como a filha andava rebelde ultimamente e isto o preocupava, sinal de que as coisas estavam se complicando cada vez mais. Tinha que pensar numa solução para aqueles problemas. Porém estava tão cansado, que foi tomar um banho e depois se jogou no sofá, não iria comer nada.

Oswaldo não se sentia nem um pouco culpado, acreditava que na sua condição de pai, não estava agindo errado.

Foi quando a porta se abriu e Erick entrou. Realmente a casa estava muito silenciosa, já que normalmente naquele horário o que se ouvia eram as brigas e discussões entre seu pai e sua irmã. Logo depois chegou Paola, estava aos prantos. Correu para seu quarto e trancou a porta, não queria falar com ninguém.

Erick ainda correu atrás dela, ficou preocupado com o estado que a irmã se encontrava.

- Paola, por favor abra a porta, precisamos conversar. Estou preocupado com você.

- Preciso ficar sozinha, depois conversaremos!

- Estou preocupado com você, me diga o que está acontecendo, talvez possa ajudá-la. - Lembrou-se das palavras de Rosie.

Foi então que o pai apareceu no corredor e gritou:

- Você não está vendo que ela não quer ser importunada! Saia já daí!

- Se o senhor não se preocupa com ela, eu me preocupo!

- Já está mais do que na hora de você sumir desta casa. – Oswaldo estava querendo se ver livre dele, e na verdade tinha medo que ela contasse a verdade.

- Não se preocupe, logo mais irei embora desta casa e levarei Paola embora comigo. - Erick evitava olhar para o pai, fixou seu olhar no teto.

Ela, ao ouvir as palavras de Erick, sentiu uma pontada de esperança em seu coração, se ver longe de tudo aquilo era o que mais queria em sua vida.

- Ela não vai sair daqui, o lugar dela é nesta casa. E eu sou seu pai e eu decido.

- Isto é o que senhor está dizendo, ela já é maior de idade e pode muito bem decidir o que é melhor para ela. Tenho certeza de que ela me acompanhará sem nenhum remorso ou arrependimento.

Como era difícil para Erick ver que as coisas a cada dia pioravam ainda mais. Sempre sonhou em viver em paz, com o aconchego de um lar, porém tudo isso parecia impossível de acontecer.

A porta do quarto se abriu violentamente, Paola parecia transfigurada, havia um ódio em seu olhar, os dois ficaram paralisados.

- Parem de discutir por minha causa! A partir de hoje ninguém mais vai me humilhar ou qualquer outra coisa que seja. – Falava olhando firmemente para o pai – Erick saiba que irei para qualquer lugar do mundo com você, meu irmão.

- Quer dizer que os dois pretendem ir embora?... Não pensem que será tudo tão simples assim, vocês não perdem por esperar.

Oswaldo saiu batendo os pés, sua vingança não tardaria, foi se deitar remoendo tudo que ouvira deles.

Rosie não demorou muito e voltou para casa, queria se arrumar, pois não tardaria muito e seu amor chegaria.

Letícia estava na varanda. Tinha sido um dia cheio, aquela conversa com Paola a deixara um tanto apreensiva, o que seria daquela pobre menina, o que poderia fazer para ajudá-la? Será que ela estava mesmo disposta a dar um basta naquela situação? Ficaria por perto, e no momento em que a menina se mostrasse confiante, a ajudaria superar e enfrentar tudo o que estava acontecendo.

A mãe lembrou-se dos tempos difíceis da época em que ficara viúva, até que apareceu a oportunidade de trabalhar naquela confecção. A princípio seria só uma experiência, pois ela teria que provar que era capaz de aprender o serviço. E não deu outra, conquistou o cargo de auxiliar administrativo no departamento pessoal da empresa e provou que poderia ir muito mais além, logo ocupou o cargo de encarregada. Naquela época era um cargo respeitado, pois a maioria dos moradores trabalhavam no canavial, inclusive as mulheres.

Os pensamentos de Letícia foram interrompidos no momento em que Rosie entrou na sala. Então, naquele instante ela se deu conta no quanto sua filha havia crescido e se tornado uma linda moça, seus cabelos loiros e cacheados brilhavam como nunca. Os olhos claros eram idênticos aos de Gabriel. Havia em seus modos o mesmo carisma de seu pai, era difícil não se apaixonar por Rosie,

pois além de ser uma doce menina era muito inteligente e companheira. Isso ela não podia negar. Outra coisa que chamava muito a atenção de Letícia era a personalidade forte de Rosie. Sim, ela estava se tornando uma pessoa muito decidida e muito bem resolvida, apesar da sua pouca idade era muito segura de si.

Lembrou-se quando Rosie era pequena, a menina já tinha um grande fascínio pelo mundo da moda. Seus olhinhos brilhavam a cada visita ao departamento de criação da fábrica, era sempre assim quando ia trabalhar com ela, depois quando chegava em casa, reproduzia tudo em vários retalhos de tecido. Era o passatempo predileto dela.

Ela sabia que a viagem para São Paulo, seria uma grande oportunidade para filha correr atrás dos seus sonhos e procurar uma escola de moda, onde pudesse desenvolver todo seu potencial. E ela tinha certeza de que Rosie se sairia muito bem.

Foi então que a campainha tocou e a menina saiu em disparada para abrir a porta, pois sabia que deveria ser Erick. Porém ao abrir a porta levou um tremendo susto ao vê-lo, estava pálido.

- Meu amor, o que aconteceu? Está tudo bem?

- Infelizmente não! – Estava muito tenso

- Sente-se, vamos conversar. Vou buscar um copo d'água para você.

Quando ela voltou e lhe deu o copo com água, ele bebeu tudo de uma só vez. Suas mãos estavam suadas, só então criou coragem para conversar.

- Preciso que confie em mim!

- Mas por que está dizendo isto? Aconteceu alguma coisa?

- Eu não sei, mas tenho medo que alguma tragédia se abata sobre a minha casa; ultimamente não consigo me controlar e por pouco não agredi meu pai.

- Calma! Tudo irá se acertar dê tempo ao tempo meu amor! Pense que logo iremos para São Paulo.

- Será que vou suportar? Será que serei forte o suficiente para não cometer uma loucura? – Ele suave, estava pálido.

Naquele momento seus olhos verdes, estavam quase que acinzentados, era assim que ficavam todas as vezes que ficava muito irritado.

- Precisa se controlar! Sei que sua paciência está no limite, mas nunca se esqueça de que ele é o seu pai.

- Meu Deus! Sinto muito por você Erick. – disse Letícia, tentando acalmá-lo.

- Tudo bem, estou mais calmo agora. Quero agradecer à senhora, por ter tanta paciência comigo neste momento tão conturbado.

- Não precisa agradecer. Aqui você tem todo apoio que precisar. Agora com licença, vou terminar alguns relatórios da empresa, boa noite Erick!

- Boa noite!

Depois que a mãe saiu os dois se abraçaram e naquele abraço havia uma mistura de carinho, de amor e confiança.

Ela sabia que jamais duvidaria daquele amor, pois nada a faria se afastar dele e nem tampouco questionaria qualquer palavra que ele dissesse.

- Amo você de uma maneira que jamais saberei explicar, nada do que eu faça poderá demonstrar o quanto te amo! – se afastaram um pouco e continuaram de mãos dadas. Ele falava aquelas palavras de uma forma tão intensa, que Rosie não tinha nem como duvidar.

- Eu também te amo e tenho certeza de que logo mais todas as coisas se resolverão, por acaso você já conversou com Paola, ela já lhe falou alguma coisa?

- Não, ainda não tivemos este tempo só para nós dois, pois meu pai está sempre por perto. – continuou – hoje ela estava descontrolada, chorando muito.

- Acho que você deveria arrumar um jeito conversar com ela, tenho certeza de que Paola está precisando muito de você. Se você quiser poderemos pedir para que ela venha até nossa casa, assim conversaremos todos juntos! - Rosie não queria mais vê-lo desesperado e sofrendo por não conseguir resolver os problemas de desavenças da casa dele. - Procure conversar com Paola, ela está precisando de você, é só isso que posso dizer.

Os dois se calaram, ele ficou intrigado com a forma em que Rosie se referiu à irmã, será que estava acontecendo mais alguma coisa que ele não sabia?

Ainda ficaram conversando até tarde da noite, já era de madrugada quando Erick voltou para casa e no caminho ia se lembrando de todos os fatos de sua infância. Realmente, o pai nunca o amara e nunca fizera questão de agradá-lo. Também pensava, por onde andaria sua mãe? Quanto tempo já se passara e nada dela dar pelo menos um sinal de vida. Talvez fosse outra que pouco se

importava com eles. O vento fresco da madrugada trouxe por alguns segundos uma sensação de paz para o seu coração.

E os dias foram se passando. Cada dia mais Letícia se afundava naquele escritório, não queria deixar nenhuma pendência durante sua ausência, seria uma questão de dias e partiriam.

## CAPÍTULO 15

Na casa de Erick pouca coisa havia mudado na rotina de todos. Paola quase não saía de casa, vivia trancada em seu quarto. Osvaldo voltava tarde do canavial, jantava e ia se deitar, pois também estava cansado e já havia prometido para si mesmo que não tocaria mais um dedo na filha, tudo aquilo estava se tornando perigoso demais.

Foi numa sexta de manhã que os dois saíram muito cedo para o trabalho, e Paola ainda ficou um pouco mais em sua cama. Pensava em Marcos, pensava em sua vida tão sem sentido, as pessoas que ela mais amava nunca haviam lhe dado a menor importância, sempre achou que com Marcos tudo seria diferente, porém mais uma vez se decepcionara... E naquela manhã ela se lembrava de quantas humilhações havia passado nas mãos do pai, e também o sumiço de sua mãe. Estava em total desalento, pois ainda tinha o bilhete misterioso, realmente sua vida não valia nada mesmo. – pensava ela cobrindo o rosto com travesseiro, lágrimas corriam pelo seu rosto. Se revirou na cama e tentou pegar no sono mais uma vez, mesmo sabendo que passava das sete horas e sol lá fora já estava tinindo.

Foi quando alguns vizinhos ouviram uma gritaria que vinha da casa dela. Não conseguiram distinguir de quem eram os gritos, e depois tudo silenciou. Alguns ainda saíram de suas casas e viram que a porta e as janelas da casa dela ainda estavam fechadas, e acharam melhor não se intrometerem, pois era tão comum ouvirem as brigas por ali... trataram de cuidar de seus afazeres.

Quando já estava anoitecendo, Erick chegou, cansado demais. Suas costas doíam, suas pernas pareciam estar pesando uma tonelada, decidiu que iria direto para o banho e se jogaria na cama, não queria nem pensar em jantar e nem tampouco ir a casa de Rosie.

Foi então que ao abrir a porta, suas pernas bambearam: a casa estava com muitas marcas de sangue pelas paredes.

Ele vasculhou rapidamente os cômodos gritando o nome de Paola, porém não houve nenhuma resposta. Foi seguindo alguns respingos de sangue que iam desde o quarto dela até o quintal dos fundos.

A cena que viu o paralisou por alguns instantes, quase desmaiou. A irmã encontrava-se caída numa poça de sangue, seu rosto estava totalmente desfigurado. Pelo jeito, quem fez aquilo a atacou com uma faca. No mesmo instante veio a lembrança do pai, ele queria pedir socorro, mas a sua voz não saía, queria gritar, mas também não conseguia. Será que o pai seria capaz de tamanha barbaridade?

Lágrimas escorriam por sua face, amava demais a irmã, não era justo o que estava acontecendo. Então tratou de chamar a polícia. Não demorou muito e a rua ficou cheia de curiosos, todos queriam entrar na casa, mas foram impedidos por policiais. Um detalhe que chamou a atenção dos policiais foi o bilhete que se encontrava no bolso da calça de Paola. Decidiram guardar para futuras averiguações. Erick não conseguiu dizer muitas coisas, estava sofrendo demais, limitou-se a responder somente o que eles lhe perguntavam.

Quando Rosie chegou correu e foi abraçá-lo.

- Meu amor, que tragédia! Isso é desumano! – ela chorava desconsolada, pois gostava demais da amiga. - Eu sinto muito.

- Isso não vai ficar assim!

- Não vamos falar sobre isso agora, tente se acalmar. Mas e o seu pai onde está?

- Não tenho a mínima ideia, ele saiu mais cedo do trabalho e ainda não apareceu.

Estranhamente naquela noite o pai não voltou para casa e Erick não sabia responder o que poderia ter acontecido com ele, já ele havia trabalhado somente no período da manhã.

Depois do sepultamento, começaram as buscas, pois Osvaldo ainda não tinha dado sinal de vida.

Já tinha se passado três dias daquele acontecimento fatídico e nada do pai dele aparecer. Todos os moradores estavam comentando que provavelmente o filho estava envolvido com aquele desaparecimento. Porém como não existia um corpo, não podiam acusá-lo de nada.

O clima era tenso, aquele caso repercutira em rede nacional, era um caso misterioso e de difícil solução, pois a menina antes de ser morta foi violentamente espancada, tudo indicava que quem fez aquilo estava com muito ódio.

Através daquele bilhete os policiais tentariam chegar até o assassino, seria uma questão de tempo.

Marcos foi chamado à depor, ele contou que apesar de terem terminado o namoro depois de uma briga, ele ainda amava Paola e pensava seriamente em fazer as pazes com ela. -Falava ele evitando olhar para o delegado.

- Mas e o bilhete? – Perguntou o delegado Teixeira.



- Não fui eu que mandei. No dia em que brigamos, ela me falou deste tal bilhete e eu ainda disse a ela que deveríamos procurar a polícia, porém ela se recusou.

- Mas você estava com muita raiva dela, não estava? Qual foi o motivo da briga de vocês?

- Estava, mas depois passou. – Ele preferiu omitir o motivo da briga, estava com muito medo de que não acreditassem nas suas declarações e ainda o incriminassem. – Nós brigamos porque ela queria se casar o mais rápido possível e eu lhe disse que ainda não estava preparado para dar um passo tão importante como aquele. - Limitou-se a responder isto.

- Ainda não podemos fazer nada, porém trate de ficar pela cidade, provavelmente você será chamado para depor novamente.

- Entendi, espero que fique comprovado que sou inocente. – Marcos levantou-se rapidamente e saiu cabisbaixo.

Logo depois chegou Erick, havia um grande número de pessoas na porta da delegacia, muitos curiosos, todos estavam ansiosos para acharem o culpado, algumas pessoas gritavam:

- Assassino... assassino!

Havia também vários repórteres tentando entrevistar Erick, queriam saber o que de fato aconteceu naquele dia. Porém ele conseguiu driblar a multidão e entrar na delegacia.

Ao entrar na sala de interrogatório, sentiu-se um bicho encurralado, nunca tinha colocado os pés numa delegacia e ao ouvir a gritaria das pessoas ficou muito assustado.

- Bom tarde, senhor Erick! - Disse o delegado Teixeira com uma cara de poucos amigos.

- Boa tarde!

- Sente-se, por favor.

- O senhor sabe o motivo desta intimação?

- Sinceramente ainda não consegui entender, porque me chamaram, afinal sou tão vítima quanto a minha irmã.

- Sim sabemos, porém não se esqueça de que o desaparecimento do seu pai ainda é uma incógnita. Talvez você possa nos ajudar. Também existe uma

enorme cobrança da população para que você seja o suspeito número um no assassinato de Paola.

- Mas eu sou inocente. Jamais faria uma coisa daquelas com minha irmã!

- Acreditamos na sua inocência quanto ao assassinato de Paola, mas não estamos falando sobre isso e sim do desaparecimento de seu pai. Vamos direto aos fatos, chamei duas pessoas aqui hoje, por que elas me revelaram fatos que até então desconhecíamos.

A porta se abriu e para surpresa dele, Rosie e Letícia entraram. Rosie ainda correu para abraçá-lo, mas ele se afastou. Afinal, o que significava tudo aquilo? O que elas sabiam que ele não sabia?

Os olhos de Rosie estavam vermelhos de tanto que já havia chorado, suas mãos trêmulas denunciavam o medo e o pavor, o que seria dali pra frente? Será que ele a entenderia?

- Melhor deixarmos as emoções para mais tarde, trate de se refazer dona Rosie e deixe que eu prossiga com o interrogatório. - Ele se virou e olhou firmemente para Erick. - Você sabia que o seu pai abusava de sua irmã? Por acaso sabia que ela andava recebendo cartas com mensagens ameaçadoras?

Ele levou um choque ao ouvir aquelas revelações, estava lá o tempo todo e nunca fora capaz de ver o que estava acontecendo a sua volta.

- Rosie, o que significa tudo isto? Preciso que me diga.

- Por favor, Erick, não tire suas próprias conclusões, precisamos esclarecer tudo.  
- Ela começou a chorar descontroladamente, foi então que pediram para ela se retirar.

- Então, te fiz uma pergunta meu rapaz... Não vai me responder?

- Eu... Simplesmente estou chocado, não sabia nada disto. Nunca me passou pela minha cabeça tamanha monstruosidade e nem tampouco o sofrimento de minha irmã. Se soubesse, a teria protegido daquele monstro. Acho que se ele aparecer na minha frente neste momento sou capaz de cometer um crime.

- Você o odeia muito, não é? Será que não tem nenhuma ligação com estas revelações?

- Eu não o odeio! Simplesmente não concordo com sua forma de ser. Realmente estava difícil a nossa convivência.

- Agora com o desaparecimento dele, você passa a ser nosso suspeito número um. E também vamos investigar se realmente você não sabia de nada mesmo do que acontecia em sua casa. Lamento te informar, mas está em maus lençóis.

- Esta semana foi muito difícil para mim, o sumiço de meu pai está me deixando muito intrigado e confuso, não sei o que pensar. Apesar dos nossos atritos eu ainda tinha esperanças de que um dia pudéssemos ser grandes amigos, porém com estas revelações acredito que nunca mais vou perdoá-lo.

- Será que não está fingindo? Se fazendo de bobo meu rapaz? Não pense que vou acreditar assim tão fácil. Existe outra coisa que está me intrigando demais. – houve uma pausa, ele tentou limpar o suor de sua testa, era assim que ficava o delegado Teixeira, toda vez que estava diante de um interrogatório, afinal ele não podia deixar escapar nenhum detalhe.

- Pois então me diga, o que quer saber? - Erick ainda desviou seu olhar para Letícia, talvez ela estivesse ali por aquele motivo.

- Rosie, me disse que você estava prestes a cometer uma loucura, contra o seu pai, isso é verdade?

- É verdade, mas jamais teria coragem de fazer alguma coisa da qual pudesse me arrepender depois.

- Entendo. Pedi para que as duas viessem até aqui hoje, porque com as declarações que elas deram você passa a ser o suspeito principal neste caso. Antes, tudo indicava que seu pai era um foragido, porém Sr. Erick, neste momento ele passa a ser um desaparecido. Será que ele também não foi assassinado? Será que a morte de Paola foi só para não deixar suspeitas do verdadeiro criminoso do senhor Osvaldo?

- Isto cabe ao senhor investigar. Também tenho interesse de que as coisas se esclareçam o mais rápido possível.

- Bom, por hoje é só! A qualquer momento vocês poderão ser chamados para mais esclarecimentos, podem se retirar.

Os dois saíram e viram Rosie sentada num banco de frente para o estacionamento, ela ainda não parara de chorar.

- Sinto muito pela forma que descobriu tudo, tínhamos a intenção de lhe falar, porém a própria Paola nos pediu segredo. - disse Letícia.

- Ainda estou chocado, nunca poderia imaginar uma coisa dessas.

- Eu também sinto muito.

Os dois se aproximaram de Rosie, que correu para abraçar a mãe. Estava envergonhada e se sentindo culpada por tudo.

- Precisamos conversar Rosie, pare de chorar e de se comportar como uma menina mimada.

- Por favor, minha filha pare de chorar! Vamos voltar para casa. Lá poderemos conversar com mais calma.

- É uma boa ideia. – disse Erick secamente.

Durante o caminho de volta para casa, não trocaram nenhuma palavra. As duas seguiam lado a lado e Erick um pouco mais atrás. Os minutos até a casa delas pareceu durar uma eternidade.

Ao chegarem, Rosie correu e foi a primeira a entrar, enquanto os dois ainda andavam vagarosamente.

Letícia quando entrou tratou de abrir todas as cortinas da sala. Queria que a claridade invadissem toda a casa.

- Sente-se, por favor! – disse ela se dirigindo ao Erick.

- Muito obrigado.

- Vou deixá-los a sós, assim poderão esclarecer melhor tudo o que aconteceu nesses últimos tempos. - Então ela seguiu para seu quarto. Na verdade ela estava com muita pena daquele pobre rapaz.

Rosie não esperou que ele falasse nada, já foi se explicando:

- Quero que fique bem claro, não te falei nada porque foi um pedido de Paola, ela queria resolver tudo do jeito dela.

- Estou um tanto magoado, penso até que se tivesse me contado poderíamos ter evitado esta tragédia.

- Então você acha que seu pai é o culpado?

- Tenho quase certeza que sim, ele é um ordinário.

- E o seu desaparecimento, o que acha que pode ter acontecido?

- Ainda não sei, mas eu vou descobrir, pode ter certeza. – Dizia ele com muita raiva.

- Não cometa nenhuma loucura meu amor, nunca te vi tão nervoso! Tenha calma e lembre-se de que nada fará com que Paola volte.

- Não posso deixar pra lá, sinto-me na obrigação de esclarecer tudo isto. Olha, vamos fazer o seguinte: vamos nos afastar durante algum tempo. Preciso pensar em tudo, preciso ficar sozinho!

- Você está dizendo que devemos terminar nosso namoro?

- Isto mesmo Rosie, preciso ficar sozinho... Estas revelações, o seu silêncio, tudo isso mexeu demais comigo, sinceramente? Perdi o chão.

- Você acha que também não estou sofrendo? Nunca lhe passou pela cabeça o quanto eu e Paola éramos amigas? E de repente aconteceu tudo isso. No momento em que mais preciso você vai me abandonar, fazer com eu me sinta mais culpada ainda? Será que você não tem sentimento por ninguém Erick?

- Você errou, nunca deveria ter me escondido nada!

- Entenda, foi um pedido de Paola, tínhamos um trato, eu não podia... Será que não me entende?

- Não importa! Minha irmã estava assustada e com medo, estava se sentindo ameaçada e por isso não teve coragem de contar. Tenho certeza que temia por mim também. Presenciava constantemente nossas brigas e por isso pediu segredo.

- Ela me pareceu muito segura com a sua decisão, por isso decidi esperar.

- Agora preciso ir, o melhor é darmos este tempo.

- Erick, não faça isto, você sabe o quanto amo você! – Dizia ela quase se pendurando em seu pescoço, porém ele parecia irredutível.

- Não, não me peça nada, estou confuso. Ele puxou as mãos dela de seu pescoço e saiu apressadamente.

Foi então que Letícia apareceu, abraçando Rosie:

- Deixe-o ir Rosie, será melhor assim.

- Ele jamais me perdoará.

- Deixe o tempo passar, logo mais terei uma conversa com ele. – dizia sua mãe tentando confortá-la.

Mais uma vez ela caiu num pranto sentido. Seria muito difícil viver longe dele, porém era uma situação que fugia de seu controle.

## CAPÍTULO 16

Quando Erick chegou em casa, se deu conta da desordem do lugar. Ultimamente ele não queria saber de nada, nem se alimentava mais direito, estava entregue ao desânimo. Sentou-se no sofá e chorou. O que seria da sua vida? Perdera a irmã tão querida e também acabara de perder seu grande amor.

Ali mesmo adormeceu. Quando acordou os raios de sol já invadiam o ambiente. Ele ainda esticou as pernas, revirou-se no sofá e decidiu se levantar. Observou um pouco mais o ambiente e viu que a luz do quarto do pai estava acesa.

Será que ele tinha voltado? – Pensou Erick.

Qual não foi a surpresa quando deu de cara com ele no corredor, de malas prontas.

- O que significa isto? O que pensa que está fazendo? O senhor não pode ir a lugar algum, sem antes conversarmos e também é bom avisarmos a polícia, pois todos estão pensando que o senhor está morto ou então está ligado ao assassinato de Paola.

- Eu não vou ficar nesta cidade nem mais um minuto. Sei que andam dizendo por aí! Não quero ser preso injustamente, não tenho culpa de nada.

- Será que o senhor não tem mesmo? E quanto aos abusos? Já estou sabendo de tudo. O senhor deve pagar por isso, tudo leva a crer que o senhor tinha razões de sobra para assassiná-la.

- Cale-se! – dizia ele com os olhos arregalados, parecia um bicho acuado, estava totalmente fora de si.

- Eu vou ligar agora mesmo para polícia! – Erick correu para pegar o telefone, porém Osvaldo foi mais rápido e sacou uma arma.

- Fique onde está senão vai se arrepender.

- Pense bem no que está fazendo, quem pode se arrepender é o senhor.

- Não tenho nada do que me arrepender e é melhor você não ligar para polícia. - Osvaldo estava muito nervoso e trêmulo.

- É desumano tudo o que tem feito em nossas vidas, nunca foi capaz de uma demonstração de carinho e atenção.

- Você nunca quis me dar o seu amor e a culpada de tudo isso foi a sua mãe, ela roubou você de mim!

- Não é verdade! Você sempre a humilhou.

- Ela sempre teve o que mereceu.

- E quem me garante que o desaparecimento dela não está ligado a todas essas coisas? - Erick tentava arrumar um jeito de tomar a arma das mãos dele, pois o pai estava muito agitado e gritava. - Por que não tenta se acalmar?

- A sua mãe me amava do jeito dela, pode ter certeza.

- Não posso acreditar nisto, ninguém seria capaz de amar uma pessoa como o senhor.

As mãos de Osvaldo não paravam de tremer, e Erick temia pelo pior. Teria que ser rápido, ou acabaria acontecendo uma desgraça.

- Afaste-se deste telefone, já lhe avisei, não pense que estou de brincadeira.

- Por onde esteve? Preciso que me diga.

- Não vou dizer nada para você e é melhor que deixe de falar besteiras. - Ele engatilhou a arma. Em questão de segundos tudo estaria terminado. Colocaria um fim na vida daquele que um dia ele tanto amou, porém todo seu amor fora rejeitado. - Pensava ele mirando a arma na direção de Erick. Foi então que ouviram o portão se abrindo, estava chegando alguém. Osvaldo se distraiu, foi até a janela para ver quem era. Erick aproveitou aquele momento de distração e partiu para cima dele, queria pegar a arma, porém Osvaldo foi mais resistente e não deixou. Os dois se atracaram no chão da sala. De repente um disparo e a luta cessou, Osvaldo tombou para o lado. Erick se apavorou, fora um tiro acidental, mas acertara o pai em cheio.

Quem presenciou tudo foi Rosie que acabara de entrar. Ela não sabia se gritava ou se saía correndo.

Ele ainda tentou lhe explicar:

- Não é nada do que você está pensando, vamos chamar a polícia.

Ela continuava parada e apavorada, havia em seus olhos um misto de medo e pavor.

- Você matou o seu pai...

- Não diga isto Rosie, foi um acidente.

- Você não podia ter feito isso! - Ela mencionou sair correndo, porém ele a segurou pelo braço; não deixou que ela saísse dali.

- Preste atenção em suas palavras, está me acusando injustamente; logo mais tudo será esclarecido, vou chamar a polícia. - Tudo naquele momento parecia um pesadelo.

- Eles não vão acreditar em você. - Falava tentando se soltar dos seus braços.

- Não importa! Quero fazer tudo como deve ser feito, eu não tive a intenção, foi um acidente.

Apesar de tudo, ele estava em estado de choque, nunca havia pensado num desfecho daquele. Suas mãos tremiam, não conseguiu se conter e chorou desesperadamente, sua vida agora estava acabada.

Logo depois a casa foi invadida por policiais e ele simplesmente se entregou.

- Quero que acreditem que sou inocente.

- Até que se prove o contrário, você é culpado. - Disse o policial.

- Preciso falar com Rosie!

- Seja breve!

Ele se afastou e foi falar com ela.

- Tudo isto foi uma grande fatalidade, era eu ou ele. Não tenho mais ninguém Rosie, você precisa acreditar em mim, não foi proposital, acredite.

- Estou confusa, no momento a única coisa que posso sentir é pena de você.

- Você não sente nada por mim, esta é a verdade. – disse Erick muito ressentido.

- Não diga isto nem de brincadeira.

- Na verdade nunca se importou comigo. Você é muito egoísta.

- Já chega de conversa, vamos para delegacia. – O policial já estava ficando irritado com aquele falatório.

Os dois se afastaram, os policiais trataram de algemar Erick e o levaram para delegacia. O corpo do senhor Osvaldo foi levado para o necrotério e todos os curiosos também sumiram dali.



## CAPÍTULO 17

Na casa de Marcos, ele sofria muito, nunca imaginara que as coisas terminassem daquele jeito.

Paola foi seu grande amor. A saudade que sentia dela, chegava a doer na alma. Decidiu sair, ir até a praça, talvez ali encontrasse um pouco de paz.

Quando lá chegou, as crianças brincavam alegremente. Corriam, pulavam e se divertiam. Marcos observou como os pais vigiavam seus filhos com tanto carinho e atenção. Muitos ali, na certa pensavam como seria brilhante o futuro de seus filhos. Sua mãe um dia também sonhara assim, também pensou que jamais algum mal pudesse lhe acontecer, até o dia do acidente. Mais uma vez pensou em Paola, lembrou-se do quanto fora rude com ela, isso ele não se perdoaria.

Na rua os carros, as pessoas correndo de um lado para o outro. Quem de fato se importaria com ele, com a sua vida? Quem de fato gostaria de ouvi-lo, simplesmente ouvi-lo? Marcos estava muito chateado e amargurado. Foi então que decidiu ir até a casa de Rosie. Na verdade os dois não tinham muita amizade, mas num momento como aquele talvez ela o entendesse.

Ela tinha acabado de chegar da casa de Erick, estava com os olhos vermelhos de tanto chorar, mesmo assim foi atendê-lo.

- Boa tarde Rosie! – Falou, mas ficou meio sem graça, pois percebeu que ela não estava nada bem. Pensou até em desistir de falar algo a respeito de sua dor.

- Oi Rosie, o que houve? Por que está chorando?

- Oh Marcos, você não imagina o quanto estou sofrendo. – ela não parava de chorar.

- Acalme-se e me conte o que está acontecendo, quem sabe posso ajudá-la! – no mesmo instante ele já se esqueceu de sua dor.

- Acabei de voltar da delegacia, aconteceu uma coisa terrível.

- Como assim?

- O senhor Osvaldo apareceu e eles tiveram uma discussão violenta... – Não conseguir prosseguir.

- Então quer dizer que o crápula do senhor Osvaldo resolveu voltar? Vou agora mesmo para lá, quero acabar com a vida dele!

- Você não vai poder fazer isto, porque ele já está morto. – ela voltou a chorar.
- Morto? Não acredito! Mas como isso pode ser possível?
- Durante a discussão, Erick acabou atirando nele e agora ele está morto.
- E onde está o Erick?
- Ficou detido. O corpo do senhor Osvaldo já foi retirado da casa e hoje mesmo será sepultado. – continuou - Erick me disse, que foi um acidente, quero acreditar que sim. Porém até que se esclareça tudo, terá que ficar detido.
- Acho que aquele verme teve bem o que mereceu, afinal destruiu a vida de Paola, com certeza foi ele quem a matou.
- Se foi ele, foi tudo muito bem planejado, não deixou pistas.
- Então vai ficar difícil provar a inocência de Erick.
- Na verdade a única pista concreta que polícia tem, é um bilhete encontrado na bolsa da calça dela.
- Ela me falou do tal bilhete. – Marcus desviou seu olhar para o chão, evitou encarar Rosie.
- Quem mais além dele, seria capaz de ter feito uma barbaridade daquelas?
- A polícia também me chamou para ser interrogado, também sou suspeito, eles me pediram para não me ausentar da cidade.
- Ela não possuía muitos amigos, quase não saía de casa. Na verdade a única pessoa que ela confiava, era eu.
- Ela sempre me falou muito bem de você.
- Paola era uma boa menina, sei o quanto ela sofreu, vou sentir muito a sua falta. – Rosie falava com tanta tristeza no olhar. Pensava, porque teve que ser daquela forma? – sabe Marcos, Erick e eu estávamos cheios de planos, de repente tudo mudou. Sei o quanto ele está magoado comigo. Talvez seja até o fim do nosso namoro.
- Não pense assim, ele te ama. Agora é ter paciência e aguardar para que os fatos sejam esclarecidos.
- E agora o que será que vai acontecer? Será que as tragédias vão parar por aqui? Não sei mais o que pensar de tudo isto.

- Sabe Rosie, ontem conversando com a minha mãe, ela me fez ver o quanto agi errado com Paola, pois jamais deveria ter falado que ela era a grande culpada por permitir que os abusos se repetissem.

- É, você errou neste ponto, pois como sumiço da mãe, ela ficou ainda mais presa nas mãos daquele crápula.

- Se eu pudesse ter uma nova chance faria tudo diferente, porém agi como um covarde. Ah! Rosie se eu pudesse voltar no tempo...

- Será que a mãe dela nunca desconfiou de nada?

- Paola evitava falar da mãe, era como se ela nunca tivesse existido. Acredito que a mãe dela não sabia de nada.

- Seria um tanto desumano da parte dela, omitir um fato tão sério como aquele. Qualquer mãe defenderia sua filha com unhas e dentes.

- É, mas nem sempre é assim que funciona. Existem mulheres que se amedrontam, tem medo de enfrentar o marido e outras são capazes de fingir que não sabem de nada, só para não se separarem. Foi o que minha mãe estava tentando me fazer entender.

- Vai entender o que se passa dentro da cabeça de cada um.

Os dois falaram sobre outras coisas, porém Rosie estava um pouco distante, ela só pensava em como poderia ajudar Erick, afinal ela já falhara uma vez com ele, então não queria que isto acontecesse de novo.

- Não sei se sinto pena ou se fico feliz com o que aconteceu ao senhor Osvaldo. - Disse Marcos um tanto pensativo.

- Temos que pensar da seguinte forma: não devemos querer fazer justiça com as próprias mãos. Infelizmente ele acabou sendo vítima da sua própria arma.

- Você tem razão, se ele não estivesse armado naquela hora, provavelmente as coisas não teriam acabado daquele jeito.

- É verdade.

Ele decidiu ir embora, deixaria Rosie sozinha, afinal ela precisava naquele momento de um tempo só para ela.

- Agora preciso ir, quero agradecer por me ouvir, saiba que tirei um grande peso de minhas costas. A partir de hoje tentarei ser uma pessoa mais flexível e também passarei a ouvir mais as pessoas, sem julgá-las ou tirar minhas próprias conclusões.

Eles se despediram, estava um final de tarde agradável e Marcos no seu caminhar solitário ia pensando que talvez um dia conseguisse apagar toda aquela história de sua memória. Continuaría levando sua vida e com certeza o tempo seria seu melhor aliado.

Rosie esperou a mãe chegar do trabalho, precisava muito conversar com ela, sentir o seu abraço acolhedor.

Quando Letícia chegou foi surpreendida pela impaciência da filha.

- Meu Deus! O que foi desta vez? Por favor, não me venha mais com suas histórias desagradáveis!

- Me perdoe mãe, mas ultimamente é só o que sei dizer.

- Então me diga logo! – Na verdade temia pelo o que poderia ser dito.

- Então vou direto ao assunto. O Erick está preso, está sendo acusado de matar o senhor Osvaldo.

- Mas o pai dele não estava desaparecido? Como pode ser possível uma coisa dessas? - Ela estava atônita.

- Bom, ele voltou para pegar seus pertences, disse que iria embora de uma vez por todas. Então os dois discutiram e o senhor Osvaldo tentou intimidá-lo com uma arma, logo depois se atracaram e houve um disparo acidental. - Rosie voltou a chorar, nem ela mesma ainda acreditava no que estava acontecendo.

- Sinto que a situação de Erick está ficando cada vez mais complicada.

- Eu o amo tanto! Nem sei mais o fazer.

- Minha filha, agora só nos resta esperar um pouco mais. – Letícia deu um longo suspiro, estava preocupada com o futuro incerto de sua filha, pois Rosie estava se envolvendo em problemas graves demais para sua pouca idade. Também sentia muita pena de Erick, afinal era como se ele fosse parte da família.

Durante aquela semana, as horas pareciam não ter fim. Erick se recusava a falar com ela ou com qualquer outra pessoa.

## CAPÍTULO 18

A rotina naquela cela quente e abafada, onde ele tinha que dividir com mais três pessoas o deixava um tanto abatido e atordoado. Na verdade não falava quase nada, somente respondia ao que lhe perguntavam.

Ficava horas olhando para o teto e se remoendo, afinal ainda amava Rosie demais, mas talvez o melhor fosse ele se afastar e deixá-la de lado. O amor que sentia de nada valia, foi então que se revirou na cama. Passou as mãos em seu rosto. Há duas semanas que não se barbeava, não queria saber de ninguém, já tinha tomado uma decisão, ninguém mais ouviria falar o seu nome. Sabia que era uma decisão difícil, porém não suportava mais aquela situação, tinha esperanças de que logo apareceria a verdade.

Rosie esperou durante dois meses para poder se aproximar, mas de nada tinha adiantou.

Naquele sábado Letícia acordou decidida, teria uma conversa com a filha. Já estava mais do que na hora de viajarem para São Paulo.

- Precisamos urgentemente viajar! Também andei pensando muito, você precisa pensar mais em você filha, entenda que ele não quer mais falar com você.

- Sabe mãe, partir sem ao menos falar uma única vez com Erick... Isso me entristece demais. Para mim é muito doloroso, não posso acreditar que tudo tenha acabado desta forma. – Rosie falava com tanta tristeza no olhar que naquele momento a mãe ficou penalizada.

- Nós sabemos que ele é inocente, logo mais a verdade aparecerá, confie na justiça.

- Quero que a senhora me dê somente mais alguns dias, tentarei falar com ele novamente. Prometo que será minha última tentativa.

- Tudo bem, vou esperar, mas seja breve!

Naquela mesma semana apareceram alguns repórteres querendo saber mais detalhes da vida de Erick, porém elas se recusaram a dar qualquer entrevista, pois tinham medo de atrapalharem nas investigações.

Enfim chegou o domingo e Rosie se dirigiu muito cedo para delegacia, estava com o coração disparado, sentia uma saudade enorme dele, queria muito abraçá-lo e beijá-lo. Há quanto tempo não ouvia nem a sua voz? A distância fez Rosie perceber o quanto ainda o amava e o quanto desejava ter uma vida feliz ao seu lado.

Finalmente ele a receberia, sim era isto mesmo que acabara de ouvir do policial, que foi avisá-la e pedir para que ela se dirigisse à sala ao lado. Mais uma vez seu coração disparou, era só uma questão de segundos e logo mais veria aqueles olhos verdes que ela tanto amava. Sua respiração foi ficando cada vez mais ofegante, pensava até que iria desmaiar, não sabia nem decifrar o que estava sentindo.

Ouviu quando a porta de aço que separava o ambiente se abriu lentamente, rangendo muito alto, era um barulho ensurdecedor, – Meu Deus será que vou resistir? – pensava ela. Suas pernas bambearam, sentiu uma pontada fria em seu coração,

- Senhora, está tudo bem? – falava o policial preocupado com a palidez de Rosie.

- Oh! Desculpe-me estava tão longe. Estou bem sim, só um pouco emocionada.

Quem vinha logo atrás era o Erick, um tanto mais magro e abatido, porém seu olhar era duro e frio. Mas quando se viu frente a frente com Rosie, foi difícil controlar a emoção e eles se abraçaram demoradamente. Porém rapidamente ele a soltou, estava revoltado demais para se deixar levar pela emoção.

- Por favor, Rosie, melhor não misturarmos mais as coisas, ainda não consegui perdô-la pelo que me fez.

- Eu te amo mais do que tudo, você precisa acreditar em mim, parece até que você já se esqueceu das nossas juras de amor e do nosso momento de entrega, será que nada disso importou para você?

Ele se fez de desentendido, pois sabia que se naquele momento deixasse a emoção falar mais alto, não teria coragem de colocar um ponto final em tudo.

- Temos muito pouco tempo para conversar, então quero ser claro e objetivo com você. Por favor, faça de conta de que eu nunca existi em sua vida. Você me entendeu? Agora preciso ir.

Ele não esperou pela resposta, simplesmente virou as costas e voltou para sua cela. Porque talvez, se ele se demorasse um pouco mais, se lançaria em seus braços e pediria para ela ficar. Mas estava exausto e sabia o quanto ela sofria com tudo que estava acontecendo em sua vida. Não achava justo envolvê-la daquela maneira.

Rosie ficou sem ação. Não adiantaria chamá-lo, afinal já tinha tentado de tudo. Foi embora triste e desconsolada, não havia mais nada que pudesse fazer. As últimas palavras dele ficaram martelando em sua cabeça, parecia que iria enlouquecer tudo aquilo não podia ser verdade, ainda o amava tanto.

De repente as pessoas pareciam girar na sua frente, parecia até que elas gargalhavam de sua desgraça, e tudo foi ficando em câmera lenta, a sua vista começou a ficar turva e as imagens aos poucos foram sumindo e ela apagou, desmaiou em plena avenida.

Quando acordou já estava num leito de hospital, viu apenas o vulto de uma pessoa ao seu lado.

- Filha que bom que acordou! Está melhor? Levei um tremendo susto!

Só então Rosie reconheceu a figura da mãe, aos poucos tudo voltou ao normal.

- Mãe, não sei o aconteceu comigo, de repente tudo escureceu e eu não vi mais nada. - Ela começou a chorar, lembrou-se das últimas palavras de Erick.

- Minha filha, não chore mais, deste jeito vai acabar adoecendo gravemente! - Havia no rosto de Letícia, naquele momento, um olhar de ternura. A sua menina crescera, tornara-se uma linda mulher. Não importa o que aconteceria dali pra frente, ela sempre estaria ao seu lado. Pensava ela enquanto acariciava os cabelos de Rosie. – Agora precisamos ter uma conversa muito séria, espero que finalmente você me entenda.

- Diga minha mãe, já estou ficando preocupada com o que tem a me dizer.

- Acabei de falar com o médico e ele me relatou que o seu mal estar foi somente os sintomas de sua gravidez, minha filha, precisamos resolver esta história de uma vez.

Naquele momento Rosie ficou sem ação, pois sabia que havia desfeito o laço de confiança que havia entre as duas. Na verdade, era última coisa que queria ouvir, nunca havia pensado naquela possibilidade, também ficou um tanto envergonhada.

- Mãe me perdoe, sei que eu deveria ter lhe contado tudo, sei que errei ao omitir isto da senhora. Esta notícia me deixou sem chão, depois da conversa que tive com Erick hoje, sinto que terei que tomar outro rumo em minha vida.

- Pense bem no que está dizendo, não podemos omitir este fato tão importante da vida dele.

- Preciso que a senhora me perdoe e me apoie neste momento.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Letícia. Amava tanto aquela filha, que seria capaz de passar por cima de qualquer coisa. Porém antes teria uma conversa com Erick. Afinal de contas, desde os últimos acontecimentos, ainda não havia conversado uma única vez com ele.

Naquele mesmo dia voltaram para casa. Estavam pensativas, pois sabiam que algo mudaria para sempre suas vidas. No meio de tantas brigas e preocupações, com certeza um novo mundo estava se descortinando.

Letícia, sempre confiante, não se deixaria abater por aquela nova situação.

A manhã despontava e ela não conseguira dormir. Se revirou na cama, olhou para claridade que invadia seu quarto, e de repente sentiu uma paz em todo seu ser, pois amava o calor, gostava de dias quentes e adorava quando da janela do seu quarto, conseguia ver os raios de sol despontando. Em silêncio fez uma prece de agradecimento por mais um dia em sua vida, afinal eram momentos únicos, vividos e contemplados com muita serenidade e paz de espírito.

Pôs-se a pensar em Rosie e Gabriel. Precisava fazer alguma coisa para ajudá-los, quem sabe ela conseguiria fazer com eles se entendessem? Ela o conhecia há tanto tempo, e apesar de tudo, sabia que ele jamais chegaria ao ponto de premeditar um crime... Era evidente que o senhor Osvaldo fora o causador de tudo.

Duas horas depois já se encontrava dentro da delegacia.

- Bom dia, senhor delegado, vim aqui pedir-lhe permissão para conversar com Erick, tenho um assunto muito sério para tratar com ele.

- Dona Letícia, bom dia! A senhora conhece as normas, temos que seguir as benditas regras, infelizmente não poderei fazer o que me pede.

- Mas serão somente alguns minutinhos, eu prometo que não vou exceder.

- Sinto muito, mas não poderei ajudá-la, se eu fizer isto, logo mais todos se acharão no direito de ter as mesmas regalias.

Ela ficou um pouco decepcionada, porém sabia que ele estava com a razão, então foi embora, decidiu que iriam viajar naquela tarde mesmo, sabia que a partir daquele dia, suas vidas mudariam para sempre.



## CAPÍTULO 19

O presente

Rosie ouviu quando alguém a chamava insistentemente.

- Senhora, por favor acorde, está tudo bem?

- Sim estou bem! Só um pouco indisposta. O que aconteceu? Há quanto tempo estou aqui? Só me lembro da chuva e da estação abarrotada de gente.

- Acho que a senhora deve ter caído num sono profundo, pois daqui a cinco minutos sairá o último trem desta linha.

- Meu Deus! Dormir deste jeito na estação, deve ser porque realmente estou muito cansada... – Rosie ficou meio assustada. Havia pouco mais de quinze pessoas naquele horário.

Quando o vagão chegou, ela entrou rapidamente. Da estação da Luz até a estação Jabaquara daria uns vinte minutos e depois mais uns dez minutos de caminhada até a sua casa. Porém não iria se arriscar. Pegaria um táxi, e foi o que fez.

Ao chegar a seu apartamento pegou as correspondências que estavam embaixo da porta e depois foi direto tomar um banho, somente uma ducha quente tiraria todo aquele cansaço do seu corpo. Ao sair do banho foi direto para sua cama, sabia que no dia seguinte teria muitas coisas para resolver. Ela ainda revirou-se na cama, tentou achar uma melhor posição confortável para dormir naquela cama imensa, porém o sono não vinha, talvez fosse a ansiedade que não a deixava dormir. Até que o cansaço finalmente venceu e ela adormeceu.

Na manhã seguinte, logo cedo já estava de pé. Teria pouco tempo, pois ainda teria que passar na concessionária e pegar o carro e depois aproveitaria o restante da manhã para fazer algumas compras, sem contar que depois trataria de se preparar para o grande encontro daquela tarde. A sua sorte é que trabalhava com uma equipe muito competente e que com certeza cuidariam de todos os compromissos agendados para ela naquele dia.

Sua mãe continuava morando em Araraquara. Na verdade ficou pouco tempo morando em São Paulo, não conseguiu se adaptar a agitação da cidade grande. - Pensava Rosie enquanto preparava seu café com torradas.

Combinaram de se encontrar no apartamento dele, no bairro do Butantã, um bairro um pouco distante, praticamente do outro lado da cidade. Ela estava tão pensativa que quase não notou o trânsito absurdo que estava na Marginal

Pinheiros, mais alguns minutos e já estaria frente a frente com o grande e único amor de sua vida. Ela andou mais dois quarteirões e tratou de procurar um lugar para estacionar. Essa era uma missão quase impossível de se resolver. Enfim encontrou uma vaga num estacionamento bem próximo ao Campus da USP. Ao entregar a chave para o manobrista, observou tudo ao seu redor e de onde estava pode ver o prédio do qual ele havia falado ao conversarem por telefone. Naquele instante suas pernas bambearam, será que teria mesmo coragem de ir até lá? Quase duvidou dela mesma. Enfim respirou fundo e seguiu pela calçada. Automaticamente começou a contar todos os quadrados que formavam um mosaico em preto e branco. Essa era uma das manias que Rosie não conseguia parar, tudo tinha que ser contado e conferido várias vezes, porém estava tão aflita que se limitou a contar somente uma vez, felizmente o resultado tinha dado número par, isso era um bom sinal.

Quando chegou à frente do imenso prédio, anunciou seu nome na portaria e não demorou muito tempo ela já estava apertando o botão do 12º andar. Rosie ainda se olhou no espelho ao entrar naquele elevador, parecia que não se reconhecia mais. Era como se aquela imagem refletida não correspondesse todas as emoções que estava sentindo, era como se ela ainda fosse aquela moça de vinte anos do interior... E de repente ela ouviu um sinal bem suave avisando que ela já poderia sair dali.

Quando a porta se abriu eis que surge na sua frente um homem de cabelo grisalhos e um par de olhos verdes. Havia estampado em seu rosto o mesmo sorriso, aquele que jamais havia se apagado de sua memória. Era incrível, mas Erick estava mais bonito e atraente do que há vinte anos, ainda conservava uma aparência muito jovial.

Todas as suas emoções guardadas voltaram em questão de segundos, era como se o tempo não tivesse passado. Ele correu para o abraço. O aconchego daquele abraço fez com que ela se sentisse uma criança ao ser embalada, havia tanta ternura, os segundos pareceram uma eternidade, foi um momento único. Ele a soltou olhou bem em seus olhos.

- Rosie! Você não sabe o quanto estou feliz em te ver aqui na minha frente! Por favor, vamos entrar afinal temos muitas coisas para conversar.

- Obrigada. – foi só o que ela conseguiu dizer, tamanha era a sua emoção.

Quando ele abriu a porta de seu apartamento o que Rosie viu, foi uma ampla sala, com uma decoração muito moderna e de bom gosto, havia na sala uma porta de vidro que dava para uma sacada enorme, onde era possível avistar um parque ecológico bem de frente.

Aquele lugar, a presença de Erick, tudo parecia irreal, parecia um sonho. – pensou enquanto admirava o sorriso dele.

- Por favor, sente-se, vou preparar algo para bebermos. Você prefere um suco, uma água ou licor de menta?

- Pode ser um licor, como nos velhos tempos...

Ele pegou as duas taças e encheu lentamente. Naquele instante seus olhares se encontraram. Ambos sabiam que aquele momento não era algo tão simples.

- Um brinde aos nossos velhos tempos! Sabe Rosie, tenho que te confessar, o tempo fez muito bem a você.

- Obrigada Erick, assim você me deixa sem graça. – Continuou – Um brinde aos nossos velhos tempos. Sabe que muitas vezes duvidei que este reencontro pudesse acontecer, até o dia daquela ligação inesperada. Não entendo porque você desapareceu de nossas vidas, sabia o quanto que eu te amava, sem contar as nossas juras de amor; para mim, os três anos que passamos juntos foram os anos mais felizes que tive, pois você estava ao meu lado. Mas depois acabamos seguindo por outros caminhos, infelizmente os problemas acabaram com todos os nossos sonhos. - Ela parou de falar por um instante - Desculpe-me, não deveria falar isto agora.

- E você acha que também não sofri com a nossa separação? Para mim foram anos de angústias, não pense que não paguei um preço muito alto ao decidir me afastar de você. - Ele estava tenso, pois sabia o quanto lhe custara caro tomar aquela decisão, afinal partiu no mesmo dia em que foi solto. Ele simplesmente desapareceu da cidade e ninguém nunca mais ouviu falar dele.

- Infelizmente. Mesmo depois de comprovada a sua inocência na morte de seu pai. E também não conseguiram provas para incriminá-lo no assassinato de Paola.

- Eu também sei disto! Sempre procurei de alguma forma me inteirar dos fatos. Entenda Rosie, eu precisava me afastar daquela cidade, daquelas pessoas, afinal me acusaram injustamente, eu jamais teria coragem de fazer alguma coisa contra o meu pai.

- Mas vamos deixar o passado um pouco de lado Erick, fale-me mais sobre você!

Rosie sorriu e ele pode ver como o sorriso dela ainda era fascinante.

- Quando você sorri, parece uma criança livre e despreocupada das dificuldades da vida. - Aquele comentário por um momento fez com que os dois se descontraíssem um pouco mais. - Mas enfim, minha vida foi muito conturbada.

Você sabe, vinha de uma cidade relativamente pacata, onde trabalhávamos somente para o nosso sustento e ao me deparar com uma cidade grande como São Paulo, com pouco dinheiro no bolso... Afinal a casa em que morei durante tantos anos, demorou muito tempo para ser vendida. – Continuou – Logo que cheguei à velha Estação da Luz, tratei de procurar um lugar para me acomodar melhor. Tive que aprender a matar um leão por dia para sobreviver, fazia de tudo um pouco, até que encontrei uma família que decidiu me alugar um cômodo nos fundos da casa deles, o dono da casa, o senhor Felipe, um feirante muito conhecido daquele bairro, morava com a esposa e mais uma moça que se chamava Marina, éramos da mesma idade.

Por um instante ele parou de falar, seu sorriso se dissipou no ar.

- Então vocês se envolveram?

- Antes que isso pudesse acontecer, eu voltei a estudar e me formei em Direito, foram os cinco anos mais duros da minha vida. Sabe Rosie, encontrar aquela família foi a minha tábua de salvação.

- Fico feliz por você Erick, com certeza você merecia esta segunda chance. Só não entendo, por que não me procurou?

- Queria que você fosse feliz. Afinal sabia o quanto havia sofrido com tudo que teve que enfrentar enquanto estávamos juntos.

- Desculpe Erick, interrompi o que você estava falando, continue a sua história.

Na verdade não queria que ele pensasse que ela estava cobrando alguma coisa, pois também optara em tentar ser feliz longe dele.

- Depois de formado me casei com Marina. A nossa convivência diária, a minha carência, tudo isso contribuiu para que eu e Marina nos tornássemos cada vez mais íntimos. Havia nela algo que fazia me sentir seguro, bom enfim, logo depois a gravidez, aquela família parecia cada vez mais me envolver, me proteger, perto deles eu me sentia amado de verdade.

- Mas o que aconteceu, por que vocês não estão mais juntos?

- Começaram as cobranças, o ciúme, ela queria que eu fosse uma presença constante nas vinte quatro horas do dia, vieram as discussões, pois afinal eu era um recém-formado, buscando meu lugar ao sol. - Erick sorriu, quebrou um pouco aquele clima tenso que estava se formando.

- Erick... Você parece um menino... isso que está me falando é muito sério!

- Eu sei disto Rosie, desculpe-me, hoje posso sorrir ao contar esta história, mas naquela época foi tudo muito difícil. Continuando, eu pensava muito na minha

pequena Natália, ao olhar para minha filha, eu me sentia capaz de suportar qualquer problema. Porém Marina não pensou assim. Partiu para agressão verbal e depois para agressão física. Natália já estava com quase um ano de idade, era o bebê mais lindo que eu tinha visto em toda minha vida. Havia também os pais de Marina. Praticamente me imploraram para ter paciência com a filha, pois achavam que ela estava passando por algum transtorno psicológico e que com tratamento as coisas mudariam. Apesar de tudo, guardo em minha memória momentos inesquecíveis que passei ao lado daquela família que me apoiou e hoje posso dizer que sinto muita gratidão.

As taças já estavam vazias e a noite se aproximava. Conversar com Erick ainda era muito agradável. – Pensava Rosie naquele instante e então ela se deu conta do quanto ainda havia em Erick aquele sentimento de bondade.

Ela foi até a sacada, contemplou o final de tarde, sentiu um nó na garganta. Falar do passado ainda era dolorido, sentiu que não estava preparada para falar do seu passado e de tudo o que lhe acontecera naqueles vinte anos.

Erick foi até ela, se aproximou e colocou a mão sob seu queixo, puxou-a delicadamente para junto dele e a beijou.

- Rosie, eu nunca te esqueci, durante todos esses anos alguma coisa sempre me dizia que um dia iríamos nos reencontrar.

Ela se afastou, afinal fora pega de surpresa.

- Por favor, Erick, não devemos nos precipitar. Agora preciso ir, ainda não estou preparada para falar sobre tudo o que me aconteceu nestes últimos anos.

- Não pense que para mim foi fácil, muitas noites acordava assustado, tinha pesadelos terríveis, aquela delegacia, a figura de meu pai, todas recordações daquele dia fatídico. Encontrar minha irmã ali sem vida, brutalmente assassinada, sabe-se lá por quem, todas essas coisas ficaram durante muito tempo martelando em minha cabeça.

- Eu entendo Erick. Porém naquela época eu era muito jovem e não tinha maturidade suficiente para apoiá-lo e ajudá-lo no que fosse preciso. Sentia muito medo do que poderia acontecer em minha vida.

- Tudo bem Rosie, eu sei que estou ansioso demais, querendo ter todas as respostas neste exato momento, estou querendo entender no que se transformou nossas vidas. – Ele parou de falar por um momento. – Me perdoe. É que algumas vezes sinto como se alguma parte da minha vida tivesse sido roubada de mim. Parece que ficou um vazio, uma lacuna que nunca vai se fechar.

- Entendo, muitas vezes tenho esta sensação também.
- Será que ainda há tempo para recuperar este tempo perdido?
- Não podemos afirmar nada Erick, estas coisas somente o tempo dirá.

Ela voltou para a sala e colocou sua taça sobre a mesinha e sem pensar muito pegou a sua bolsa, já indo de encontro a porta. Quando girou a maçaneta, Erick correu e colocou sua mão sobre a dela.

- Ainda vamos nos ver?
- Claro que sim!
- Por favor, fique mais um pouco.
- Tenho que ir, mas em breve nos veremos.

Ela foi até o final do corredor e aguardou alguns minutos, que pareceram uma eternidade.

Quando Rosie saiu, ele ainda ficou sem saber direito o que fazer. Foi até a varanda e ficou pensando quanto tempo teria que esperar para que um novo encontro pudesse acontecer.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo interfone, era o porteiro avisando que sua filha estava subindo.

Ela já chegou resmungando:

- Onde já se viu? O próprio pai barrar a filha na portaria.
- Não diga isto minha filha, são normas do condomínio.
- Tudo bem pai. - Ela deixou o mau humor de lado e lhe deu um beijo no rosto. – como você está?

Natália era uma adolescente. Com seus quatorze anos, era muito inteligente. Havia em seus traços uma mistura de Erick e Marina. Seus cabelos loiros e os olhos verdes eram idênticos aos do pai. Já seu rosto fino e alongado lembrava demais Marina. Ela possuía uma beleza exótica, a boca carnuda e a pele cheia de sardas.

Natália tinha uma verdadeira adoração pelo pai, apesar de morar com a mãe. As duas viviam em conflitos, pois na verdade a mãe nunca aceitou o fim do casamento, e queria que a filha ficasse do seu lado, ajudando-a a reconquistar Erick.

Porém a menina se recusava a tomar partido naquela briga, afinal achava até ridículo ter que tomar partido. Ela sabia que para o pai o assunto já estava encerrado, a separação acontecera há tanto tempo.

- Estou bem filha. E você como está? E a sua mãe está bem?

- Estou bem papai, quem não está nada bem é a mamãe,

- Por que diz isto minha filha? Sua mãe é muito jovem e muito bonita ainda. Por que ela não procura uma ajuda psicológica? Talvez isto a faça enxergar a vida de outra forma, talvez até se ela buscasse algum trabalho voluntário...

- O problema é que ela acredita que um dia vocês ainda vão voltar. Ela tem esperanças de que um dia o senhor entre por aquela porta para ficar, definitivamente.

- Ela ainda insiste neste assunto?

- Papai, eu também gostaria muito que voltasse, mas se for para viverem brigando e se agredindo eu prefiro que seja assim.

- Filha me desculpe pelo que vou lhe falar agora, mas o nosso casamento foi um erro. Quando nos envolvemos, éramos amigos demais, talvez Marina tenha confundido, assim como eu. Acho que foi uma carência de ambas as partes. Porém, de tudo isto posso lhe garantir que você foi a melhor coisa que poderia ter acontecido em nossas vidas.

- O senhor dizer que tudo foi um erro! Isto é demais para mim!

- Eu e sua mãe nos conhecemos numa época muito difícil da minha vida.

Natália se calou naquele instante, alguma coisa nas últimas palavras do pai fez com que ela se desse conta de que o passado dele era algo que ele evitava falar.

- Você nunca me falou sobre o seu passado. Nunca me falou no nome de sua família. Quem foram seus pais, tinha irmãos? Por que nunca me falou sobre isso?

Ela foi até a cozinha pegar um copo d'água, foi então que viu duas taças sobre a mesa, não se conteve e perguntou.

- Vejo que teve visitas hoje!

Erick foi pego de surpresa.

- Hoje recebi em meu apartamento, a visita de uma antiga namorada, para dizer a verdade ela foi o grande amor de minha vida. Esta é uma história muito longa, mas prometo que lhe contarei tudo.

- Promete que não vai esquecer nenhum detalhe? – Ela sorriu descontraidamente.

Erick retribuiu o sorriso e sem que pudesse controlar, as lembranças vieram como num filme em preto e branco. Lembrou-se da irmã, como seria se hoje ela estivesse viva? Apesar de tudo ele tentava levar uma vida normal, procurava esquecer-se daquele dia fatídico. Será que teria mesmo coragem de contar tudo para filha? Porém ela já estava crescendo e era até natural que quisesse saber tudo sobre sua vida.

- Papai, está tudo bem? - Ela passou as mãos em frente ao seu olhar perdido.

- Sim! - Ele se encolheu um pouco e depois sorriu para menina.

Na verdade a vida de Erick era muito solitária naquele apartamento. Sua única companhia eram as visitas de Natália.

Quando a menina chegava, aquele apartamento se iluminava, criava vida, pois a filha trazia tanta alegria para seu coração.

Depois de muito conversarem, naquela mesma tarde ele decidiu convidá-la para irem até uma pizzaria que ficava bem próxima dali e lá contou tudo o que vivera até o presente momento. Ela ficou um pouco chocada com algumas revelações, porém entendeu o desenrolar da história. Ela olhava para o pai com muita ternura, pois nunca havia imaginado o quanto ele sofrera em seu passado.

- Obrigada pai, por confiar em mim. Tudo o que sou hoje eu devo a você.

Havia nos olhos de Natália duas lágrimas que teimavam em cair.

De volta ao apartamento ela ainda tinha uma única pergunta a fazer, algo que a deixara um tanto cismada.

- Só uma coisa me intrigou demais nesta história... O desaparecimento de sua mãe. O senhor nunca a procurou? E Paola, por que nunca descobriram o verdadeiro culpado?

- Claro que procurei por muito tempo pelo paradeiro de minha mãe, porém não obtive nenhuma resposta, tudo sempre foi muito vago. Quanto a Paola é um mistério que um dia quero desvendar, eu nunca vou descansar enquanto não achar o verdadeiro culpado.

- Entendo.



## CAPÍTULO 20

Naquela mesma semana, Rosie preparava um relatório em seu apartamento. Teria que entregá-lo no outro dia sem falta, afinal, logo depois que finalizasse todos os detalhes, viajaria com sua equipe para o grande desfile em Milão.

Na manhã seguinte, quando chegou a empresa, foi recebida com muito entusiasmo por meia dúzia de pessoas que circulavam pelo amplo escritório no décimo andar daquele prédio. A fábrica ficava ao lado do prédio, possuía uma fachada fantástica, capaz de atrair qualquer pessoa que passasse por ali.

Da sacada do décimo andar, Rosie observava o movimento lá embaixo. Ela se perguntava se realmente todo frenesi e alvoroço daquelas pessoas desesperadas querendo comprar, trazia de fato a verdadeira felicidade.

-Rosie, bom dia! Está tudo bem com você? Por um segundo me passou pela cabeça de que não está tão empolgada em viajar daqui a um mês.

Daniel era um dos sócios daquela empresa. Um homem muito elegante e muito inteligente, formado em administração de empresa e conhecedor de muitos países. Era descendente de italianos e escolhera, juntamente com seu irmão Douglas o Brasil para investir no ramo da confecção.

- Claro que estou entusiasmada com a viagem. Eu só estava aqui me perguntando sobre algumas questões que agora não vem ao caso.

- Sabe Rosie, ultimamente você anda muito quieta, por acaso está passando por algum problema? Algo que possamos ajudá-la?

- Não diria que é um problema! – Ela sorriu, pois sabia que Erick era a melhor coisa que poderia ter acontecido em sua vida. – Você acredita que a vida possa nos dar uma segunda chance? Você acredita que as pessoas possam mudar o seu destino? Apesar de todas as circunstâncias mostrarem que não haverá outra saída?

- Nada é impossível minha querida! Talvez alguns dos nossos sonhos se percam no caminho, mas o que realmente for importante para nossa evolução como pessoa, com certeza o próprio universo fará com que tudo se encaixe no seu devido tempo.

- Então quer dizer, que muitas vezes nos precipitamos e não confiamos no que o universo tem a nos oferecer?

- Na verdade só recebemos aquilo que acreditamos que podemos ter. A força do universo só contribui para que tudo aconteça no seu tempo certo.

Ela ia falar mais alguma coisa, mas quem apareceu na sala naquele momento foi Penélope, esposa de Daniel. Ela era seu braço direito, cuidava do departamento de consultoria de modas. Porém o ciúme a dominava, quando via Daniel conversando com alguma mulher, sua fisionomia na mesma hora mudava.

- Daniel, será que podemos conversar um pouquinho? Aguardo você na minha sala. - Ela ignorou Rosie, passou como um furacão e foi direto para sua sala.

- Ufa! Não sei por que Penélope está sempre tão nervosa?

- Ela não está nervosa, é o jeito dela. - Ele sorriu meio sem graça, pois a mulher já o fizera passar várias vezes por situações desagradáveis.

- Bom, acho melhor você ir logo! - Ela retribuiu o sorriso.

Rosie foi para sua mesa e avaliou algumas fotos, fez algumas anotações e tratou de entregar o relatório nas mãos de Douglas. Com certeza logo mais ele a procuraria para discutirem os últimos detalhes da viagem.

A tarde transcorreu tranquilamente. Não houve muitos contratemplos. Em alguns momentos ela se viu pensando em Erick, ainda o amava e não havia mais dúvidas, Rosie se perguntava: qual seria a reação dele quando soubesse que era pai de um garoto com um pouco mais de dezenove anos. Rapaz muito inteligente e muito independente. Muitas vezes ela se assustava com tamanha semelhança com o pai, tanto física, como em alguns gestos, parecia até que ela estava vendo Erick quando tinha aquela idade.

Rogério não morava mais com Rosie. Decidira fazer o curso de Engenharia Civil em uma outra cidade, no interior de São Paulo. São José dos Campos. A princípio esta decisão provocou em Rosie um grande desconforto, porém sabia que ele estava buscando seu próprio caminho e ela não podia impedi-lo. Enfim, esperaria o momento certo para contar toda verdade ao Erick.

Rosie recordou-se também do dia em que recebeu aquela ligação no seu escritório.

Daniel passou o telefone para ela e disse que um homem estava com uma conversa meio estranha e que seria melhor ela falar com ele.

- Boa tarde, aqui é Rosie, quem está falando? - Perguntou ela meio desconfiada, pois não tinha a menor ideia de quem pudesse ser.

- Rosie será que tem alguns segundinhos para mim?

Ela de imediato reconheceu aquela voz. Apesar do tempo, apesar da correria, apesar de tudo que se possa imaginar, ela jamais esqueceria aquela voz. Suas pernas bambearam, seu coração disparou.

- Será que é quem eu estou pensando que é?

- É o Erick...

Por um momento a voz se calou, e para Rosie foi como se aquele silêncio fosse um grito dentro de sua alma.

- Como está? – também fora tomado pela emoção, não conseguiu prosseguir.

- Como você me achou? Por onde andou durante todos esses anos? Meu Deus! Não posso acreditar.

- Cheguei até você através dos outdoors que estão espalhados pela cidade, anunciando o grande desfile da nova coleção da renomada estilista Rosie Pimentel que acontecerá em Milão,

Ele descreveu perfeitamente o que estava escrito no outdoor.

De repente ela foi subtraída de seus pensamentos com o som estridente do telefone. Entre um problema e outro, chegou a hora de voltar para casa, mais uma vez enfrentaria o trânsito caótico da cidade.

Já era bem tarde quando finalmente chegou a sua casa, decidiu ligar para seu filho.

- Boa noite filho, como está?

- Estou bem! Um pouco cansado. Hoje foi um dia corrido na faculdade e você mãe, como está? Tem se cuidado?

- Estou bem querido! Às vezes a saudade bate mais forte, porém fico muito orgulhosa por saber que você está conseguindo atingir seus objetivos.

Houve um silêncio, um segundo que pareceu durar uma eternidade. O que Rogério conseguiu ouvir foi a respiração ofegante da mãe. Ele conhecia perfeitamente e sabia que algo não estava bem.

- Mãe, aconteceu alguma coisa? Estou achando a sua voz um pouco triste.

- Não meu filho, não aconteceu nada. Só estou me sentindo um pouco solitária, afinal nem sempre somos tão fortes quanto parecemos ser. Muitas vezes as preocupações parecem querer nos dominar, contudo, seguimos em frente. Fique em paz, estou bem. – ela ainda não estava com coragem de contar sobre Erick.

- Entendo. Você me ensinou a ser esta pessoa determinada, mesmo quando tudo parecer impossível.

- A vida me ensinou a não fraquejar, a não me importar mesmo que meu coração esteja sangrando, a vida me ensinou a nunca desistir.

- Eu te amo e te admiro muito!

- E eu a você, Rogério!

Conversaram durante mais algum tempo e depois se despediram com a promessa de que logo mais se fariam.

Aquela conversa fez muito bem a Rosie, ela ficou mais calma e resolveu ir dormir. O barulhinho da chuva batendo na janela do seu quarto trouxe uma sensação de paz e ela adormeceu rapidamente.

Passaram-se três dias até que um novo telefonema fizesse com que o coração dela disparasse.

- Bom dia! Como está?

- Que surpresa agradável logo cedo! Estou bem e você?

- Tenho trabalhado muito, e entre uma audiência e outra penso muito em você.

- Erick, eu também pensei muito em você nestes dias, mas também tenho trabalhado feito uma louca, pois como já te falei, no final de novembro viajaremos para Milão. Praticamente setembro já se foi, tenho um mês para finalizar todos os detalhes.

- O que vai fazer neste sábado? Pensei em convidá-la para assistirmos uma peça musical na Sala São Paulo por acaso você já conhece este lugar maravilhoso?

- Sim conheço. Um lugar magnífico, aquela sala é um espetáculo! Sem contar as apresentações maravilhosas que acontecem lá. Certa vez fui assistir uma apresentação da Orquestra Sinfônica de Heliópolis, meu Deus achei incrível!

- Somos privilegiados por morarmos em São Paulo, pois a cidade possui vários pontos culturais fantásticos.

- Então você já me convenceu! Está combinado, sábado a que horas?

- Posso passar em seu apartamento umas seis horas da tarde, o que você acha?

Ela pensou por um instante e depois decidiu que sim, o melhor seria ele a buscar. Tratou de passar o endereço e assim ficou decidido.

Quando finalmente o sábado chegou, as horas pareceram voar e logo que Erick avisou que já estava na portaria, imediatamente foi autorizado a subir.

Quando a campainha do seu apartamento disparou, ela levou um susto, não podia acreditar nas coisas que andavam acontecendo em sua vida.

- Por favor, entre!

Ele mais do que depressa entregou um ramalhete de flores, ela naquele instante corou.

- Obrigada! É muita gentileza de sua parte.

- Estas flores são para a pessoa mais especial e encantadora que agora está de volta em minha vida.

Rosie foi colocar as flores num vaso e pediu que ele aguardasse, pois iria terminar de se arrumar

Ele aguardou silenciosamente, observou o ambiente agradável. Ficou imaginado, como teria sido a vida dela durante todos aqueles anos? Levantou-se e andou até o aparador que se encontrava na sua frente, examinou aquela foto no porta-retrato. Era ela e um rapaz muito sorridente, tinham até alguma semelhança, porém o rapaz da foto era muito parecido com ele mesmo quando tinha aquela idade.

De repente Erick se deu conta, de que aquele rapaz da foto poderia ser seu filho. Não, não podia ser, afinal ela não falou nada sobre isso, ela não omitiria um fato tão importante como este. Ele ficou impaciente.

Quando ela retornou, toda linda e perfumada, a vontade dele era a de agarrá-la pela cintura e beijá-la como nos velhos tempos, ela realmente continuava linda, de repente ele voltou a realidade.

- O que foi? Está tudo bem? - perguntou Rosie um pouco assustada.

- Preciso que me confirme uma coisa, quero que me diga se o que estou pensando é verdade.

Ele foi até o aparador e pegou o porta retrato, entregou nas mãos dela.

Ela não sabia o que falar, ficou sem ação, afinal o que poderia dizer naquele momento? Tudo era tão evidente.

Os dois se abraçaram e choraram, não havia nada que pudesse ser dito e nada que pudesse ser feito para que o tempo voltasse atrás.

- Por que tivemos que pagar um preço tão alto? Nós nos amávamos tanto, tínhamos nossos sonhos, nossos planos e de repente a vida tirou tudo de nós...

- Éramos jovens demais para suportarmos tantas pressões...

- O grande culpado de tudo isto que até hoje ainda se reflete em nossas vidas, foi o meu pai, Rosie. Foi ele que conseguiu destruir todos os nossos sonhos e os sonhos de todos que se aproximavam dele. Sabe que vendo esta foto... Fico me perguntando, como seria ter convivido com meu filho? Tê-lo visto crescer?

- Não adianta jogar a culpa no passado, o melhor que podemos fazer hoje, é seguir nossas vidas adiante. Pense em quantas coisas realizou todos esses anos! Guardar mágoas e ressentimentos não vai fazer bem para tua alma.

Erick deu um longo suspiro, pois sabia que ela estava coberta de razão.

- Mas me diga qual o nome dele, o que ele mais gosta? Alguma vez perguntou de mim? Que explicação deu a ele todos esses anos?

- Rogério, o nome dele é Rogério. Sempre respondi a ele que vivemos uma grande paixão e que na época, você estava passando por problemas terríveis que acabaram nos afastando.

- Você sabe que não foi bem assim.

- Por favor, Erick, não me julgue e nem me condene.

- Então naquela tarde que você foi a delegacia me visitar, você já sabia?

- Não, eu não sabia. Depois que saí dali, passei muito mal e acabei desmaiando, acordando somente depois, num leito de hospital com minha mãe ao meu lado. Foi ela quem me deu a notícia, e depois de tudo ela ainda tentou falar com você, porém não obteve autorização, foi então que partimos. Mas o melhor que temos a fazer hoje é esquecer tudo isto, senão nunca vamos ser felizes. Pense em quantas coisas já se passaram, apesar de tudo, tivemos que seguir nossas vidas, enfrentarmos nossos medos.

Naquele instante Erick a abraçou fortemente e a beijou. Era um beijo desesperado, todas as emoções se misturaram naquele momento único e o desejo falou mais alto e se entregaram de corpo e alma.

## CAPÍTULO 21

Do outro lado da cidade, uma pessoa fumava um cigarro atrás do outro. Pensava numa forma de se aproximar de Erick. Já havia ligado algumas vezes, mas não teve coragem de identificar-se.

O apartamento no centro de São Paulo até que era amplo e confortável, mas a solidão e a amargura minavam seus dias. Precisava urgentemente se aproximar dele. Afinal ele tinha uma grande dívida e ela não deixaria isto passar, nem que tivesse que viver mais mil anos, ainda assim aguardaria pela oportunidade de tê-lo frente a frente.

Naquela manhã, Erick se preparava para sair quando o telefone tocou. Ele acabara de girar a maçaneta, mas decidiu voltar, talvez fosse algo muito importante.

Quando atendeu, o outro lado da linha estava mudo, ele achou estranho, pois não era a primeira vez que acontecia aquilo. Quem poderia ser? Será que Natália havia passado o número do seu telefone para algum estranho?

Ele estava tão preocupado com o horário que rapidamente esqueceu-se daquele fato. Naquela manhã passaria no trabalho e depois buscaria a filha para almoçarem juntos.

Quando deu meio dia em ponto, Erick já estava na porta da escola. Estava ansioso, sabia que seria um dia de muitas revelações e ele não imaginava qual seria a reação da menina.

Ele procurou um lugar sem muita agitação, mas naquele horário era uma missão quase impossível, até que finalmente encontrou um lugar bem discreto. Rapidamente estacionou o carro e os dois trataram de procurar um canto mais reservado para se sentarem.

- Pai, nem me lembro qual foi a última vez que fizemos isto, para dizer a verdade estava até sentido falta.

- É verdade filha, isso deveria acontecer mais vezes, sabe que... Grande parte deste distanciamento se deve exclusivamente a mim.

- Não diga isto papai você sempre foi muito atencioso comigo.

Escolheram o cardápio e enquanto aguardavam, Erick achou que já era hora de começar a falar.

- Preciso que me ouça com muita atenção, o que vou lhe falar é muito importante para mim e com certeza para você também.

Natália olhou o pai pelo canto do olho.

- Então me chama para um almoço e depois me diz que tem algo muito importante para me falar? – ela ficou um pouco assustada, pois sabia que o pai não era de muitos rodeios.

- Você se lembra daquela moça, da qual lhe falei há alguns dias atrás? A Rosie.

- Claro que me lembro! Não me diga que ainda estão se encontrando?

- Sim, estamos. Nós temos muitas coisas em comum, coisas que marcaram demais as nossas vidas e agora que nos reencontramos, acho que nada mais vai nos separar.

- Entendo.

- Rosie acabou me revelando algo que jamais eu pudesse imaginar, algo que marcou demais as nossas vidas, descobri que nós temos um filho e que nome dele é Rogério.

Os olhos de Natália, que instante ficaram mais verdes do que nunca, engoliu seco.

- Natália, eu estou muito feliz com esta revelação, e estava ansioso em compartilhar esta novidade com você minha filha.

- Um irmão, você está me dizendo que eu tenho um irmão? - Ela não sabia nem o que dizer, ficou feliz e ao mesmo tempo tão assustada com a notícia, que não sabia nem o que dizer. – Não sei o que dizer, mas quero que saiba que estou feliz, pois tenho certeza de que para você, isto é muito importante.

- Sim é muito importante para mim e para você.

Erick ficou mais sereno ao perceber que a filha não ficou enciumada.

O almoço transcorreu normalmente, depois Natália o acompanhou até seu escritório e no final de tarde voltaram para o apartamento dele. Ela foi para o seu quarto, queria ficar um pouco sozinha e pensar em tudo o que o pai havia lhe dito, pensar como seria dali para frente.

Erick ficou na varanda, pensando também em como seria sua vida dali para frente.

Infelizmente ele não tivera a felicidade de ser amado por seu pai; infelizmente aquela fatalidade; teria que carregar o peso da culpa pelo resto de sua vida. Era difícil se justificar dizendo que tudo fora acidental, afinal fora ele que colocara um ponto final nas maldades do pai.



Oswaldo errara muito, era um carrasco, mas por que logo ele tivera que dar a última sentença? – Essa era a pergunta que nunca se calava na mente de Erick. Será que era um castigo da providência divina? Pensava as vezes que a felicidade plena, apesar de todas as suas conquistas, apesar de todas as suas vitórias, era algo impossível de se alcançar, pois a culpa sempre lhe rondava, como uma sombra. Quando será que finalmente teria paz de espírito?

Em tantos anos de carreira já presenciara tantos fatos chocantes na sua área de atuação.

Havia em seu modo de trabalhar uma sede de justiça. Lembrava-se sempre da época em que era um jovem sonhador, sem poder imaginar que existisse tanta maldade no mundo, onde abusos eram praticados contra as mulheres dentro dos próprios lares, lares que aparentemente levavam uma vida normal, pois as vítimas tinham medo da denúncia. Hoje sabia que em alguns casos, a própria família fazia questão de colocar panos quentes, pois assim evitariam um escândalo maior.

O que mais o confortava naquele momento, era saber que ele e Rosie tinham planos para o futuro e tudo indicava que finalmente conseguiria a paz tão sonhada.

Aquela semana pareceu se arrastar, ficar longe de Rosie era algo impossível, os dois se falavam todos os dias.

## CAPÍTULO 22

Marina ainda se remoia de ódio a cada descoberta da felicidade de Erick. Ela não percebia que também poderia ser feliz, refazer sua vida. Afinal, ainda era uma mulher jovem, bonita e muito inteligente. Possuía qualidades que ainda não se dera conta.

Naquela manhã ao acordar, sentiu certa inquietação em seu ser, deu-se conta de que já estava na hora de se olhar um pouquinho mais. Na verdade ela sabia que tudo dependia somente dela, pois a vida estava passando muito rápido e a única coisa que fizera nestes últimos anos fora se lamentar. Natália já estava há três dias na casa do pai e simplesmente se entregara ao desanimo.

Ela foi até o espelho e viu como estava abatida e sem nenhum sinal de alegria em sua fisionomia cansada. Mentalmente se perguntou, há quanto tempo não sorria? Realmente ela havia deixado de lado a pessoa mais importante de sua vida, que era ela mesma, e com tudo isto perdera muitas coisas, perdera principalmente a oportunidade de acompanhar Natália crescer e saber quais eram seus sonhos, seus medos.

Ela não se conteve e caiu num pranto sentido. Se deu conta do quanto havia se abandonado. Ela precisava reagir, decidiu naquele momento que procuraria uma ajuda, talvez uma terapia, algo que desse um novo sentido em sua vida. Seria um renascimento, buscaria esta luz no fim do túnel, como muitos diziam.

Na verdade, Marina nunca fora uma má pessoa, possuía qualidades maravilhosas, foi somente a falta de amor próprio que a fizera adoecer gravemente. O primeiro passo que seria dado, buscaria ajuda num lugar onde ela sabia haver total sigilo e ajuda de forma natural. Fora uma amiga dela que lhe falara do tal lugar chamado Grupo MADA (Mulheres que amam demais).

\*\*\*

Naquela manhã de outubro, uma fina garoa cobria a cidade de São Paulo, mas nada indicava que seria um dia de muita chuva. Erick ouvira no noticiário que o dia seria de muito calor com algumas pancadas de chuva e mais para o final da noite a temperatura cairia drasticamente. Esta era cidade de São Paulo, pensava ele, as quatro estações num mesmo dia.

Daqui a algumas horas estaria num tribunal, frente a frente com um homem que aparentemente não passava de um bom chefe de família. Erick sabia que ouviria as mesmas desculpas de sempre, ele já chegara a presenciar aquele mesmo homem chorar feito criança só para se safar dos seus atos de barbaridades.

O nome dele era Augusto Farias, rico empresário, casado com Suelen, 15 anos mais jovem do que ele. O casal possuía duas filhas, Rita com dezesseis anos e Marta com nove anos. O homem foi acusado pela esposa de abuso contra própria filha de nove anos. Ele se justificava dizendo que fora depois da bebedeira, porém a mulher já tinha desconfiança há algum tempo e esperou o momento certo para denunciá-lo.

Seria uma briga boa e ele já tinha provas e testemunhas que o colocariam atrás das grades por muito tempo. Já passava das 8:30 da manhã quando começaram a chegar as testemunhas e também Juiz que daria a sentença final. Erick estava confiante, tinha certeza que era uma causa ganha e realmente foi.

Terminada a audiência, ele saiu dali mais aliviado e com a sensação do dever cumprido. Decidiu ligar para Rosie, pois a saudade o dominava, agora era impossível imaginar sua vida longe dela. Pensava seriamente em acompanhá-la na viagem para Milão e tudo indicava que seus planos dariam certo.

- Rosie, como vai?

- Que surpresa boa meu amor! Estava justamente pensando em você!

- Eu também! Hoje tive um dia muito difícil, mas tudo já está resolvido e agora estou mais calmo, então gostaria de convidá-la para um passeio mais tarde, o que você acha?

- Para dizer a verdade é tudo que preciso neste exato momento. – Ela sorriu aliviada, ouvir a voz de Erick. Saber que ele estava por perto afastava qualquer problema.

- Então está combinado, passo em seu apartamento às oito da noite, tudo bem?

- Claro que sim meu amor!

Quando, às oito da noite o interfone tocou, ela sentiu seu coração bater descompassado. Parecia até que era a primeira vez que o encontraria.

- Olá meu amor! Como foi o seu dia? - Ele a beijou.

- Correu tudo bem, e como foi o seu dia?

-Posso lhe dizer que hoje estou me sentindo com a sensação do dever cumprido. Você sabe, eu lhe falei a respeito daquele caso e hoje graças a Deus ficou comprovado e conseguimos colocar aquele verme atrás das grades.

- Puxa! Às vezes você fala com tanta raiva que fico com medo de que esteja transferindo toda revolta do passado para seus casos.

- Não meu amor. Não é raiva, é uma sede de justiça. Simplesmente sinto-me no dever de ajudar pessoas inocentes.

- Você tem razão, e para dizer a verdade, ficou muito orgulhosa por saber que se tornou esta pessoa incrível!

Quando saíram, encontraram um restaurante japonês na praça da Liberdade, um lugar muito discreto, ideal para uma boa conversa.

Depois de uma semana, numa sexta feira, Rosie ligou para Erick, pois queria convidá-lo para uma viagem.

- Bom dia meu amor, como está?

- Agora melhor ainda minha querida!

- Tenho um pedido a lhe fazer, e gostaria muito que aceitasse. Imagino que talvez seja algo que você relute há muitos anos em fazer, mas acho que chegou a hora de fazermos as pazes com o passado. Com certeza você se tornará uma pessoa liberta de antigas amarguras.

Houve um silêncio, afinal Erick entendeu onde Rosie queria chegar.

- Não precisa falar mais nada, você tem razão, preciso apagar de vez os fantasmas que rondam a minha porta dia e noite. Quando pretende partir?

- Amanhã bem cedo, o que acha?

- Tudo bem, passo em seu apartamento às 7 da manhã!

- Obrigada por aceitar o meu convite, tenho certeza que esta viagem lhe fará muito bem.

- E eu tenho certeza de que com você ao meu lado tudo será muito mais fácil.

Conversaram um pouco mais e finalmente ele desligou o telefone.

Foi até a sacada e prestou atenção nas nuvens escuras que se formavam no céu. Tudo indicava que um grande temporal se aproximava, a ventania sacudia as cortinas. Ele gostou de sentir o vento forte batendo em seu rosto, quando caiu a chuva, com força total, parecia que estava limpando a cidade. O cheiro de mato que vinha do parque ecológico fez com que Erick se remetesse de volta ao seu passado.

## CAPÍTULO 23

Na manhã seguinte às sete horas, a claridade da manhã já dava sinais de que seria mais um dia de muito calor.

A viagem foi sossegada. Era a primeira vez que ele voltava à Araraquara depois de quase quinze anos. A última fora para assinar as papeladas de venda do imóvel.

Letícia ficou surpresa ao avistar o carro da filha chegando, afinal ela não tinha ligado avisando que viria. Olhando um pouco mais ela percebeu que havia alguém no banco do passageiro. Não conseguiu identificar quem era, parecia até uma missão quase impossível, pensou ela, aguardando a aproximação do carro.

Quando enfim o carro estacionou em sua porta e Rosie desceu, acompanhada de Erick, ela custou a acreditar no que estava vendo.

- Meu Deus! Não pode ser verdade...

Os dois se abraçaram, e ele se viu envolvido num turbilhão de emoções, afinal Letícia sempre o tratara como um filho. Na verdade, ela representava uma referência boa de seu passado.

- Você continua encantadora Letícia! Sempre com o mesmo sorriso, é muito bom poder revê-la!

- Obrigada, meu menino. – disse ela com lágrimas nos olhos. – Mas vamos entrar, quero que me explique direitinho que ventos bons lhe trazem por aqui.

Foi só então que ela se deu conta que esquecera de cumprimentar a filha querida. Todos caíram na gargalhada.

A tarde foi de muita conversa e risadas.

- Mãe, a senhora não vai acreditar, mas ele me encontrou através de um outdoor da empresa e depois disto não conseguimos mais nos separar.

- Isto é maravilhoso filha! E você já falou com ele à respeito de Rogério?

- Claro que sim! Jamais esconderia um fato tão importante como este!

- É verdade Letícia, estou muito feliz com a notícia e também quero que saiba que tenho uma filha de quatorze anos, ela se chama Natália e com certeza formaremos uma bela família.

- Parabéns Erick! Quero conhecê-la. Já decidiram quando vão contar ao Rogério esta novidade?

- No final do ano, quando Rogério voltar para casa.

- Tenho certeza de que formarão uma bela família. Desejo toda felicidade do mundo, quero que saiba que você foi, e sempre será alguém muito especial em meu coração.

- Obrigado, querida Letícia, sempre tive um grande respeito por você e nunca deixei de acreditar que um dia iríamos nos reencontrar.

Já estava anoitecendo quando terminaram aquela longa conversa e decidiram ir se deitar.

Logo cedo, Letícia tratou de preparar o café da manhã, pois sabia que aquele dia prometia. Afinal, os dois já haviam combinado de saírem, dar uma volta pela cidade.

Quando Rosie levantou e viu tudo preparado correu e abraçou a mãe.

- Obrigada por tudo mãe, você sabe o quanto eu gostaria que estivesse morando comigo em São Paulo, mas você prefere ficar aqui sozinha.

- Filha, quando você quis ir para São Paulo, fui a primeira a incentivá-la, pois conhecia sua garra e determinação e eu tinha certeza que você conseguiria alcançar seus objetivos. Porém sempre tive esta certeza dentro de mim de que aqui era o meu lugar. Foi aqui que passei os anos mais felizes da minha vida, foi aqui que descobri o verdadeiro amor, entenda, toda minha vida está enraizada nesta cidade.

- Seria tão bom se pudéssemos ficar todos juntos!

Ela abraçou a mãe e a beijou com muita ternura. Agora Letícia já possuía o cabelo prateado, e as marcas do tempo estavam fincadas em seu rosto, porém ainda havia muita serenidade no seu olhar.

- Por tudo que presenciei nestas últimas horas, só posso lhe dizer uma coisa. - Ela apontou para porta do quarto onde Erick dormia.

- Sua vida está tomando outro rumo, provavelmente você e o Erick vão querer morar juntos.

- Ainda não falamos sobre isso, temos uma vida muito agitada.

- Você me falou que ele se formou em direito e que trabalha na área civil. Realmente, ele me surpreendeu, e tudo isto só veio para comprovar um

pensamento que guardo comigo há muitos anos, e que nunca saiu de minha memória.

- Pois então me diga, agora fiquei curiosa!

- É um pensamento que li numa nota de jornal:

“Nada é impossível, olhe ao seu redor, veja quantas conquistas, quantas vitórias. Para que um sonho se realize, para que uma meta seja alcançada, antes de qualquer coisa devemos ter a certeza de que tudo só acontece porque acreditamos que somos capazes. Os obstáculos e as dificuldades foram situações para teu conhecimento interior, para que percebestes que a pessoa mais importante em primeiro lugar é você mesmo.”

- Mãe, que lindo e verdadeiro.

Eurick entrou na cozinha naquele momento, ainda um tanto sonolento.

- Bom dia! Ouvi tudo lá do quarto. Parabéns Letícia, belas palavras!

- Oh meu amor, bom dia! Estávamos justamente falando de você! - Rosie foi até ele e lhe deu um beijo.

- Bom dia Erick! Falávamos da sua garra e persistência. Não há nada nesta vida que não se possa realizar.

- Muitas vezes duvidei que pudesse, mas deixei a vida fluir, corri atrás dos meus objetivos e automaticamente as portas foram se abrindo. Sinceramente sou eternamente grato por tudo que realizei em minha vida.

- Isto é muito bom! – falou Rosie abraçando-o demoradamente.

- Porém existe algo de que preciso me libertar. Algo que preciso de uma vez por todas superar em minha vida.

Houve um silêncio.

- Acredito que superei tudo, mas ainda me sinto culpado pela morte do meu pai.

- Mas sabemos que foi uma fatalidade, foi um disparo acidental. - Disse Rosie enquanto preparava a mesa.

- Naquela época eu era muito jovem e me deixei ser envolvido pelo momento de ira de meu pai. Na verdade nunca me perdoei, afinal fui o responsável por tirar a vida dele. Esta culpa vou carregar comigo a vida inteira. Por isso sempre relutei em voltar nesta cidade.

- Meu amor, pense que tudo só aconteceu daquela forma porque seu pai fez com que tudo se encaminhasse para um desfecho trágico, pense bem.

- Mas e a minha mãe? Ela era tudo para mim naquela época e ela simplesmente desapareceu, isto nunca vou conseguir entender.

- Meu bem, esqueça um pouco estas questões Por que não aproveitamos hoje para dar uma volta pela cidade? Gostaria de ir a um lugar que ficou marcado em minha memória, foi um lugar que trouxe grandes alegrias para nós dois!

- Por incrível que pareça, todos os lugares que frequentei nesta cidade, os melhores foram em sua companhia.

Quem estava feliz observando os dois conversarem era Letícia. Ela, que acompanhara toda luta e garra da filha, jamais poderia imaginar que um dia veria os dois rindo e felizes.

Os dois decidiram visitar a antiga escola onde estudaram. Quando chegaram lá, notaram que pouca coisa havia mudado naquele prédio.

Enquanto rondavam em torno da escola, Rosie chamou a atenção de Erick.

- Lembro-me perfeitamente do dia em que quase ficamos trancados na biblioteca, e também daquela inspetora terrível. – Ela sorriu descontraidamente, segurando a mão de Erick delicadamente.

- E você se lembra do livro que estava lendo naquele dia?

- Como poderia me esquecer? “O Morro dos Ventos Uivantes”! Uma linda estória que marcou demais na minha vida. Sabe que foi justamente este livro que despertou em mim o gosto pela leitura? Depois dele, não consegui mais parar de ler, me tornei uma viciada em literatura.

- Isto também eu não poderia esquecer, afinal, quantas vezes discutimos por causa disto, você se lembra? Muitas vezes tinha que implorar sua atenção e você simplesmente dizia: Espere só eu terminar este capítulo.

Erick caiu numa gostosa gargalhada e ao olhá-lo ela se sentiu hipnotizada por sua beleza. - Ela sorriu.

- E você? Era o rapaz mais tímido da escola!

- Eu não era tímido, na verdade eu era muito um rapaz que sofria grandes pressões psicológicas dentro de casa, e hoje posso afirmar isto com toda certeza.



- É verdade meu amor, ainda bem que você superou e não se deixou levar pelo papel de vítima. Mas mudando de assunto, será que eles vão nos deixar entrar só por alguns instantes?

- Não custa tentar!

Foram até a entrada principal e pediram autorização para um segurança que rapidamente liberou a visita.

Pouca coisa tinha mudado no interior da escola, os corredores imensos e vazios denunciavam que naquele dia não haveria aula, então foram informados que era dia do conselho de classe.

Rosie enquanto caminhava se sentiu tomada por um vendaval de emoções vividas no passado.

Segurou a mão de Erick com mais força. Tê-lo ao seu lado naquele instante era maravilhoso.

- Vamos até a biblioteca? Quero ver se ainda encontro o livro do qual falávamos.

Quando lá chegaram, para surpresa de ambos, a bibliotecária ainda era a mesma.

- Bom dia, podemos entrar? – Rosie se apressou em perguntar.

- Bom dia, claro que sim, fiquem à vontade.

Rosie percorreu seus olhos pelas enormes prateleiras, e foi até o corredor onde provavelmente ainda deveria estar o livro. E para sua surpresa, ele ainda se continuava ali, um tanto amarelado pelo tempo. Porém, tê-lo em suas mãos foi uma sensação indescritível, pois era como se voltasse no tempo. Então ela se deu conta de que ainda amava Erick com a mesma intensidade, amava-o de uma maneira que jamais saberia explicar.

De longe, ele a observava admirado, realmente ela era uma mulher encantadora e dona de uma grande sensibilidade. Em toda a sua vida ele jamais encontrara alguém com tamanho fascínio e sem sombras de dúvidas, ele a amava desesperadamente.

Quando os dois saíram da escola decidiram passar na antiga casa de Erick. Ele queria muito olhar aquele lugar, nem que fosse pela última vez. E o que encontraram foi uma casa totalmente modificada e muito bem cuidada, parecia que a felicidade reinava naquele ambiente. Havia uma gangorra pendurada numa árvore muito frondosa no meio do quintal e também muitos brinquedos

espalhados pelo jardim, que rodeava a casa toda. Em cima da porta de entrada havia uma placa enorme onde se podia ler: “Sejam bem vindos!”.

Ele sentiu uma vontade enorme de conhecer as pessoas que moravam ali, saber como elas viviam.

- Será que podemos bater palmas e...

- Meu amor... Acho que não seria muito elegante da nossa parte importunar as pessoas que hoje residem ai, pense bem, tudo o que acabamos de ver só serviu para confirmar um ditado muito antigo.

“Quem faz o lugar bom ou ruim para morar somos nós mesmos, somos nós os causadores do nosso céu e inferno. São as nossas intenções, pensamentos e o desejo de tornar o lugar de paz e tranquilidade, que fazem com que as coisas fluam”.

- É, você tem toda razão! Na época em que morávamos aqui, faltava tudo isto, vivíamos tão presos ao nosso egoísmo, rancor e ao sentimento de revolta, que não conseguíamos enxergar a possibilidade de uma vida feliz.

- Muitas vezes uma pessoa revoltada e negativa contamina todo o ambiente. Precisamos tomar cuidado com as nossas palavras e nossas ações.

- Foi justamente isto que aconteceu naquela época. Apesar do incômodo e da insatisfação, não tínhamos coragem de mudar aquela situação e acabou dando no que deu.

- Meu amor, apague de vez de seu coração todo sofrimento, toda mágoa e todo sentimento de culpa, liberte-se de uma vez de tudo isto. Lembre-se de que todas as situações ocorridas foram por falta de amor e respeito do seu pai para com todos vocês. A partir de agora temos um ao outro e nada nem ninguém jamais poderá fazer com que nos sintamos sozinhos e rejeitados. – ela o beijou delicadamente e segurou sua mão com muita força.

- Hoje com você ao meu lado, sinto que sou capaz de suportar tudo de cabeça erguida. Guardei todo meu passado apenas comigo mesmo, nunca tive coragem de revelar a ninguém o que ia dentro de minha alma.

- Mas você nunca comentou com ninguém? Nem com Marina?

- Não. Nunca falei nada para ela a respeito disto e somente depois que lhe reencontrei é que tive coragem de contar à Natália.

- Você já percebeu que você foi seu próprio carrasco? Sempre se culpou e se acusou. Lamento informar, mas você criou a sua própria sentença. - Ela sorriu timidamente.

- Hoje posso dizer que encontrei a paz que tanto buscava, o teu amor me fez renascer.

Os dois se abraçaram e se beijaram, e antes de voltarem, ainda deram uma última olhada para aquela casa e em pensamentos desejaram muita paz e harmonia naquele lar.

O final de semana foi muito agradável e cheio de emoções. Letícia prometeu que em breve faria uma visita para Rosie.

## CAPÍTULO 24

Já em São Paulo, cada vez mais a vida de Marina se tornava vazia e solitária, e ela procurava de alguma forma resgatar todo amor e dignidade que perdera.

Naquela tarde seria seu primeiro encontro com algumas mulheres que passavam pelos mesmos problemas que ela. Estava esperançosa, pois já cansara de viver escondida na sua própria sombra, agora queria ser amada e respeitada.

Quando adentrou na pequena sala daquele sobrado, foi recebida com carinho pelas mulheres que ali se encontravam. Formaram um grande círculo e deram início a reunião. Todas ali eram livres para falar o que mais lhe afligia e atormentavam naquele momento. Só então Marina percebeu que não estava sozinha em sua luta, só então se deu conta de que não deveria ter vergonha de expor tudo o que lhe afligia e que aprisionava sua alma. Decidiu então dar o seu depoimento.

Todas ficaram quietas e deixaram que ela continuasse a falar.

- Quando cheguei aqui hoje, pensei que não iria conseguir falar da minha dor, até porque este sofrimento sempre foi algo que busquei negar dentro de mim, e sempre fiz questão de colocar a culpa de tudo que passei no outro. Sempre me fiz de vítima e abandonada. Porém depois acabei encontrando uma amiga que falou deste grupo e eu achei que já estava na hora de cuidar mais de mim e buscar algo que resgatasse a minha dignidade e o meu amor próprio. – Marina respirou fundo, esfregou suas mãos suadas e continuou no seu desabafo. – Estou aqui hoje porque quero aprender a me conhecer melhor e também quero parar de jogar a responsabilidade da minha infelicidade e das minhas frustrações em cima de pessoas que não tem culpa. Sou uma mulher com quarenta anos, porém passei grande parte da minha vida me lamentando.

Ela começou a chorar e a coordenadora da palestra tentou uma aproximação.

- Não tenha receio em se expor, afinal aqui somos todas iguais. De alguma forma, em algum ponto de nossas vidas, nos deixamos abandonar. Acabamos deixando que os outros decidissem pela nossa felicidade e por nossas realizações pessoais. Aqui neste lugar não existe nenhuma fórmula ou mágica para nos libertarmos dos nossos medos e nossas angústias. Porém o que existe realmente é a vontade de ajudarmos umas as outras através de trocas de experiências e reflexões que façam com que busquemos nosso próprio caminho.

Marina sentiu-se mais segura naquele ambiente, pois percebeu que ali seria muito mais fácil aceitar a verdade que lhe doía fundo na alma.

Durante a reunião, foram passadas algumas recomendações para quem realmente estava interessada em continuar no grupo.

Entre as recomendações estavam algumas que pareciam muito simples:

- Falar apenas sobre si própria
- Usar sempre a palavra eu
- Não aconselhar
- Não dizer o que a outra deve ou deveria fazer
- Evitar conselhos ou consolos à companheira que ao dar seu depoimento chore ou, demonstre sofrimento.

Terminada a reunião todas saíram mais confiantes e esperançosas.

Aos poucos ela estava se sentindo cada dia melhor e também procurava uma reaproximação com a filha. O que antes era só tristeza e amargura, passou a ser paz de espírito e tranquilidade.

Naquela manhã, quando Marina acordou, foi surpreendida por um abraço aconchegante de Natália.

- Oh! Bom dia minha filha, o que te traz aqui tão cedo?

- Bom dia! Não é nada urgente... – ela se deitou ao lado dela. – Só estou feliz por te ver assim tão bem.

Marina se ajeitou no abraço da menina.

- É, precisei ter muita força e fé para conseguir me reencontrar e voltar a ser feliz.

- Sabe que não entendo tudo, talvez seja porque ainda sou muito jovem e também porque nunca me apaixonei por alguém.

- Você acompanhou todo meu sofrimento, hoje quero que me perdoe filha, eu não podia ter feito o que fiz com você.

- A senhora não tem que me pedir perdão.

- Passei uma péssima impressão sobre as coisas do coração, talvez você nunca nem queira se apaixonar.

- Bom isto é verdade! Você acertou na mosca. – Disse Natália caindo numa gostosa gargalhada. – Sabe que às vezes tenho a impressão de que amar é algo que traz muito sofrimento e decepção.

- Isto não é verdade. O que aconteceu comigo foi um descuido de minha parte, eu simplesmente esqueci de me cuidar e joguei todas as minhas frustrações em cima de Erick. Sem contar que me tornei muito egoísta e o meu amor ferido não me permitiu aproveitar os momentos mais importantes de sua vida.

- Por favor, não se culpe mais, eu te amo e estarei sempre ao seu lado.

Marina se aconchegou mais no abraço da filha, afinal nunca havia pensado em como Natália se sentia.

- Quando seus avós mudaram de cidade, eu me vi ainda mais sozinha. Queria que seu pai fosse capaz de me fazer esquecer toda dor e sofrimento. O que me ajudou depois de muitos anos foi quando admiti para mim mesma que estava doente. Doente da falta de amor próprio. E então descobri no MADA, as respostas que eu tanto precisava para ser feliz. Foi ali que resgatei meu amor próprio, foi uma grande conquista e agora sinto-me preparada para seguir a minha vida.

- Entendo que está me dizendo, você transferiu toda sua carência emocional para o papai.

- Foi isto mesmo!

As duas continuaram conversando durante um bom tempo, e depois decidiram que iriam passear.

## CAPÍTULO 25

Na segunda quinzena de outubro, Erick recebeu várias ligações anônimas. Logo que atendia a pessoa desligava, ele já havia descartado a possibilidade de ser Marina. Porém seu trabalho o consumia tanto que rapidamente se esquecia e seguia sua vida.

No trabalho de Rosie todos estavam alvoroçados. Além da viagem, tinham que se preparar para as vendas do final de ano.

Novembro entrou com tudo, muita agitação e animação, faltavam apenas duas semanas para o grande desfile, ela estava ansiosa.

E foi no final daquela tarde que Erick decidiu encontrá-la em seu apartamento. Ligou e deixou tudo acertado.

- Então te pego às oito, tudo bem?

- Claro que sim, meu amor!

Quando desligou o telefone, Rosie sentiu uma paz invadir seu coração. Afinal, nunca havia se dado conta do quanto a sua vida havia mudado, e ainda bem que tudo mudou para melhor. As horas demoraram demais para passar, por mais que tentasse se concentrar em seu trabalho o dia parecia cada vez mais longo.

No escritório dele também, as coisas não eram diferentes. Ele sabia que precisava se concentrar o máximo naquele caso, porém por diversas vezes se viu pensando nela e imaginado qual seria a reação dela quando soubesse que havia comprado uma passagem para acompanhá-la na viagem.

Ela apareceu na hora certa. – Pensava ele – afinal já estava cansado daquela vida solitária, sentia falta de alguém com quem pudesse dividir realmente a sua vida.

A noite se aproximou e pontualmente as oito ele estacionou seu carro em frente ao prédio. Ela já o aguardava e depois dos cumprimentos seguiram rumo ao restaurante onde Erick havia feito a reserva, ainda no carro os dois conversavam descontraidamente.

- Querida, hoje posso afirmar que te amo mais do que há 20 anos e não tenho nenhuma dúvida quanto a isto.

- Eu também tenho certeza disto, meu amor.

- Sabe que hoje tive um dia muito agitado no meu escritório. Afinal alguns casos mexem diretamente com o meu emocional e muitas vezes me cobro até

demais, pois quero que a justiça seja feita rapidamente. Embora eu saiba que nem sempre tudo é resolvido da maneira que queremos.

- Eu imagino que deve ser muito difícil para você atuar em alguns casos.

- Agora vamos falar sobre nós dois. Fiz uma reserva num restaurante que você vai adorar.

- É mesmo? Você, sempre cheio de surpresas!

Quando lá chegaram, já foram levados para a mesa reservada. O lugar era muito aconchegante, com música e luz ambiente. Um lugar muito discreto e frequentado por poucas pessoas naquele horário.

Durante o jantar Erick pediu um minuto de sua atenção.

- Quero que veja o que comprei esta semana e espero que goste.

Ele puxou o envelope e entregou nas mãos de Rosie.

- Mas o que é isto? É para mim?

Ele respondeu com um sorriso, ela lentamente abriu aquele envelope, quando se deu conta do que se tratava, seus olhos encheram-se de lágrimas, não estava acreditando no que via.

- Você está me dizendo que vai me acompanhar na viagem? Eu não posso acreditar! Quando foi que tomou esta decisão?

- Desde a primeira vez que nos reencontramos! Rosie, pode ter certeza de uma coisa, nunca mais vamos nos separar, estaremos juntos até o fim do mundo. Nosso amor será capaz de superar qualquer obstáculo que possa aparecer. Teremos a família que tanto sonhamos e apesar da vida difícil que tivemos, a falta de amor que tive em minha casa, eu jamais perdi a esperança de um dia construir a minha família em cima de alicerces de amor, respeito e companheirismo.

- Você falando isto me veio a lembrança de Rogério. Qual será a reação dele ao saber que o pai dele está por perto?

- Estou louco para que este dia chegue logo, não posso me queixar. Sou uma pessoa de muita sorte e se Paola estivesse viva, minha felicidade seria ainda maior.

- Infelizmente vivemos num mundo onde o egoísmo e o individualismo ainda estão presentes. Sabe Erick, se as pessoas olhassem mais para dentro delas mesmas e procurassem ver o que realmente é importante, talvez não



estivessem jogando fora a grande oportunidade que é viver. Simplesmente viver e fazer o bem.

- Lembrando o caso de Paola, muitas vezes já me perguntei quantos casos semelhantes ao dela rolam pelos tribunais deste Brasil afora? Infelizmente até hoje ainda não descobrimos o verdadeiro assassino. – Houve um grande silêncio – Me desculpe meu amor, mais uma vez estou eu falando do meu passado.

- Este assunto dá um livro! Tenho certeza de que um dia tudo será esclarecido, meu amor, vamos ter fé! Eu também tinha um carinho muito especial por Paola e te confesso que aquele dia ficou gravado em minha memória durante muitos anos. Mas por que agora não falamos da nossa viagem? Com certeza hoje será um dia inesquecível.

A conversa seguiu animada, ele havia levado o roteiro da viagem, mostrou todos os lugares que gostaria de conhecer, afinal para ele era seu primeiro passeio no exterior. Ela olhou e aprovou, pois conhecia Milão como a palma de sua mão. Já viajara tantas vezes para lá... Porém voltar para aquela cidade maravilhosa, acompanhada de Erick, com certeza tudo seria muito melhor.

O grande dia chegou e a viagem de dez horas pareceu durar menos. Os dois estavam tão empolgados que nem viram o tempo passar. Naquele mesmo dia a equipe de Rosie chegou cuidando de tudo, atentos para que nada desse errado naqueles dias.

Rosie era conhecida por todos como uma estilista moderna e arrojada. Apostava em novas tendências, abusava de decotes e casacos e como não poderia deixar ser de ser, sua apresentação foi um sucesso.

Entre um intervalo e outro os dois aproveitavam para ficarem juntos, até que nos últimos três dias eles tiraram para passear pela cidade.

Eles já haviam se programado para visitarem a Torre Branca, e naquele dia tiveram muita sorte. Estava um dia claro e puderam visualizar uma paisagem deslumbrante e envolvente dos Alpes. Depois foram até a Galleria Vittorio Emmanuele, uns dos principais centros de compras. Um detalhe que chamou a atenção de Erick foi a sofisticação do piso da galeria, recoberto por mosaicos de pastilhas que formavam brasões e representações históricas. Depois de muito andarem pela galeria decidiram parar e tomar um café num daqueles bares. Ali ficaram conversando descontraidamente e fascinados com tudo que viram. Entre outros passeios fizeram tour com um guia turístico pelos monumentos e museus da Cidade.

Rosie estava voltando para o Brasil realizada. O desfile foi um sucesso e a companhia de Erick tornou aquela viagem inesquecível.

Quando chegaram ao Brasil decidiram que o próximo passeio seria para Araraquara.

Erick convidou Natália, que aceitou de imediato. Afinal conhecer aquele lugar, era conhecer um pouco da história de seu pai.

E foi assim que chegou o sábado, com muito sol. Ao chegarem ao apartamento de Natália, ela já os aguardava em frente ao prédio.

Seguiram viagem, todos muito animados. Foram recebidos com muita alegria por Letícia, afinal já fazia mais de um mês que não via a filha.

Ela logo de cara simpatizou com a menina.

- Quero que você se sinta a vontade em minha casa e saiba que seu pai sempre foi uma pessoa muito querida para todos nós.

- Obrigada! A senhora não imagina quanta emoção sinto neste momento. Conhecer as pessoas que fizeram parte do passado do meu pai é algo que me deixa muito feliz. Estou aqui porque quero que ele saiba o quanto eu o amo e que sinto muita gratidão por ser sua filha.

Os olhos verdes e profundos de Erick naquele instante brilharam de tanta emoção, porém e ele se controlou e engoliu o choro.

- Obrigado minha filha por ser esta pessoa tão incrível em minha vida.

O final de semana foi de muita conversa e descobertas, Erick fez questão de levá-la em todos os lugares. Inclusive na casa onde morou. Ela ficou encantada com a cidade e com seus moradores.

Natália ouviu muitas histórias que Letícia fez questão de contar. Falou do namoro de Erick e Rosie. Ele em alguns momentos ficava emocionado.

- E para nossa felicidade ficar completa, em breve vamos conhecer Rogério, sabe que não vejo a hora de que isto aconteça, por mim pegava meu carro agora, neste instante e iria até lá conhecê-lo.

- Falta pouco tempo e tenho certeza de que será o dia mais feliz para todos nós.

Foi um final de semana cheio surpresas agradáveis para a pequena Natália. Logo depois do almoço de domingo, retornaram para São Paulo. Rosie prometeu que voltaria logo.

## CAPÍTULO 26

Enquanto isso na casa de Marina, ela estava cada dia mais confiante. O grupo MADA realmente abriu novos caminhos em sua vida. Agora ela caminhava na certeza de que tudo dependeria dela e de seu amor próprio.

E naquela manhã ela foi até uma casa-abrigo. Lugar para mulheres que sofriam violências domésticas, abuso sexual. Precisamente um lugar onde muitas mulheres são acolhidas para que possam desenvolver sua autonomia e descobrir suas forças, e adquirir maior controle sobre suas vidas.

Normalmente a instituição procura propiciar condições de reestruturação para as mães e crianças através de atividades individuais e grupais. Depois de acolhidas, são encaminhadas para agências de empregos, escolas, cursos profissionalizantes e outros. Além de acompanhamento médico, psicológico, serviço social e instruções jurídicas.

Quando decidiu trabalhar como voluntária no setor de acolhimento, se deu conta do quanto a sua dor era pequena diante da barbaridade que assolava os lares de muitas mulheres que sofriam caladas e amedrontadas.

Tudo que ela sofrera pelo sentimento de dor e de perda, fizera com que olhasse mais fundo nas questões sociais. Enfim se sentia pronta para ajudar. - Pensava ela enquanto arregaçava as mangas e ia à luta. - Foi ali que ela conheceu mulheres que acreditavam que tinham que aceitar os maus tratos como se fosse coisa natural.

Afinal muitas delas foram criadas para somente obedecerem. Porém, depois de tantos abusos físicos e verbais, decidiram dar um basta. Mas para que chegassem neste ponto decisivo de suas vidas tiveram, que ter muita coragem.

Cada mulher que conseguia se reerguer e seguir em frente, Marina alegrava-se, pois sabia que era uma nova vida que renascia e era uma oportunidade que a vida estava dando a cada uma delas de serem felizes sem ameaças e sem humilhações.

Quando chegou ao abrigo foi recebida pela encarregada do departamento.

- Marina, que bom que você chegou! Você nem imagina o quanto tem sido de grande importância as suas vindas para este local.

- Sonia, enquanto auxilio muitas pessoas aqui, sinto-me renovada, agradecida e também fortalecida. Acredito que a maioria das pessoas que ajudam as outras, sentem muita gratidão por tudo que vivem e por tudo já que viveram. Eu por

exemplo, depois de muito lutar com meu sofrimento, minhas angústias, consegui olhar um pouco além de mim. E olhe que nunca sofri nenhum tipo de agressão, afinal tudo que passei foi baseado na minha própria crença de que não era amada por ninguém.

- Sim, porque você foi a própria causadora de suas aflições, você se abandonou, deixou seu amor próprio de lado.

- Foi isto mesmo! Meu ciúme doentio e minhas crises existenciais afastaram de mim as pessoas que me amavam e me respeitavam. E eu mesma boicotei a oportunidade que a vida estava me dando de ser feliz.

- As mulheres que hoje estão passando por aqui, a maioria delas se boicotaram. Tudo porque sempre acreditaram que era o mínimo de amor que mereciam receber.

- É um círculo vicioso que se forma, e a pessoa não consegue se livrar, o agressor e a vítima.

- Talvez elas tenham passado uma infância inteira se sentido inadequadas, sem direitos de se expressarem e de alguma forma na infância foram ameaçadas. Muitas delas até sofreram algum tipo de abuso sexual. Para que uma pessoa se livre realmente destes comportamentos, tem que continuar fazendo acompanhamento psicológico até que se sinta fortalecida o suficiente para seguir sua vida.

- Porém não devemos esquecer que o primeiro passo foi dado, pois já pediram ajuda e isto é um sinal de que querem mudar.

A conversa foi interrompida pela chegada de mais uma mulher com duas crianças buscando ajuda.

## CAPÍTULO 27

Na semana seguinte tudo voltou ao normal. Erick, como sempre trabalhava feito um louco e Rosie fazia planos para o final de ano. O mês de Dezembro já se aproximava e eles tinham certeza de que seria o ano mais feliz de suas vidas.

Não havia nada que pudesse ser feito naquela manhã. Elias, o porteiro, já ligara umas três vezes para o apartamento de Erick, porém tudo indicava que ele não se encontrava ali naquele horário.

- Preciso muito falar com ele, por favor, tente mais uma vez.
- Provavelmente ele deve ter saído para o trabalho.
- Mas o senhor não está me entendendo, tem que ser agora ou eu perco a viagem.
- Sinto muito! Melhor se retirar da minha portaria, pois já está causando certo tumultuo.
- Por acaso está me mandando embora? – Dizia a pessoa com um cigarro na boca - fique sabendo que não sou de levar desaforos!
- Vamos deixar esta discussão de lado, é melhor que se retire. – Elias já estava ficando irritado, porém a pessoa acabou saindo. Furiosa e batendo o pé, e não esperou por mais nenhuma palavra.

Ele ficou sem entender muito bem o que realmente aquela pessoa queria, afinal não havia se identificado e ainda por cima possuía postura muito arrogante.

Três dias se passaram e Elias acabou se esquecendo de comentar com Erick o ocorrido.

Naquela sexta-feira, Erick decidiu que no período da tarde iria passar pelo fórum e resolver alguns problemas. Ele estava tão preocupado que até se esquecera de avisar Rosie sobre seus planos para logo mais tarde.

Ao sair do escritório, foi direto para o estacionamento que ficava do outro lado da avenida. Ele estava tão distraído que não percebeu que alguém o seguia. Quando estava abrindo a porta do carro foi surpreendido por alguém que ele jamais poderia imaginar encontrar.

- Não posso acreditar no que estou vendo!

- Por quê? Por acaso achou que estava livre de qualquer julgamento? Achou mesmo que estava livre de seus atos?

De repente tudo em volta ficou escuro e aquele vulto sumiu na multidão, deixando-o ali caído, com um tiro no abdômen.

Ele foi socorrido às pressas e quando avisaram Rosie ela ficou apavorada. Foi direto para o hospital para obter maiores informações.

As notícias que recebeu não foram nada boas.

- Doutor, ele vai ficar bem? – dizia ela temendo ouvir o pior.

- Sinto lhe informar, mas o estado dele é muito grave. Não posso afirmar nada por enquanto. Fizemos tudo o que podia ser feito, agora é esperar que ele se restabeleça.

- E será que posso vê-lo?

- Hoje, ainda não. Ele foi operado e encontra-se na UTI, talvez amanhã a visita já esteja liberada.

Depois que o médico saiu, ela caiu num pranto sentido, não havia nada que pudesse fazer.

Natalia, assim que soube, rapidamente foi para lá. Marina fez questão de acompanhá-la, pois a filha estava apavorada e assustada. Se perguntava, quem poderia ter cometido um ato tão insano? Será que foi algum cliente que se sentiu injustiçado e agora teria voltado para se vingar?

- Ainda é um grande mistério, pois pelo que sabemos Erick nunca teve inimigos.  
- Dizia Rosie num pranto sentido.

-Por favor, Rosie não chore mais, tenho certeza de tudo ficará bem, meu pai é muito forte.

- Eu o amo tanto que chega a doer aqui dentro de mim, não consigo mais imaginar minha vida sem ele.

Então ficaram sentadas na recepção daquele hospital. As horas não passavam, e de repente o silêncio foi quebrado pelas palavras de Marina.

- Rosie, quero que saiba que não guardo nenhuma mágoa de Erick. Durante muito tempo tivemos nossas diferenças. Fui intransigente, fazendo-o se sentir culpado pela nossa separação e as duras penas me dei conta de que ele não era culpado de nada. Na verdade, sempre procurei nele algo que faltava em mim, e

isto ele e nem ninguém nunca poderia me dar. - Por alguns segundo ela parou de falar. - Desculpe-me, não deveria falar destas coisas agora.

- Tudo bem, não se preocupe. Tenho certeza de que Erick tem um grande carinho por você.

- Obrigada por me ouvir, eu precisava falar sobre isto, pois depois de muito tempo fiz as pazes comigo mesma. Estou envolvida com um trabalho para mulheres que sofrem todo tipo de violência doméstica e você pode acreditar, não são poucas.

- Isto é muito triste nos dias de hoje.

- Tudo isto envolve vários fatores e entre eles, mulheres que foram criadas sofrendo grandes humilhações e que acabaram acreditando que mereciam serem humilhadas e maltratadas.

- Meu Deus! Isto é um absurdo nos dias de hoje. Não podemos nos calar, não podemos aceitar este tipo de situação. Parabéns Marina pelo lindo gesto em prol dessas mulheres.

- Rosie, quero que saiba que estou pronta para ajudá-los no que for preciso.

- Obrigada!

Natália não conseguia se concentrar no que as duas diziam. Só prestava atenção naquela porta de emergência, que abria e fechava a todo tempo.

Foram cinco dias de muita agonia para todos, mas aos poucos ele foi apresentando melhoras. Em alguns momentos ele ficava muito agitado, então o sedavam novamente. Muitas vezes Rosie se perguntava quem poderia ter praticado um ato tão insano como aquele? Somente Erick tinha as respostas.

Quando completou dez dias, subitamente ele acordou do coma, como se nada tivesse acontecido.

- Onde estou? Como vim parar aqui? Minha cabeça dói muito e o meu corpo está todo dolorido, parece que um caminhão passou por cima de mim...

A enfermeira correu para chamar o médico e pediu que ele se acalmasse.

- Bom dia, meu caro colega! Procure relaxar, logo mais vamos responder todas as suas perguntas.

- Onde está Rosie? Preciso falar com ela.

- Já pedimos para que ela venha para cá.

- Eu me lembro vagamente do estacionamento e de repente tudo escureceu, foi como se tivessem desligado um aparelho de TV...

- Muitas pessoas quando voltam do coma narram algumas histórias estranhas, dizem que estiveram em outros lugares.

- Ainda não posso afirmar nada, porém tenho quase certeza de que vi alguém que conheço, só não posso afirmar se foi um sonho ou se foi o que realmente aconteceu.

- O importante é que você está bem, e logo mais tudo será esclarecido, agora procure descansar.

O médico o examinou minuciosamente e achou que ele aparentemente estava muito bem.

Não demorou muito e chegou Rosie e Natália. As duas estavam eufóricas, porém o médico exigiu cautela. Erick não podia passar nenhum tipo de preocupação.

As duas dirigiram-se para a porta de vidro, e a enfermeira permitiu que elas entrassem.

- Meu amor, como estou feliz em te ver assim tão bem! - Ela segurou as mãos dele e beijou com carinho.

- Papai, estou muito feliz com a sua recuperação, logo mais vamos todos voltar para casa. - Ela contemplou o rosto do pai que ainda estava um pouco abatido, porém mais sereno. Natália fez um esforço tremendo para não chorar na presença dele.

Ele também ficou muito emocionado com a presença delas ali naquele momento.

As duas evitaram falar muito e a enfermeira pediu que a visita fosse breve, pois Erick precisava de maiores cuidados.

- Rosie, eu preciso que me ouça, estou muito confuso neste momento, não consigo me lembrar de como vim parar aqui, por favor me explique

- Você não se lembra?

- Só me lembro de que cheguei ao estacionamento para pegar meu carro e... depois... tudo se apagou. - Ele começou a ficar impaciente.

- Acho melhor vocês saírem um pouco, o Sr. Erick precisa se recuperar totalmente.



- Tudo bem eu entendo, meu amor, voltaremos logo, logo.

- Fiquem mais um pouco, por favor.

- Sr. Erick, tente se acalmar, amanhã elas estarão de volta.

Nos dois dias seguintes as duas procuraram falar o mínimo possível, falaram vagamente do atentado. Até que finalmente ele foi para o quarto, só então se acalmou um pouco mais.

Uma semana que passou rápido demais, para sorte de Erick, e naquela manhã Rosie chegou com boas notícias.

- Amanhã você já vai receber a alta e vai ficar em meu apartamento! E já vou avisando que não aceito desculpas para recusar o meu convite. – Ela o beijou.

- Obrigada minha querida por tudo que tem feito por mim. Só o que me preocupa é o fato de ainda não me lembrar de quem cometeu este atentado contra mim, não consigo lembrar do rosto da pessoa.

- Uma hora você vai se lembrar, eu tenho certeza disto. E também, a polícia está investigando o caso.

No outro dia bem cedo foram direto para o apartamento de Rosie. Ele ainda estava meio confuso e por mais que tentasse, não conseguia se lembrar de muita coisa.

- Daqui a uma semana, mais precisamente na segunda-feira, será um dia de grandes emoções meu amor. Rogério vai chegar por volta do meio dia, e eu estou torcendo para que seja o dia mais feliz de nossas vidas.

- Meu Deus! Será que mereço tanta felicidade? Sinto-me hoje como se tivesse renascido e para completar vou conhecer meu filho.

Lágrimas de felicidade escorriam pela face de Erick e os dois se abraçaram demoradamente.

- Agora preciso lhe falar a respeito de um telefonema que recebi hoje.

- Quantas surpresas!

- Hoje o delegado que está investigando o seu caso me ligou e disse que dentro de dois dias quer que você compareça na delegacia, pois já prenderam uma pessoa suspeita.

- Mas eu não consigo me lembrar do rosto da pessoa, como poderei confirmar algo que ainda tenho tantas dúvidas?

- Vamos fazer o que ele está pedindo e na hora, se você não reconhecer, simplesmente diga que não tem certeza. Vamos deixar estas preocupações de lado meu amor, tudo vai dar certo, confie.

Os dois se beijaram e ficaram a tarde inteira conversando. Falaram do quanto a vida podia ser simples e tão boa, bastava querer viver em paz e procurar fazer o bem. Ser feliz na verdade é para as pessoas que aceitam as suas derrotas, suas fraquezas e suas alegrias de cabeça erguida, perdoando e agradecendo mais. – Os dois se beijaram.

Por tudo que tinham vivido, sabiam que somente o amor na sua mais pura essência, seria capaz de vencer todas as aflições, e trazer para cada um o verdadeiro sentido da vida.

Os dois dias foram de muitos cuidados e visitas, todos estavam felizes pela recuperação de Erick.

No dia que compareçam à delegacia, ele ainda estava um pouco debilitado, porém estava confiante de que tudo seria esclarecido.

- Bom tarde, senhor Erick como se sente? E a senhora como está? – disse o delegado Alencar.

- Estou bem, em vista de tudo que passei.

- Também digo o mesmo. - Rosie parecia mais apreensiva que Erick. Qual seria o grande mistério que envolvia todos aqueles últimos acontecimentos? O que de fato estava por trás daquele disparo?

- Por favor, sentem-se e aguardem, que em breve daremos início a algumas perguntas para assim podermos finalizar o caso.

- Então o senhor já tem provas do verdadeiro culpado?

- Posso afirmar com toda certeza que sim, porém para que tudo se encaixe perfeitamente o senhor terá que fazer um esforço tremendo e tentar se lembrar da pessoa que o abordou no dia do disparo.

- No que depender de mim, estarei pronto para ajudar, pois também quero que tudo se esclareça o mais rápido possível. - Ele mesmo riu de suas últimas palavras.

- A pessoa que aqui se encontra está muito furiosa, não admite ser acusada, porém já temos prova de foi ela quem fez o disparo.

Naquele instante Erick empalideceu, em algumas horas estaria frente a frente com o seu algoz, conheceria a pessoa que quase destruía todos os seus sonhos.

Então o delegado tratou de fazer a parte burocrática da papelada e depois começou a fazer as perguntas habituais, enquanto o escrevente registrava tudo o que era dito. Depois de quase duas horas de interrogatório, uma pausa para uma água e um café, finalmente o encontro tão esperado.

Ele ainda ficou meio confuso e inseguro. E se a pessoa da qual falavam fosse inocente? E se ele cometesse um grave engano e condenasse alguém injustamente? Ele, como advogado, muitas vezes teve receio de cometer alguma injustiça. Sempre que pegava alguma causa, era muito cauteloso e fazia questão de investigar todos os fatos minuciosamente.

Por um momento todos saíram da sala, deixando somente Erick e Rosie. Fez-se um silêncio maior e depois de alguns segundos ouviram uma pessoa esbravejando e falando muito alto, dizendo coisas sem nexos e finalmente, a porta se abriu e eis que surge uma mulher que carregava em seu olhar uma expressão de muito ódio.

- Você conhece esta senhora? – perguntou o delegado.

Os dois ficaram paralisados e chocados.

- Não está feliz em me ver? Não vai dar um abraço na sua mãe? - De repente ela caiu numa gargalhada sinistra. - Que caras são essas? Fiz com você o que já deveria ter feito há muito mais tempo. - Falou a mulher com dedo em riste apontando para Erick.

- Eu não posso acreditar. Rosie me diga que tudo isto é um pesadelo!

- Por favor, Erick tente se acalmar. - Ela estava tão assustada quanto ele.

- Você acabou com os meus sonhos, eu tinha o plano perfeito e você conseguiu me destruir.

- Isto não é verdade, eu sempre quis te proteger, sempre desejei o melhor para você!

- Se Paloma sumisse das nossas vidas, eu tinha certeza de seríamos felizes eternamente, e você acabou com tudo isto, destruiu minha felicidade.

Ela começou a chorar e agredir cada vez mais Erick com palavras e ele não sabia nem o que pensar.

Rosie deixou que eles discutissem e falassem tudo o que estava guardado durante todos aqueles anos.

- Eu nunca vou lhe perdoar! – Ela estava muito nervosa.

- Acho que quem não é digna de perdão é você. – dizia ele revendo agora toda cena do dia do disparo. Sentiu-se como se fosse enlouquecer, o tiro, a abordagem da mãe, foi tudo tão rápido. - Você foi tão cruel quanto meu pai.

- Não diga isto de Osvaldo. Ele foi seduzido pela safada da sua irmã, aquela dissimulada que acabou com o meu casamento.

- Não toque mais no nome de Paola! Afinal, ela sim foi a grande vítima da mente doentia, sua e de meu pai. E eu que sempre pensei que você era uma coitada.

O delegado teve que entrar no meio da conversa.

- Então quer dizer que a senhora Elisa tem muito mais culpa no cartório do que podíamos imaginar? Por favor senhor Erick, vamos deixar para esclarecer todos os fatos em depoimento.

- Eu só preciso fazer mais uma pergunta para minha mãe, antes de encerrarmos esta conversa.

- Tudo bem, seja breve.

- Minha mãe, me diga onde foi para todo amor que dizia sentir por nós? Como teve a coragem de agir assim com a sua própria filha? Paola passou por tantas humilhações, sempre foi rejeitada pelo meu pai. E depois foi assim que você demonstrou o seu de amor? Deixou-a a própria sorte, entregou-a de bandeja nas mãos de um destino cruel.

- Foi ela a grande causadora, foi ela que sempre se insinuou, e depois veio com aquela história de era uma vítima. Você se lembra daquela noite em que fui embora? Foi justamente porque a surpreendi com seu pai, eu sim fui humilhada dentro do meu próprio lar.

- Então quer dizer que vai continuar defendendo o senhor seu marido?

- Parem de discutir por um momento, preciso finalizar o interrogatório.

Os dois se calaram. Estava sendo muito difícil para Erick ouvir todas aquelas crueldades. Suas mãos começaram a tremer, não queria acreditar em tudo que acabara de escutar.

- Por favor, Erick, tente se acalmar. - Disse Rosie um tanto perplexa com tudo que ouvira até aquele momento.

Quando enfim tudo ficou esclarecido, os dois voltaram para casa e Elisa continuou detida.

## CAPÍTULO 28

Naquela cela pequena e imunda, Elisa olhava-se no espelho, recordava-se de todo seu passado amargo, repleto de decepções.

Lembrou-se que logo depois de ter saído de sua casa, naquela noite, após uma longa discussão com Paola e Osvaldo, ela partiu. Foi direto para rodoviária e ficou ali a madrugada inteira decidindo que destino tomar. Afinal vivera tantos anos com Osvaldo sem jamais sair daquele lugar.

Enfim decidiu que iria para cidade de São Paulo. Com certeza lá encontraria algum lugar para morar.

O próximo ônibus sairia dentro de alguns minutos. Seu coração disparou. Sabia-se lá o que seria da sua vida dali pra frente. Ela não descansou a viagem inteira, e antes do meio dia já estava chegando na imensa cidade rodeada de prédios e um amontoado de pessoas que mal se olhavam. Estavam todos ocupados demais com seus próprios problemas.

Elisa ficou sem saber que direção tomar, e também teve receio de se informar com qualquer pessoa, afinal perguntar o quê? Para onde iria? Durante umas seis horas, ficou rondando sem destino naquela rodoviária. Estava exausta, suas pernas doíam e a única coisa que conseguira comer foi um salgado e um café com leite numa lanchonete próxima de onde estava, e ela não descuidava um único segundo de sua mala.

Quem a observava atentamente era um motorista de táxi. Ele já havia feito umas quatro viagens e a mulher ainda se encontrava por ali, parecia até que estava perdida, foi então que decidiu abordá-la.

- A senhora precisa de ajuda? Parece que está perdida.

Ela olhou meio assustada, porém precisava confiar em alguém.

- Quem sabe o senhor poderá me ajudar! Estou precisando encontrar um pensionato, pois ainda não tenho nenhum lugar definitivo para ficar.

- Ah claro! Aqui próximo tem uma pensão muito simples, mas muito boa. É a pensão da dona Carmelita, se a senhora quiser posso levá-la até lá.

- Se o senhor puder fazer isto por mim, eu agradeço.

O taxista, senhor José, rapidamente pegou a pequena bagagem de Elisa e levou até o carro, depois abriu a porta do passageiro para que ela pudesse entrar.

- A pensão fica bem próxima daqui da estação da luz, porém o trânsito neste horário é infernal. O que poderia ser feito em apenas alguns minutos pode levar até uma hora. - E realmente o pequeno trajeto demorou uma hora e quinze minutos. A noite já estava caindo, e na verdade o que ela mais queria era ter um canto para poder descansar e só então depois pensar em sua vida.

Quando enfim pararam em frente aquele casarão antigo e de aspecto abandonado, ela ficou um tanto amedrontada, mas decidiu descer do carro. José rapidamente pegou a mala e entregou em suas mãos, ela continuou paralisada.

- Então, a senhora não vai tocar a campainha?

-Ah me desculpe! Ela abriu a bolsa e pagou o valor da corrida, José ao receber, em troca deu-lhe um cartão e disse que ela poderia ligar a qualquer momento caso precisasse de alguma coisa, Elisa agradeceu.

Ele ainda esperou que ela tocasse a campainha e só saiu dali quando alguém foi atendê-la. Surgiu então uma mulher aparentando uns cinquenta anos, cabelos grisalhos, baixa e muito magra. Pela aparência demonstrava que acabara de acordar.

- Pois não?

- Boa noite, meu nome é Elisa e estou precisando de um lugar para ficar, o taxista, o senhor José me trouxe até aqui e disse que a senhora poderia me ajudar.

- Não costumo abrigar pessoas estranhas. A maioria das pessoas que mora aqui são apresentadas por amigos, ou parentes que vem de longe.

- Por favor, estou precisando muito.

Carmelita olhou ao redor, examinou Elisa da cabeça aos pés. A noite começava esfriar e parecia até que ia chover. Decidiu deixá-la entrar.

Dentro daquele casarão cheirando a mofo, Elisa seguiu todas as ordens da mulher. Preencheu um pequeno questionário e depois a seguiu até o final do corredor, onde se encontrava um quarto com poucos móveis. Ela colocou a mala no chão e aguardou mais algumas instruções.

- O café da manhã é servido até as oito e meia, peço que não se atrase, senão vai ficar sem. Amanhã conversaremos mais, boa noite.

Quando Carmelita saiu, Elisa respirou fundo e depois foi até uma pequena janela. De onde ela estava, só conseguia visualizar um muro alto e branco.

Decidiu guardar suas roupas na pequena cômoda, depois foi tomar um banho quente e foi direto dormir, pois o outro dia prometia.

Na manhã seguinte Carmelita acordou às cinco da manhã e já foi para cozinha dar as ordens para que o café estivesse no refeitório pontualmente as seis da manhã, afinal muitas pessoas que ali moravam tinham que sair cedo para o trabalho.

Elisa, quando acordou, sentiu o corpo todo dolorido, e também uma ponta de tristeza bateu em seu coração. Afinal, apesar de tudo, ela não podia negar, ainda amava o cafajeste do marido. E também sabia quanta falta iria sentir de Erick, seu único amigo e companheiro.

Porém no dia em que saíra de Araraquara, estava possessa demais para pensar em alguém. A única coisa que sentira naquele dia, era uma revolta muito grande, pois sempre fingiu não ver tudo o que acontecia bem debaixo do seu nariz. Bem que foi merecida aquela surra que dera em Paola antes de partir, ela bem que mereceu. E quanto a Osvaldo, não sabia nem o que dizer. – Pensava Elisa enquanto se preparava para ir tomar seu café.

Quando chegou ao refeitório, encontrou uma meia dúzia de pessoas que falavam todas ao mesmo tempo, inclusive Carmelita. Aliás, era a que mais falava.

Elisa sentou-se timidamente numa mesinha ao lado e tratou de se servir.

- Mas dona Carmelita, a senhora falou que tinha hóspede novo na casa! – Comentou seu Geraldo, morador antigo da casa.

- É verdade pessoal! Gente, esta moça que vocês estão vendo é a... Como é mesmo seu nome?

- Elisa. - Foi o que disse secamente.

Todos a cumprimentaram e continuaram na falação. Aos poucos um a um foi saindo, a maioria estava indo para o trabalho.

Quando todos saíram, Carmelita começou a tirar as xícaras das mesas e Elisa rapidamente começou a ajudá-la, afinal não estava acostumada a ficar parada vendo alguém trabalhar.

- Obrigada por me acolher, a senhora nem me conhece e mesmo assim confiou em mim.

- Não precisa me agradecer, tenho certeza de que você é uma boa moça. Não costumo acolher qualquer um que bate à minha porta. Dou preferência para pessoas que são apresentadas por algum antigo morador, afinal tenho que

preservar a boa reputação da minha pensão. Aqui formamos uma grande família, e com certeza daqui a algum tempo você também vai se sentir assim.

- Ainda estou muito confusa, sem saber direito o que vou fazer aqui em São Paulo. Por enquanto ainda tenho algumas economias, mas depois preciso arrumar um trabalho.

- Espero que consiga logo!

As duas ficaram em silêncio. Carmelita não queria se aprofundar na conversa.

Com o passar do tempo as duas se tornaram grandes amigas, e como Elisa não conseguia arrumar nenhum emprego, acabou aceitando a proposta de Carmelita e ficou trabalhando com ela. Ganhava pouco, mas pelo menos conseguia pagar a hospedagem, e ainda guardava o restante, pois um dia ainda voltaria a sua cidade.

Com o passar do tempo, ela decidiu revelar a Carmelita o real motivo de sua vinda para São Paulo. Falou de toda sua mágoa e toda sua ira. Ainda sentia muita raiva e não conseguia perdoar Paola. Afinal, fora apunhalada pelas costas. Carmelita tentava fazê-la entender o quanto a filha havia sido a vítima, porém Elisa não admitia isto.

Já fazia quase dois anos quando ela resolveu que voltaria para Araraquara, queria colocar um ponto final naquela história. Decidiu que iria se instalar em algum lugar onde ninguém pudesse descobrir que ela estava na cidade.

Foi no mês de setembro, numa madrugada fria e de muita garoa que ela partiu. Naquele momento era o amor e o ódio que caminhavam juntos. Qual dos doisalaria mais alto em seu coração? Teria mesmo coragem de perdoá-los por tudo lhez fizeram? Ela ia se remoendo, até que adormeceu. Carmelita havia deixado isso bem claro, que somente o amor e o perdãotrariam a verdadeira paz para a vida de Elisa.

Quando finalmente chegou à cidade, tratou de procurar um hotelzinho na beira de estrada. Depois que se acomodou, resolveu dar uma volta. Queria ver se muita coisa estava mudada, porém notou pouca diferença.

Durante uma semana fez a mesma coisa, tomando o devido cuidado para não ser reconhecida. Usava sempre óculos escuros e usava um agasalho preto com capuz, assim ficaria muito mais difícil de reconhecê-la.

Os bilhetes foram jogados na porta de Paola. Também arrumou um jeito de se encontrar com Osvaldo, não suportava mais a ideia de viver longe dele, se ele topasse iriam embora juntos e depois que se encontraram planejaram tudo.



Ela já conhecia todos os horários em que a filha ficava sozinha, agora era só uma questão de oportunidade. – pensava ela enquanto ia se deitar para dormir. E foi naquela manhã que decidiu dar a sua sentença. Elisa entrou na casa sem maiores problemas, Osvaldo deixara o portão encostado. Ela foi até o quintal dos fundos e lá pode verificar que a porta da cozinha estava entreaberta.

Entrou e olhou tudo atentamente. Sentiu um arrepio lhe percorrer a espinha. Lembrou-se do último dia que estivera ali, a toalha da mesa e o jarro de flores ainda eram os mesmos, porém no jarro muitos papéis, nada de flores.

Elisa andou silenciosamente pelo corredor, seu coração parecia que ia saltar pela boca. A porta do quarto de Paola estava fechada. Girou a maçaneta e viu que estava trancada. Decidiu que esperaria o tempo que fosse necessário para executar seu plano.

Deu mais alguns passos e chegou até seu antigo quarto. Entrou vagarosamente, e quando acendeu a luz o que viu foi um lugar totalmente em desordem e cheirando a mofo. Provavelmente aquela janela não era aberta há anos. Ela não se demorou muito ali, rapidamente fechou a porta e saiu. Foi até o quarto de Erick, a porta estava só encostada. Aquele lugar sim, lhe trazia boas recordações. O carinho do filho amado e atencioso. Naquele instante sentiu que o amava mais do que tudo.

De repente ela ouviu um barulho vindo do corredor. Provavelmente Paola acordara. Naquele instante sua respiração ficou ofegante e um grande ódio se apoderou em seu coração. Esperou mais alguns minutos e percebeu que a filha fora até o banheiro. Decidiu voltar para cozinha e se escondeu atrás do armário. Logo depois Paola apareceu, e nem percebeu que estava sendo observada. Foi até o armário embaixo da pia para pegar uma chaleira. Quando se abaixou viu um vulto bem ao seu lado e na mesma hora soltou um grito e foi se afastando.

- Não precisa ficar assustada!

- Mãe? Mas o que está fazendo aqui? Como entrou?

- A porta estava aberta, e porque está tão assustada? Esta casa ainda é minha.

- Eu não pensei nada! A senhora bem sabe tudo que passei e tudo que passo até hoje.

- Por favor, não me venha com suas desculpas novamente! Eu sei muito bem quem é você.

- Não pode me acusar injustamente, eu sou uma vítima, até quando vou ter que provar a minha inocência? Talvez, se a senhora tivesse ficado do meu lado e me defendesse daquele monstro, talvez hoje eu não sofresse tanto.

Paola olhava assustada para mãe, afinal não sabia do que ela seria capaz.

- Não me diga bobagens, menina! – Elisa falava com muita raiva no olhar. – Continuou – Você sempre foi uma dissimulada, por isso deu no que deu. Apesar de você ser minha filha, não consigo esquecer tudo o que acontecia bem debaixo do meu nariz e durante muito tempo.

- Preciso muito que me ajude. Ainda sofro muito com tudo isto.

- Não acredito nisto! Você está mentindo, é uma dissimulada mesmo!

- Então se é isto que pensa ao meu respeito, mesmo depois de tanto tempo. Acho que é melhor a senhora ir embora, prometo que não contarei ao Erick.

- Eu vou sumir desta cidade, mas antes preciso terminar um serviço!

- Que serviço?

Naquele instante Elisa puxou uma faca de dentro da sua bolsa. Foi tudo muito rápido, já partiu para cima de Paola. As duas começaram uma luta. Era tudo muito desigual, pois a menina estava muito debilitada, e aos poucos ela foi perdendo as forças. A mãe não pensou duas vezes, e a golpeou. Ela ainda tentou correr para o seu quarto, mas quando lá chegou, mais uma vez foi golpeada. Caiu e tentou se levantar, e correr para o quintal. Talvez lá conseguisse gritar por socorro. Elisa, porém, parecia um animal feroz, sem piedade alguma.

Paola foi novamente golpeada no pescoço, desfalecendo. Elisa, ainda possuída de uma ira descomunal, pegou um tijolo e bateu várias vezes no rosto da filha. Ela estava exausta, quando se certificou de que Paola estava morta. A virou de bruços, não queria ficar olhando aquele rosto desfigurado.

Ela ainda voltou para dentro de casa, foi até o banheiro e lavou o rosto e as mãos. Depois tirou o sangue da faca e guardou novamente em sua bolsa. Depois de tudo, ainda permaneceu na cidade mais três dias na companhia de Osvaldo. Deixaram a poeira baixar, quando ele decidiu pegar suas coisas para juntos sumirem da cidade.

Mas as coisas não saíram como o planejado, Erick acabou de vez com os seus sonhos e teve que partir sozinha de volta para São Paulo.

Quando Elisa voltou de Araraquara, contou que ficou com medo de tudo que acontecera lá, e jurou para Carmelita que não teve culpa nenhuma naquela história escabrosa. A amiga acreditou e nunca duvidou de que pudesse ser uma grande mentira.

Se dependesse de Carmelita, ela já teria se arrependido de tudo. Afinal, com tantos anos de convivência aprendera muitos ensinamentos construtivos de amor e perdão.

Sempre ouvia a velha amiga dizer que o perdão era a chave para acabar com grandes sofrimentos, porém ela ainda se sentia incapaz de tamanho desprendimento. Mas quem sabe, um dia chegaria a pensar desta forma. Talvez tivesse que viver mais uns mil anos para entender o significado de amor e perdão.

A imagem refletida no espelho assustou Elisa, pareciam cenas de um filme de terror. Ela não conseguia entender por que ainda não se sentia capaz de se arrepender. Já se passara tanto tempo e ainda tinha sede de vingança.

Seu filho, o qual ela entregou todo seu carinho e amor, acabara com seus sonhos quando pôs fim a vida de Osvaldo, pois não acreditava que tinha sido um tiro acidental.

Quando se viu livre de Paola, tinha certeza de que havia cometido o crime perfeito, e achou que estaria livre para viver com Osvaldo o resto de sua vida, sua intenção era levá-lo embora para bem longe, onde pudessem ser felizes de verdade, como nos velhos tempos.

Enfim, as recordações daquela manhã serviram para reforçar a ideia de que tomara a decisão certa ao tentar acabar com a vida de Erick.

E vê-lo frente a frente só fez aumentar o seu ódio. Bem que Osvaldo tinha razão, parecia até que sabia quanto mal aquele filho iria lhe fazer e foi no que acabou acontecendo.

## CAPÍTULO 29

Erick queria entender o que levava a sua mãe a cometer tantas barbaridades.

Que amor era aquele que ela dizia sentir? Um amor que era capaz de destruir vidas, destruir sonhos.

Em nome do amor já ouvira muitas histórias, pessoas que se anularam e outras que destruíram a vida de outras pessoas.

- O que foi meu bem? Está tão pensativo.

- Oh, me desculpe Rosie. Eu por um momento me vi questionando o porquê de tantas tragédias, tantas injustiças em nome do amor. Você já parou para pensar no quanto o amor e o ódio caminham lado a lado? Veja o caso de minha mãe, ela acredita cegamente que fez o correto. Será que algum dia ela irá se arrepender?

- Sei que é doloroso o que vou dizer, mas normalmente estas pessoas cometem muitas atrocidades porque já estão tão obcecadas, e se tornam tão individualistas, que acreditam ter o direito de dar uma sentença final e dificilmente se arrependem.

- Sabe Rosie quando a vi ali, percebi como ela está perturbada. Ela escolheu viver anos e anos em cima de sentimentos de ódio e vingança. E apesar de tudo eu ainda a amo, mesmo depois de tudo, acredito até que sou capaz de perdoá-la.

- O sentimento que tenho em meu coração ainda é aquele ligado a minha infância, o carinho que ela sempre me dedicou, o amor que tantas vezes vi refletido em seu olhar, na sua maneira de ser. Não estou querendo dizer que ela não deva pagar pelos seus atos insanos. Porém hoje, o que vejo, é que seu amor doentio a levou para um caminho quase sem volta.

- Já ouvi muitas histórias de pessoas que perderam o bom senso quando se sentiram deixadas de lado. Certa vez li uma frase que me deixou muito intrigada na qual dizia que o ódio é o amor que adoeceu. Sabe, Erick, acredito que sua mãe amou seu pai desesperadamente. Porém quando se sentiu ameaçada, quis resolver as coisas do seu jeito, tornou-se uma pessoa com sede de vingança.

- É complicado tudo isto, ela transformou todo seu amor em loucura, obsessão.  
– Ele ficou pensativo e depois concluiu. – Ainda preciso trabalhar muito dentro de mim todos esses sentimentos.

- Vamos deixar o tempo correr meu amor.

E finalmente depois de dois dias infindáveis, Rogério estava voltando para casa. Trazia em seus olhos o brilho do encantamento. A saudade da mãe o corroia por dentro.

Faltavam apenas dez dias para o Natal.

Naquela manhã Erick acordou ansioso e apreensivo. Natália fora convidada para passar alguns dias junto com eles, todos acordaram muito cedo.

- Papai, como acordou hoje? Está com uma cara de preocupado!

- Minha filha, não estou preocupado, só um pouquinho ansioso. Afinal, não é todo dia que se conhece um filho com quase vinte anos de idade. – Ele a abraçou e a beijou no rosto.

Quem acabou de entrar foi Rosie.

- Também quero meu abraço!

Os três ficaram abraçados durante alguns minutos e Erick continuou a falar.

- Apesar de tudo que já passei, o que posso dizer hoje é que a vida está sendo muito generosa comigo. Recebi da vida muito mais do que pedi. Tenho vocês ao meu lado e isto tem me fortalecido cada dia mais. Hoje posso dizer que me libertei de todos os meus pesadelos, sinto que agora posso seguir a minha vida de cabeça erguida.

- E quanto a sua mãe, o que o senhor pensa a respeito?

- Eu a perdoo do fundo do meu coração. Sei o quanto é difícil dizer e sentir isto. Talvez ela jamais admita que agiu de forma errada. Mesmo assim, estarei disposto a lhe estender a mão na hora em que precisar. Nunca devemos esquecer que o mal não se paga com o mal, e sim com justiça e perdão.

Rosie queria falar também.

- Quando Elisa decidiu que a vingança seria o melhor caminho, ela perdeu a oportunidade de amar e amparar aqueles que um dia ela escolheu para ser a sua família e acabou ficando sozinha.

- Porém, minha filha, não devemos julgar e nem tampouco querer fazer justiça com as próprias mãos. Ela errou e vai pagar por tudo que fez. Quanto a mim, vou esperar pelo dia em que ela se dê conta de todo mal que casou a todos nós e a si mesma.

Quando ele olhou no relógio já estava na hora de saírem, apressadamente se encaminharam para rodoviária.

Quando lá chegaram, Rosie foi de encontro ao filho querido de braços abertos.

- Mãe, que surpresa boa! Vejo que está com uma aparência bem melhor do que quando a deixei neste mesmo lugar, há alguns meses.

- Obrigada, filho. Eu também estou muito feliz em reencontrá-lo, agora vamos, tenho uma surpresa a lhe fazer!

- Não me diga que a vovó Letícia está aqui com você?

- Não! Vamos, não podemos perder mais nenhum minuto.

Quando se encaminharam para o estacionamento, Rogério evitou fazer muitas perguntas, porém sentia que algo muito significativo estava para acontecer. Ao se aproximarem do carro, Erick abriu a porta e desceu. Ficou paralisado e ao mesmo tempo deslumbrado com o que viu. Afinal, era como se tivesse voltado no tempo, e estivesse vendo a si próprio com dezenove anos.

A reação de Rogério não foi diferente. Apesar de nunca tê-lo visto, sentiu uma emoção muito diferente, na verdade ele sempre sonhara com aquele momento. Havia passado a infância toda imaginado como seria se um dia o encontrasse, achava que jamais o reconheceria. Mas naquele instante não soube explicar, os dois se abraçaram e choraram de alegria.

- Não posso acreditar no que está acontecendo meu filho! Nem sei se mereço tanta alegria.

- Pai, você não sabe como esperei por este momento, nunca deixei de acreditar que este dia chegaria.

Logo Rosie tratou de apresentar Natália, que também estava muito emocionada com aquela cena, Os dois se abraçaram e disseram que com certeza teriam muitas coisas para conversar, riram descontraidamente.

Aquela semana foi uma semana de muitas descobertas, confidências, e quanto mais o tempo passava, menos Rosie queria que Erick fosse embora.

Já estavam na véspera do natal quando Erick decidiu reunir todos em seu apartamento, inclusive Letícia. Ele fez questão de fazer um jantar especial,

Na varanda Erick e Rosie conversavam, lembrando os velhos tempos, enquanto Letícia ouvia os dois jovens falarem do quanto tinham em comum.

- Rosie, quero que me ouça com muita atenção. O que vou lhe falar é algo que já não posso mais adiar.

- Diga meu amor, o que tem de tão importante para me falar? Afinal já vivemos tantas emoções nestes últimos dias, já desvendamos tantos mistérios...

Naquele momento ele reuniu todos a sua volta.

- Quero que você se case comigo. Vamos concretizar nosso antigo sonho!

- Mas é claro que eu aceito!

Todos aplaudiram os noivos.

- Parabéns aos noivos! – disse Letícia secando uma lágrima que teimava em cair. – O que tenho a dizer é que desejo muitas felicidades a vocês. Muitos obstáculos vocês tiveram que superar, porém o amor foi a base de tudo e este mesmo amor, foi capaz de cicatrizar muitas feridas, foi capaz de passar por cima de todo ódio e egoísmo. Hoje estamos todos aqui reunidos na certeza de que o amor verdadeiro sempre haverá de ser a força maior que rege as nossas vidas. Aprendemos ao longo destes anos que o caminho que temos a seguir é o caminho do amor e do perdão e aprendemos que cultivar a mágoa e o rancor, só vai servir para que tenhamos uma vida de amargura e solidão.

- Obrigada Letícia, você tem toda razão nas palavras que acabou de dizer. Espero que um dia a humanidade possa compreender que a guerra não traz a paz e que as diferenças sejam respeitadas. Espero que um dia todas as crianças sejam amadas e protegidas como elas merecem ser.

Todos foram para varanda contemplar os fogos que iluminavam o céu.

Erick, em silêncio, fez uma prece de agradecimento por tudo que tinha vivido até aquele momento, e em seus pensamentos pediu paz e proteção para aquela que um dia ele tanto amou. E que apesar de tudo, ele ainda sonhava com o dia em pudesse abraçá-la e dizer que estava disposto a perdoá-la para que juntos pudessem trilhar o caminho da paz e do amor



## NOTA

*“Justamente naquela tarde, quando um grande temporal se formava, teve que voltar para casa de metrô, pois seu carro enguiçara na noite anterior e só ficaria pronto no outro dia bem cedo. Porém, enquanto caminhava rumo à Estação da Luz, observou o quanto aquela região crescera”* (Capítulo 1).

Aberta ao público em 1º de março de 1901, a Estação da Luz ocupa uma área de 7.500 metros quadrados do Jardim da Luz, onde se encontram as estruturas trazidas da Inglaterra que copiam o Big Ben e a abadia de Westminster. Não houve inauguração, já que o tráfego foi sendo deslocado aos poucos, mas não demorou muito para a que o novo marco da cidade fosse considerado como sala de visita de São Paulo. Todas as personalidades ilustres que tinham a capital como destino eram obrigadas a desembarcar lá. Empresários, intelectuais, políticos, diplomatas e reis foram recepcionados em seu saguão e por lá passavam ao se despedir.

A Estação tornou-se a porta de entrada da cidade também para os imigrantes, promovendo a pequena vila de tropeiros a uma importante metrópole. Esta importância, concedida a São Paulo Railway Station, como era oficialmente conhecida, durou até o fim da Segunda Guerra Mundial. Após este período, o transporte ferroviário foi sendo substituído por aviões, ônibus e carros, muito mais rápidos que os trens. Em 1946, o prédio da Luz foi parcialmente destruído por um incêndio. A reconstrução foi bancada pelo governo e se estendeu até 1951, quando foi reinaugurada. (<http://www.tecsi.fea.usp.br/>)

Outro detalhe naquela estação é o Museu da Língua Portuguesa, um lugar cheio de descobertas, com três andares de pura adrenalina, pois a cada andar uma nova surpresa, sem falar da “árvore da palavra” uma escultura de 16 m que foi criada por Rafic Farah, onde o visitante encontra a formação do português e do português falado no Brasil, palavras em português e a representação de objetos e animais. Além disso, no interior dos elevadores, os visitantes podem ouvir uma espécie de mantra, composto por Arnaldo Antunes, que repete as palavras “língua” e “palavra” em vários idiomas.



## **BIBLIOGRAFIA**

*<http://www.redededefesadedireitos.com.br/category/abrigosmoradias-provisorias/>*

*<http://grupomadarj.blogspot.com.br/p/sou-uma-mulher-que-ama-demais.html>*

*<http://www.clam.org.br/destaque/conteudo.asp?cod=11452>*